Cinearte
ANNO V
N. 237
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 10 DE SETEMBRO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000
Conrad Nagel

JÁ MANDOU EXAMINAR AS URINAS

Muitas vezes um individuo se apresenta bem disposto, vendendo saude e, no entanto, sob a ameaça de um mal sorrateiro, localizado nos rins ou na bexiga. Quando não for possivel mandar examinar a urina, deve-se, ao menos como preventivo, tomar durante alguns dias seguidos 2 a 3 limonadas de Helmitol por dia.

Desse modo se consegue livrar as vias urinarias de provaveis hospedes perigosos.

Ha muitos medicos que fazem uso systematico desse optimo antiseptico circulante.

BORBULHAS

Muita gente é victima de pequenas borbulhas que apparecem na mão e nos vãos dos dedos dos pés, de causa arthritica. Nestes casos deve-se submetter o paciente a um regimem lacteo-vegetariano e ao uso do grande eliminador do acido urico, denominado Hexophan, que a Casa Bayer-Meister Lucius apresenta em comprimidos e lithinado effervescente.

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organisado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz.

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintenio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. E'le já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TADOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer traba'hos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão qua'quer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra quelquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES	CONTOS HUMORISTICOS
comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, re'igioso	comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º col'ocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º col'ocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º col'ocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para-todos.."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

LEITURA PARA TODOS

publica

Novellas Maravilhosas de aventuras e de amores, fundadas na mais perfeita moral;

Vulgarizações Scientificas pelas quaes todas as descobertas se tornam comprehensiveis a todos;

Biographias Celebres dos sabios, cantores, musicos, escriptores, estadistas, inventores, artistas theatraes e cinematographicos;

Historias e Descripção de todos os povos antigos e modernos, particularizando as suas artes e os seus costumes;

Viagens e Caçadas por turistas e desbravadores em todos os continentes.

"Leitura para Todos" é uma pequena encyclopedia que se publica mensalmente e deve ser lida em todos lares.

LINDAS PHOTOGRAPHIAS—E ARTISTICOS DESENHOS

PREENCHA E REMETTA-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO:

Sr. Director-Gerente da "Leitura para Todos"

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21-RIO

Junto remetto-lhe a importancia de Rs....$.... para uma assignatura da "LEITURA PARA TODOS" pelo prazo de

6 MEZES	12 MEZES
16$000	30$000

Nome ....

Rua ....

Cidade e Estado........

....

NOTA: Corte com um traço o quadro que indica o periodo de assignatura que NÃO deseja. Os subscriptores juntarão a este coupon a importancia em carta registrada ou sellos do correio.

Lacca para pincel

GRANDE UTILIDADE ÁS DONAS DE CASA

Secca em 1|2 hora.

RIO DE JANEIRO:

ABEL DE BARROS & CIA.

Rua Buenos Aires, 233

SÃO PAULO:

J. ANTONIO ZUFFO & CIA. Ltda.

Largo General Ozorio, 9

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES

Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE

Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;—Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

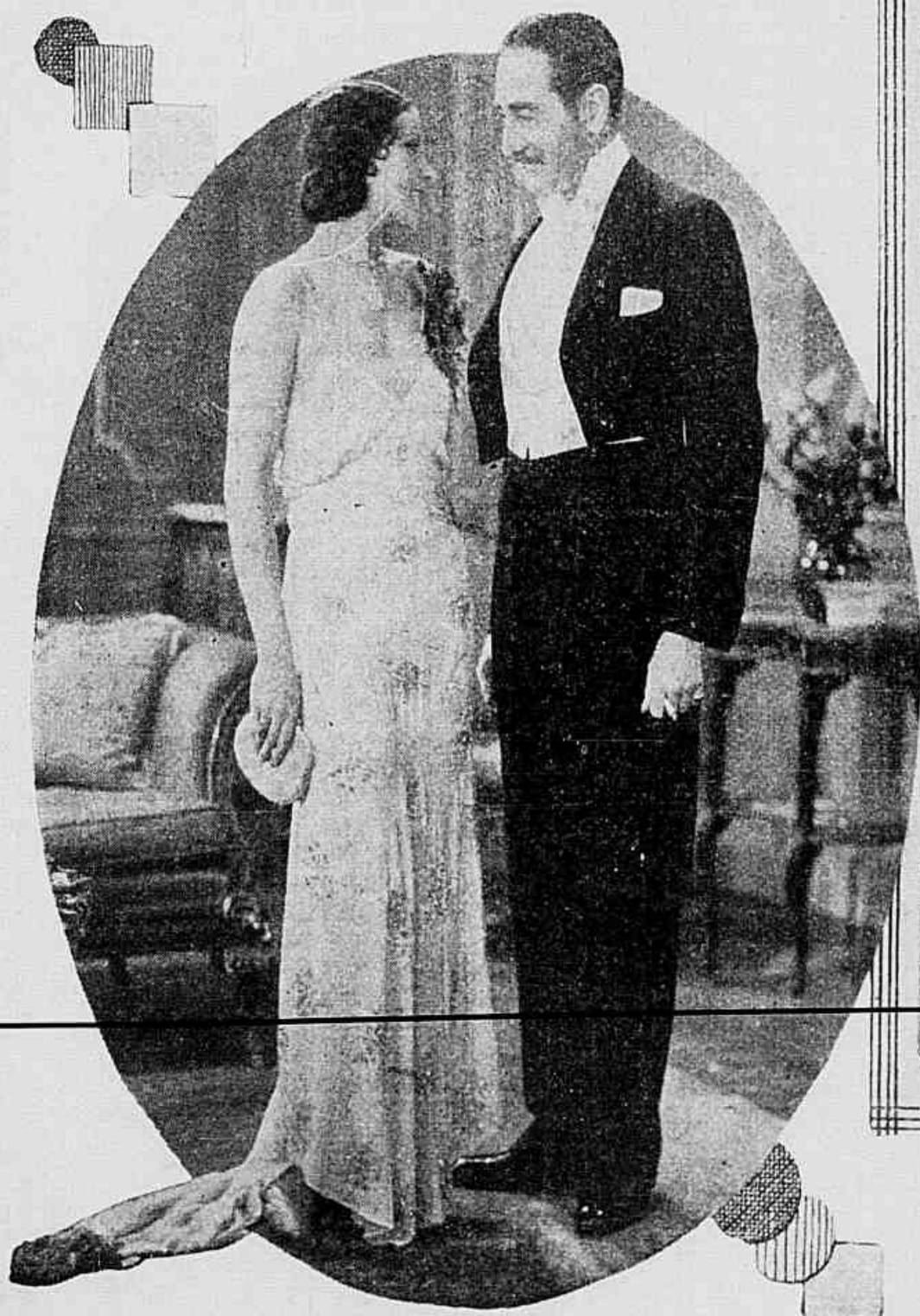
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1 037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood: L. S. MARINHO

os mais apreciados trabalhos de *borderie*, a elegancia do lar, toda uma escola de bom gosto para o vestuario e para o requinte fidalgo e distincto da habitação — são encontrados na revista mensal *Moda e Bordado*. Mais de 120 modelos parisienses de facil execução bordados a mão e a machina. Conselhos sobre belleza e elegancia. Receitas de pratos deliciosos e economicos. Procure a gentil leitora, hoje mesmo, adquiril-a, escrevendo á Empresa Editora de *Moda e Bordado* — Travessa do Ouvidor n. 21, Rio de Janeiro — e acompanhando seu pedido da importancia em carta registrada com valor, vale postal, cheque ou sellos do Correio. Os preços de *Moda e Bordado* são os seguintes: Numero avulso... 3$000; assignatura annual 30$000; semestral 16$000.

Amor Audaz

(L'énigmatique Monsieur Parkes)

— Versão em francez com

ADOLPHE MENJOU

E

CLAUDETTE COLBERT

— Versão em hespanhol com

ADOLPHE MENJOU

E

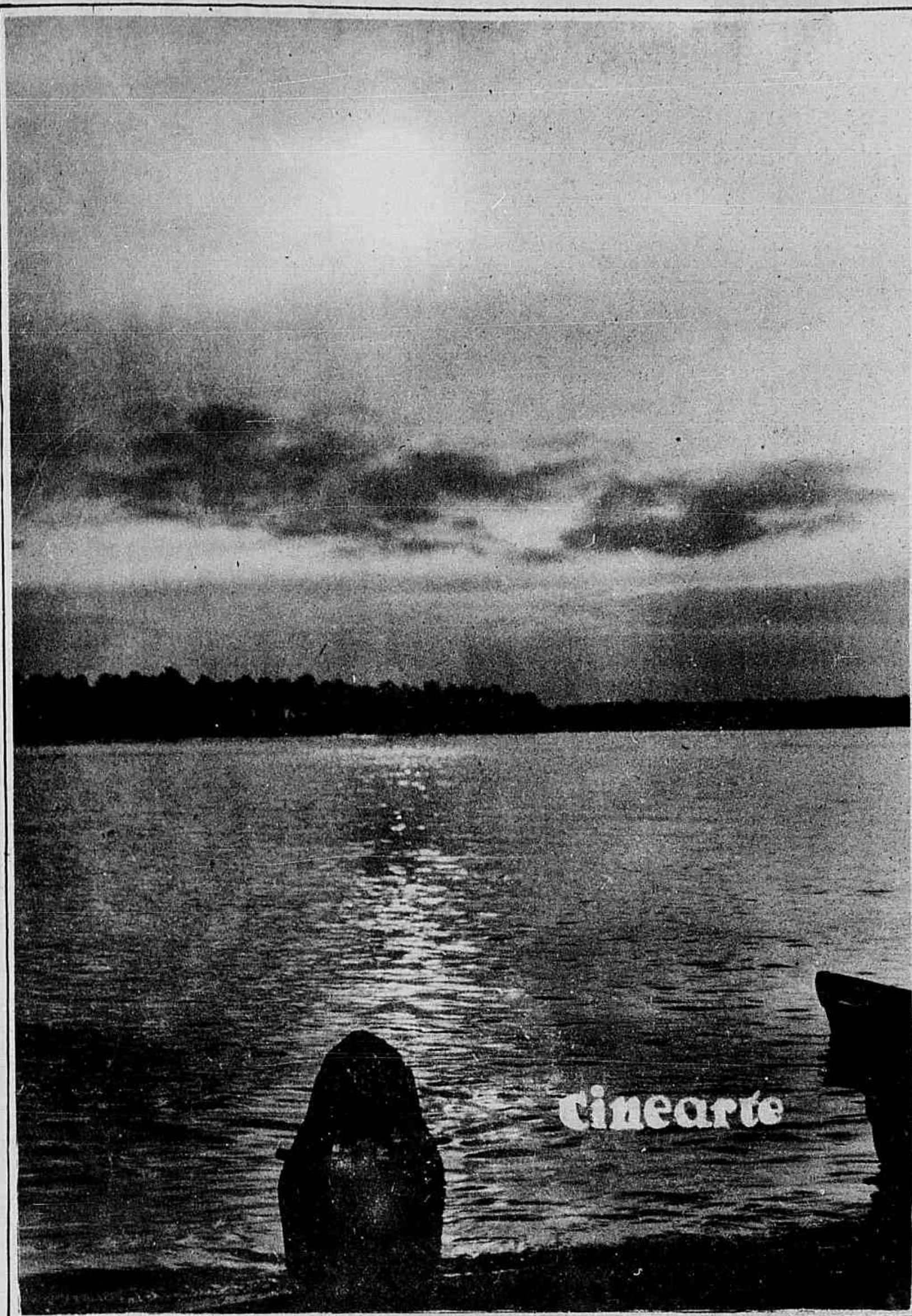
ROSITA MORENO

Brevemente no **IMPERIO**

CLAUDETTE COLBERT

ANNO V
NUMERO
— 2 3 7 —

10 DE
SETEMBRO
— DE 1930 —

SCENA DE "THE SEA BAT", DIRIGIDO POR WESLEY RUGGLES.

MAL haviamos iniciado algumas considerações a respeito da lei de direitos autoraes, cuja discussão ora se inicia na Camara dos Deputados, e eis que os factos se encarregam de mostrar quanta razão tinhamos em prever que assumpto que envolve tantos e tamanhos interesses, pouca ou nem uma attenção haveria de merecer, dahi resultando a possibilidade de continuarmos com uma legislação manca, falha, inçada de inconvenientes, tudo isso mercê da displicencia com que cuidamos de tudo neste paiz adoravel.

Em nenhum dos dispositivos do projecto ou das emendas se allude ao processo de deposito dos films a registrar, se em copia ou a simples descripção manuscripta, para garantir a sua propriedade e direito de utilização.

Materia apenas de regulamentação, poder-se-á allegar.

Não é nos regulamentos, entretanto, mas no texto das leis que em outros paizes se dispoz sobre o assumpto e nem nos parece que um regulamento, mero acto do Poder Executivo, possa innovar, introduzindo alterações ou completando os textos de lei. Regulamentos são as regras administrativas que orientam os que têm de applicar o texto legal e não podem estabelecer preceitos novos que desse texto não constem.

Esse, um dos defeitos que saltam logo á vista. Mas ha muitos outros ainda.

Uma das emendas apresentadas (e poucas, muito poucas foram) dispõe sobre o pagamento por parte dos musicos ou dos grupos orchestraes, taxa devida aos autores dos trechos executados em publico, quando seja cobrada qualquer contribuição na entrada do logar em que essa execução seja dada.

Ora ha uma distincção a fazer, nesse caso, de que já anteriormente tratámos.

Se um pianista, contractado por um cinema para acompanhar a exhibição dos films executa as peças do repertorio que só adquiriu, comprando os exemplares impressos da musica, para estudar, tiver de pagar uma taxa por quantas peças execute, que diabo de vantagem lhe adveiu dessa despeza já feita e que por sua vez já beneficiou o autor?

Mais ainda. A musica, no caso, é um simples accessorio.

Ninguem vae ao cinema para ouvir o pianista ou mesmo a orchestra.

Pelo contrario, o que se dá muitas vezes é que de boa mente os espectadores dispensariam esse acompanhamento de musica que não realça e muita vez contribue para tornar desagradavel um espectaculo cinematographico.

No caso do pianista, tolher-lhe a execução dos trechos sahidos, das musicas estudadas, equivale a tirar-lhe os meios de prover á sua subsistencia, de applicar a sua actividade, de exercer a sua profissão. Essa disposição é, pois, de patente absurdo. Que em um concerto, em que os espectadores pagam a entrada só para ouvir a execução das peças musicaes seja exigido esse pagamento, é muito justo, contra isso não nos insurgimos. Mas que a lei arme o autor ou os seus representantes de taes direitos que acabarão por condemnar os que vivem exclusivamente da sua arte a morrer de fome, ou a buscar outra profissão, é absurdo tamanho que contra elle não podemos deixar de erguer a nossa voz.

E', entretanto, para servir a essas exigencias absurdas que a emenda apresentada se destina. Já por vezes nos temos referido desta columna ás absurdas exigencias feitas ás orchestras de cinemas, aos seus proprietarios por uma Sociedade que se diz representante dos autores. E sempre aconselhámos a resistencia a essas pretenções que absolutamente não achavam justificativa em lei. Agora, na lei dos direitos autoraes, pretende-se introduzir dispositivo que justifique a acção futura desses interessados. Mas os outros, os musicos, os proprietarios de cinema por que não se mexem, na defesa dos seus interesses tambem? O projecto ainda terá de soffrer na Camara uma discussão e tres no Senado. Será tempo ainda de intervir afim de evitar os dissabores futuros. Depois não se queixem

lhos falados Ufaton. Até então, apenas tinha uma victrola de dois pratos e discos com os quaes synchronizava seus films.

Ninguem deve temer distribuir um bom film silencioso, para synchronizal-o com discos e exhibil-o em plena avenida. Não deve, porque o publico quer bons films, isto sim: com som ou sem som.

Humberto Mauro está activando a escolha de typos para o seu proximo film. Os principaes, mais ou menos, já se acham estudados. Mas ainda existem muitos outros que requerem minucias na sua escolha. Muitos já tem sido os candidatos a se offerecerem. Sem duvida, os approveitaveis terão suas opportunidades.

Por todo o mez de setembro, deve-se inaugurar, finalmente, o "Cinédia Studio", no qual restam apenas retoques de ultima hora a realizar. As primeiras scenas a serem montadas, no seu grande palco,

Paulo Morano e Tamar Moema, numa scena de "Labios Sem Beijos".

Crizetta Moreno, estrella de "Eufemia", da Internacional Film.

Cinema

Para serem lançados, brevemente, teremos os seguintes films: — "Labios Sem Beijos", "Parallelos da Vida", "Eufemia", "O Mysterio do Dominó Preto".

"Messalina", o film de Lulu de Barros, acha-se em exhibição no Rio, no theatro Phenix, com reclames espalhafatosas. A secção de critica, naturalmente, falará do film; dentro em breve.

Tendo-se offerecido expontaneamente para um pequenino papel que ainda restava em "Labios Sem Beijos", numa scena de festa, num appartamento, Celso Montenegro conseguio-o e, assim, fez; antecipadamente; sua estréa no elenco da "Cinédia".

Esta scena, aliás, filmada domingo passado; pela sua homogeneidade e pela quantidade de excellentes extras que teve, será uma das mais movimentadas e uma das interessantes que até hoje já se filmaram. Tomaram parte nella, além de Celso Montenegro, Gina Cavallieri, Paulo Morano; Carmen Violeta, Lêda Léa e mais uma quantidade de rapazes e pequenas que foram o encanto de quantos assistiram á scena.

Com ella, aliás, terminou Humberto Mauro, de vez, o negativo do film. Para Outubro, finalmente, póde-se prognosticar o seu lançamento.

Se o exhibidor ou o distribuidor allegarem, por acaso, que os films Brasileiros não são acceitaveis, porque são silenciosos. Não se lhes devem ser antepostos sinão o argumento de que elles proprios nada mais fazem do que synchronizar com discos ou no proprio movietone, films inteiros.

O exemplo de "Bonecas de Lama", "Noite de Idyllio", "Homens Perigosos" e outros films, podem ser citados. E se o publico não foge dos Cinemas que exhibirem um film falado em hespanhol, como "Rio Rita", que tem apenas falas hespanholas gravadas em cima da pronuncia ingleza dos artistas, quando abrem os labios, então podem socegar que todos os outros films tambem serão apreciados, se tiverem discos razoaveis, synchronizando-os.

O Rialto, por exemplo, apenas ultimamente inaugurou, realmente, seus appare-

são as de "O Preço de um Prazer", cuja filmagem, depois disto, será energicamente activada, para que o film, em fins de Outubro, esteja todo filmado.

No fim deste mez, offereceremos aos "fans",

uma estatistica referente á correspondencia recebida pelos nossos artistas, durante o mez. E' um trabalho que acaba de ser inagurado dada a affluencia sempre crescente e cada vez maior da correspondencia dos nossos principaes artistas.

Octavio Mendes já está activando, tambem, o scenario do seu primeiro film para a "Cinédia", que terá Lelita Rosa e Celso Montenegro, nos principaes papeis, conforme já foi annunciado. E' um argumento de Adhemar Gonzaga e está sendo por ambos scenarisada. Gina Cavallieri, provavelmente, terá um bom papel, tambem.

Pedro Fantol, uma das maiores personalidades do Cinema Brasileiro, o artista differente e admiravel que vimos em "Braza Dormida" e "Sangue Mineiro" terá um dos principaes papeis do proximo film de Humberto Mauro para a Cinédia, "A dansa das Chammas". Paulo Morano tambem está considerado para um dos papeis desta producção, se bem que agora tenha se dedicado a camera.

Brutus Pedreira, numa scena de "Limite", o film que Mario Peixoto está dirigindo.

Cleo de Verberena, directora e principal interprete de "O Mysterio do Dominó Preto", da Epica Film.

"Barber John's Boy", da Warner Bros., é o recente esforço directorial de Allan Dwan.

Dina Smirnowa, celebre dansarina russa, acaba de se casar com o director Frank Tuttle, da Paramount.

Ralph Graves, sob contracto com a Columbia. Para dirigir e representar. Assignou com a Universal um outro. Apenas para escrever adaptações e fazer scenarios proprios. Que tal?...

Os films de Menjou, para a M G M, serão feitos em 3 linguas. Inglez, francez e hespanhol.

"The Painted Desert", da Pathé, dirigido por Reeves Eason, terá William Boyd no principal papel e Dorothy Burgess, como "leading".

James Cruze acaba de assignar um importante contracto com a M G M. Naturalmente, independente disto, continuará produzindo para a Sono Art.

Mazyl Jurema e Rodolpho Cavalcanti, interpretes de "No Scenario da Vida", que Luiz Maranhão dirige, em Recife.

A historia da Vida de Lon Chaney

Em "Monstro do Circo"

Uma sua careta para assustar velhas e crianças e ganhar mais bilheteria.

Em "Seducção"

Com Tod Browning, o "seu director", num intervallo de filmagem de "Oeste de Zamzibar.

Aqui está, em resumo, um pouco do que foi, na arte e na vida, Lon Chaney, o artista que a morte tão cruelmente acaba de ceifar. Quem assistiu *Castellos de Illusões, Ridi, Pagliaccio, Gemidos da Vida, Emquanto a Cidade dorme* e tantos outros dos seus films, não poderá jamais olvidar essa figura immensa que não mais apparecerá, na vida, representando o papel sympathico que todos lhe reconhecem.

No emtanto, para que melhor delle se recordem, aqui vae a lista completa dos seus trabalhos. A maior affirmação de quantas já fizeram quando á qualidade de artista que elle foi.

Aqui está elle:

Nós proprios, francamente, não desejariamos estar aqui contando peripecias da vida de Lon Chaney. Não desejariamos, porque, francamente, todos os instantes que passamos ao seu lado, ouvindo suas tristezas e suas amarguras. Ao lado de suas bem poucas alegrias. Não compensam, absolutamente, o symptoma desagradavel que se sente a impressão que se tem de que se está commettendo qualquer cousa sacrilega e não permittida que até, mesmo, possa vir a tocar qualquer ponto mais sensivel daquelle que tão bondosamente accedeu ao nosso insistente convite.

Já é difficil escrever a vida commum do mais commum dos homens. Agora é facil imaginar o quão difficil será, nesse caso, escrever-se a vida do genio exquisito e admiravel que foi Lon Chaney. E', mesmo, tarefa quasi impossivel.

Felizmente, porém, tivemos a opportunidade de entrar pela sua vida a dentro, como, até hoje, parece, ninguem ainda o conseguiu e isto, logicamente, nos envaidece até certo ponto.

Quando terminamos a nossa longa conversa que vão passar a ouvir, elle me disse, numa cadencia triste que lhe é peculiar, fóra do seu trabalho estafante de todos os dias.

— Creia, contei-lhe cousas que á ninguem, até hoje, eu disse! E, cousa estranha, contei justamente á si, numa entrevista, a cousa mais odiosa para mim, na vida... Foi, sem duvida, a cousa mais louca que ouvimos, em toda a vida. O sangue nos affluio ao rosto, sem querer e um prazer intenso e incontido nos fez quasi trahir o enthusiasmo desmedido de que nos achavamos então possuidos...

E, se já o apreciavamos, como artista, mais o ficamos apreciando, ainda, como sensibilidade rara que é. E, ainda, como menino que lutou amarguradamente, immensamente, pela sua vida. E que, feito homem, sempre lutou para conquistar a fama e, conquistando-a, continuo lutando, para sustental-a...

Lon Chaney foi, mesmo, a figura mais extraordinaria dessa extraordinaria Cidade que é Hollywood. Como artista *Astro*, não acompanhava nenhuma das regras habituaes á estes casos: não respondia cartas de *fans*. Detestava a publicidade. Não era joven e nem bonito. Começou como *Astro*, em 1919 e, quebrando todos os casos precedentes, foi, sempre, o maior dos successos de bilheteria que até hoje já se viram. Contra a multidão de Hollywood, sempre curiosa e bisbilhoteira, elle foi, sempre, o granito inquebravel apontado para o céo, impavido...

Já vêm, portanto, que, collocar um homem assim durante longos minutos e, delle, tirar todos os dados que vamos passar a dar, foi tarefa herculea e genuinamente estafante.

O homem que o mundo sempre teve em conta de um dos maiores pantomimistas do mundo, nasceu em Colorado Springs, a 1 de Abril de 1883 e era filho de surdos mudos.

Hoje, depois de toda a proeminencia que foi sua, pode-se dizer, francamente:

— Não existiu Lon Chaney algum. Existiram, apenas, os caracteres que elle criou!

Isto não seria, propriamente, a expressão maior da verdade. Porque, afinal, os caracteres, não eram differentes. Eram, apenas, facetas delle Lon Chaney. Pedacinhos do grande mozaico artistico que elle foi, em vida.

Qualquer criança, geralmente, relembra saudosa a sua infancia e, della, tira saudosas recordações. Com Lon Chaney, não se deu isso. Elle, na verdade, sempre detestou falar de si proprio, em qualquer epocha de sua vida. Mas, de sua infancia, então, jamais gostou elle que se fallasse. E, nesta entrevista, mesmo, quando lhe perguntamos, repetidas vezes, sobre pontos que não lhe agradavam, principalmente de sua infancia, sempre desviava elle a conversa, com um "ora vamos deixar isso para depois e vamos adiante..." que era, afinal, á cada instante repetido.

Esse grito de sua propria conciencia, era, para nós, a visivel prova dos instantes de tragedias que sempre estiveram vivos na memoria de Lon Chaney. E, taes deducções tiravamos, emquanto elle se ma-

Numa scena de "Oeste de Zamzibar"

Com Loretta, Young, em Ridi, Pagliaccio.

quillava, paciente, embora ra tambem assim quebrasse uma das regras do seu protocollo... Nota-se, claramente, que elle tem certo medo da sympapathia e maior pavor da piedade de alguem. Dissemos-lhe, francamente, que a razão que o impedia de apreciar recordações de sua infancia, eram razões provocadas por grandes desgostos. A' isto, então, elle nos respondeu, impaciente: — "Qual! Era o meu trabalho intenso! Sempre e sempre intenso. Apenas..."

A dadiva de sua vida, deu-lha sua avó Emma Kennedy. Della é que elle herdou a profunda energia peculiar aos homens que desafiam impavidamente o fracasso. Ella, coitada, tinha tres filhos. Duas mulheres e um rapaz. E, todos elles, surdos-mudos de nascença. E isto, ainda mais residindo ella numa Cidade de interior, basta-

Elle, como era, realmente.

riam para lhe arrasar com toda a coragem e com toda a saude. Mas á Emma Kennedy, não! Sempre conservou sua cabeça erguida. E foi assim que ella, vendo-se mãe de pequeninos surdos-mudos, criou, em pouco tempo, o Instituto para Cégos, de Colorado. E tornou-se, mesmo, um symbolo de amor e protecção para todas aquellas crianças que, quasi todas, atiraram-se avidamente aos seus ensinamentos é á sua grande paciencia.

Sua filha mais velha, casou-se com um dos doutores do Instituto. E a outra, com um dos mudos alumnos do Instituto, tambem e, mais tarde, barbeiro por profissão. Deste casal é que nasceu Lon Chaney, um dos maiores vultos do Cinema mundial.

Quando Lon nasceu, já havia um irmão. John que, hoje, com George e Carolina, formava o quartetto da familia Chaney.

Adorando seus paes, Lon fez-se, para elles, arrimo e auxilio e, dedicando-se aos mesmos, para os alegrar um pouco, nas suas eternas scismas, chegou mesmo a sacrificar por diversas vezes a propria saude.

Elle contava, como um dos mais negros dias de sua vida, aquelle em que perdêra sua mãe.

Sua vida de lutas, começou na casa commercial de Cortdez & Feldhauser. E, ainda bem moço, ahi, já lutava pelo seu sustento e, ainda, dos quantos lhe eram caros.

Um dia, porém, John lhe escreveu que ia enscenar uma opera comica, *Said Pasha* e que, para tanto, precisava dos prestimos delle Lon. Deixou elle incontinentemente a casa dos judeus e correu ao encontro de seu irmão. Se a peça fosse um fracasso, logicamente ninguem mais iria pensar que, apesar disso, elle continuaria a ser artista. No emtanto, por felicidade delle, a peça fez muito successo e deu muito dinheiro e, assim, John e elle começaram a se aventurar em mais *casos* semelhantes.

Sendo extremamente perspicaz, procurou aprender dansas e, nellas, procurou, ainda, aperfeiçoar-se. E, ao mesmo tempo, tambem cultivava o seu talento de comediante. E, dentro de papeis assim, não raro conseguiu successos innumeros e enormes...

Depois dessa peça, produziram os nossos amigos John e Lon Chaney o que? Outra peça do mesmo genero, é evidente... Chamava-se ella, *The Mikado*, e era de Gilbert e Sullivan. Tudo, como sempre, correu bem e, de notavel, para esta peça, houve a zona nova que inauguraram, collocada, aliás, pelas proprias mãos dos mesmos. Porque, diziam elles, occultando o esta-

Em "Falcão Negro"

do dos bolsos: — "precisavam fazer exercicios"...

O maior esforço da temporada, foi a opera *Fra Diavolo*. E, querendo melhorar a cousa a apresental-a mais decente ao paladar do publico, contractaram uma cantora que se chamava Mabel Day e, do seu marido Leslie Stowe fizeram o centro dramatico. Havia tambem um tenor que chamava Charles Holmes. E Lon Chaney, que naquella epoca era encarregado das roupas e do almoxarifado, em geral, tambem occupava, no elenco, o principal papel comico...

Foi assim que, pelo principio do anno de 1901, chegaram a Colorado Springs, a terra natal e, nella, resolveram ficar mais algum tempo do que o combinado. Lon Chaney tinha então 18 annos annos e recebia, pelo seu trabalho todo, 12 dollares por semana...

Estes ligeiros apontamentos sobre os primeiros dias de Lon Chaney e seus primeiros passos, na vida, não me custaram uma e nem duas horas de conversa, não. Custaram-me innumeras dellas! Depois de algumas recusas e outras respostas mal dadas, elle começou a quebrar, commigo, aquella linha de desconfiança que vinha mantendo e, assim, houve um momento, mesmo, em que nos sentimos profundamente camaradas delle e perfeitamente acondicionados a continuar a dissecar sua existencia toda...

No primeiro dia em que falamos, elle não mostrava ter muito cuidado com o seu camarim .. Mas, no immediato, encontramos tudo muito em ordem, arranjadinho e, mesmo, um ar melhor em tudo aquillo.

Certa vez, chegamos ao Studio um pouco antes da hora marcada. Não que isto fizessemos por querer. Mas é que o relogio nos attrahiçoôu... E, assim, disseram-nos, logo, que elle devia estar em seu camarim, se é que nos esperava. Procuramol-o. No camarim, não estava e, assim, rodando daqui para ali, fomos ter, sem esperarmos, mesmo, proximos á um *set* occupado por uma companhia dirigida por Tod Browning, em trabalhos. Nada nos chamou a attenção. Foi quando ouvimos o nosso nome chamado, das alturas e, olhando para lá, atinamos com um aleijado, pendurado no topo do *set*, chamando por nós e gesticulando vivamente...

Era Lon Chaney, sim!

Era um trabalho arriscadissimo e os dirigentes da fabrica já lhe haviam autorizado *doubles*, bem remunerados, pelos perigos á que se iam expor. Mas elle Lon, firme, como sempre, nos seus propositos, achou que era mais *real* tiral-a elle proprio, para não prejudicar toda a sua caracterização e, assim, fez-se o combinado. Ali passamos, olhando-o trabalhar, seguramente uma hora e tanto, sem que nos cançassemos e sem que nos sentissemos nervosos. Porque, felizmente, já conheciamos as habilidades acrobaticas de Lon Chaney...

Dirigimo-nos amigavelmente para o restaurante do Studio e, lá, elle proprio lembrou o ponto em que haviamos parado, fazendo com que á elle voltassemos, immediatamente...

Mas... Era muito para elles, mesmo, aquella luta, sozinhos. Representando, administrando e orientando o *show* todo. Foi por isso que resolveram, como medida preliminar, acceitar a offerta que lhes fazia Charles Holmes, o tenor, de comprar a Companhia e, ainda por cima, mantel-os como artistas... Acceitaram, era logico e, com Holmes, começaram uma nova phase da vida. Começaram as novas excurssões por Oklahoma. E naquellas cidades sem diversões, naquellas epochas, a pequena companhia ia fazendo seu successo importante. Dali para diante, foram a Kansas, Missouri, Nebraska, Norte e Sul de Dakota, Minnesota, Arkansas e Texas, finalmente. E, afinal, aquella vida, para Lon Chaney, não era, mesmo, das que elle mais desgostasse. Tudo aquillo era novo para elle. Parecia-lhe, mesmo, alguma cousa inexistente. Via, illuminaram-se a luz electrica, as principaes Cidades. Apreciava as manobras dos primeiros automoveis. Notava Cidades maiores e mais adiantadas e, assim, era intenso o prazer que sentia, fazendo toda aquella caminhada, com a companhia ambulante que fôra delle e de seu mano e que, agora, era do tenor da Companhia...

Num dos seus films para a Universal

A sua caracterização em "O Thaumaturgo" ou "O Homem Miraculoso".

Com Norma Shearer em "Ironia da Sorte"

As luzes da ribalta, eram escassissimas. Lon Chaney nos contou, mesmo, que eram lampadas de azeite e que quando era necessaria uma mudança de illuminação, para a scena, tinha que algum delles descer ao *porão* do theatro para erguer mais o pavio da lampada... Felizmente, disse-nos elle: — Nenhum ahi tinha senso humoristico...

E, lembrando-se disto, lembrou-se de outras cousas mais. Lembra-se elle, por exemplo, que, em *Said Pasha*, havia uma scena em que o heroe, amoroso como nunca, entrava pelo palco a dentro e, apagava todas as luzes, atirando-se depois aos pés de sua amada, para lhe fazer a profunda declaração de paixão. Nesse interim, estando tudo ás escuras, devia elle descobrir, nos braços de sua amada, o seu filhinho e, então, correndo até ao porão, accendia todas as lampadas, de novo, para estar, todo suado e exhausto, diante da scena, de novo, mostrando, em pleno rosto, a *expressão* de profunda emoção que elle estava sentindo com a descoberta...

Isto tudo, afinal, redundou numa cousa admiravel. Foi tido Lon Chaney, em Hollywood, como o artista mais facil de se dirigir e, ainda, como o artista dos films mais baratos e mais lucrativos que a empresa produzia...

Depois desse periodo, seguiu-se outro, bem mais amargo e mais cruel. Pessimas rendas. Más viagens. Destestaveis lucros. E, assim, num dia 24 de Dezembro de 1903, acharam-se, sem saber como, numa aldeia da Florida. Sem que nenhum delles tivesse um vintem comsigo e, ainda, loucos para comer

Com Norma Shearer, ainda, em "Castellos de Illusão, um dos seus mais bonitos films.

Com Anita Page em "Emquanto a Cidade dorme"

Em "The Big City", com James Murray

qualquer cousa e ter, ao menos, um Natal soffrivel.

Lon e John sahiram á procura de uma arvore, antes de mais nada. E, tempos depois, voltaram com um pequeno pinheiro, para collocar no centro de sua barraca, a titulo de enfeite alegorico. Sobre a mesma arvore, depois, penduraram todas as barbas e objectos innuteis por ali existentes, até que a mesma lhes parecesse bonita e, depois, em torno da mesma passaram *mais um Natal longe de casa*... Felizmente o espectaculo dos dois dias immediatos melhoraram e elles encontraram, afinal, algum dinheiro para ao menos matar a fome...

Mais tarde, em Chicago, fazendo o segundo papel de *The Cowpuncher*, deu-se com elle um accidente que não teve gravidade alguma mas que merece menção, aqui, já que tudo estamos relatando de sua vida verdadeira.

Lon Chaney, numa de suas raras poses, sem caracterização.

Havia certo trecho, na peça, em que elle tinha que entrar, e, salvando a heroina das mãos do villão, continuar em mais 5 scenas, até que chegasse o instante da sua sahida. No momento em que elle segurava o canno da pistola que o villão lhe apontava, a mesma disparou e, sem se saber como, contendo uma bala, feriu-lhe a mão. Assim ferido, mesmo, persistiu elle trabalhando, sem dar mostras, até que sahiu de scena e poude, afinal, dar cabo do seu desempenho. Dessa aventura, até hoje guarda elle a cicatriz em sua mão.

Depois, ainda, quando representavam *The Beggar Prince*, em Champaign, Illinois, perdeu a prima dona da companhia a sua voz. Immediatamente contractou-se outra, para o espectaculo da noite e, quando esta se apresentou e fez o seu papel, ás pressas e quasi tão perfeita quanto a primeira, Lon, que não deixava de a observar, disse-lhe:

— Você deve continuar. E' uma artista esplendida!

Com William Haines, numa scena de "Os Fuzileiros", o seu film preferido

Annos se passaram. E esta cantora que substituiu a que perdeu a voz, naquelle espectaculo, ainda que não tenha sido estrella, foi mesmo, uma artista esplendida, como Lon Chaney previu... Chama-se ella, Myrtle Steadman.

Em uma scena de "Um Compromisso de Honra"

Os espectaculos de *The Beggar Prince*, cessaram em Columbus, Sul da Carolina. Lá, a Companhia ia fallir, mesmo, por novas faltas de recursos, quando William Cranston, emprezario canadense, interessou-se pela mesma e, contractando-as para seus theatros e cabarets de Halifax, Nova Scotia e Vancouver, fel-os de novo criar alma e lutar com novo interesse.

A ida, foi admiravel. Pouco experientes em relação a theatros, os Canadenses acceitaram o repertorio detestavel que elles offereciam. Mas, na volta, faltou-lhes a sorte, de novo. Porque o publico não mais os ia ver. Ainda que houvessem accrescentado aos seus espectaculos, as novas peças *The Royal Cher* e *A Knight for a Day*.

De volta a Chicago, tempos depois, todos achavam-se em serias situações de finanças e Lon Chaney, principalmente, sentia-se profundamente desanimado. Porque elle havia feito sua esposa uma das meninas da companhia e, ainda por cima, era exactamente o momento de ambos receberem a visita da cegonha...

Lon Chaney, que sempre fôra infeliz, na vida, não queria siquer pensar fazer pasarem aquelles entès, ao lado delle, a menor necessidade. Elle sentia a necessidade enorme de tudo por elles fazer, e, ainda, não queria lhe dar nada mais que não fosse, sempre e sempre, maioe r melhor conforto.

Falou-nos elle de seu filho Greighton. Mostrou-nos um pouco da devoção immensa que por elle nutre. Mas, de sua mulher, recusou falar. Faz questão cerrada de jamais violar este ponto de sua vida. Porque, disse-nos elle:

Com Malcolm Mc Gregor e Billie Dove, em "Todos são Valentes"

— Nada ha que pague tamanha felicidade! Ultrajal-a, portanto, será macula l-a com commentarios que sejam publicados numa entrevista.

Em "Ridi, Pagliaccio!"

Phrase sensatissima, sem duvida. E, depois de muita insistencia nossa, em vel-a, mostrou-nos um dos seus retratos, passeando por *High Sierras* e mostrando-se sympathica e risonha, como realmente é.

A unica cousa que della elle nos disse, quando commentamos a sua estatura pequenina, foi, sorrindo para o retrato, enlevado.

— Bem pequenina, sim! Talvez seja por causa do *spaghetti* que come com tanto carinho, lembrando a sua querida Italia...

E, voltando á sua historia, descobrimos que, naquelle transe, a primeira cousa que elle fez, foi alugar um pequeno e bem modesto appartamento e, dentro delle, installou-se com todo conforto possivel.

Em "O Trovão", um dos seus mais recentes trabalhos.

Mas... Para matar a fome, precisou elle arranjar um emprego não muito honroso para elle: — acceitar um nickel, diariamente, do empresario da companhia que o estimava, afinal e, comer, fingindo, um sandwich, com o mesmo, para, escondendo-o, leval-o logo mais para seu filho e sua esposa. Com esses nickeis e com os sandwichs é que elle viveu algum tempo, em Chicago...

Finalmente, para dirigir o espectaculo theatral *The Girl in the Kimono*, conseguiu um soffrivel contracto. Começou nova serie de viagens. E, embora director do espectaculo, procurou ser o primeiro artista comico do *show*. Não conseguiu, porém, porque já tinham contractado, para este papel, Lee Moran, mais tarde grande amigo de Lon Chaney e, até hoje, um dos excellentes elementos comicos do Cinema.

Nesta temporada, até o seu final, Lon Chaney curtiu uma serie de aborrecimentos bem grandes e uma serie de contrariedades immensas.

John Chaney, seu irmão, estava dirigindo um *show* em Los Angeles. E assim que *The Girl in the Kimono* terminou o seu circuito, atirou-se elle ao encontro de seu irmão. Havia, lá, no Olympic Theatre, na *Main Street*, uma companhia que dava sete espectaculos diarios, de 13 e 30 ás 23. Pagavam 35 dollares por semana. O trabalho era estafante e esmagador. Mas Lon Chaney não via nada. Precisava trabalhar! Acceitou e soffreu, naquelle theatro, pacientemente, seis mezes de infernizantes martyrios. Até que se juntou á *Grand Opera House Company*, da qual faziam parte Robert Z. Leonard e Roscoe Arbuckle (Chico Boia). A soubrette era Francis Whi e Lon passou a tomar papeis de allemães, judeus, velhos, moços, e, emfim, toda a sorte de papeis.

Quando chegou a San Francisco, soube elle que Kolb & Dill, proprietarios da Companhia, achavam-se satisfeitos com elle e lhe queriam dar a chefia da mesma. Sentiu-se, com isto, intensamente alegre e intensamente feliz. Esquecendo-se, mesmo, por instantes, da sorte de amargurado que sempre fôra, em sua vida toda.

Lon Chaney ensaiou muitas peças, sempre e sempre protegido pelo seu melhor agouro, então. Até que montou, com grande successo, a peça *Forty Five Minutes from Broadway*, para a Alcazar Stock Company. Como dansarino excentrico que era e ensaiador, tambem ensinava elle a dansa e, disse-nos elle, um dos seus maiores trabalhos, durante a mesma peça, nos ensaios, foram aquelles que lhe deu Bert Lytell, o então galã da Companhia... Foi ahi que, com mais dinheiro, conseguio elle melhorar sua vida e, depois della melhorada, pensar melhor em outras cousas de mais futuro. Ouvia falar muito, mesmo, do Cinema. Sabia que elle era feito, para os lados da Costa. Decidiu, subitamente, seguir essa carreira e, para tanto, aprompttou suas malas e sahiu a procura do seu amigo Lee Moran, que sabia estar trabalhando num *suburbio* de Los Angeles, chamado Hollywood...

Foi ahi que, nos Studios da Universal, ganhando ambos 3 dollares por dia, começaram os seus papeis diante das objectivas. Papeis esses que, mais tarde, iam ser o verdadeiro orgulho de sua carreira accidentada, bonita e cheia de emocionantes peripecias.

O primeiro trabalho que lhe deram, foi como *extra* do film *The Bloo-*

Assentando sua caracterização, diante de Victor Seastrom, seu director em "Ironia da Sorte".

dhound of the North, apparecendo no fundo de um *long shot*, montado num cavallo, fardado como os policiaes canadenses. Disse-nos elle, á este respeito, num sorriso.

— Ali tudo era tão de pouco caso, que, afinal, cheguei desesperadamente á conclusão de que eu era mesmo o unico que prestava attenção á mim mesmo...

— Eu trabalhava, alternadamente, em comedias e films de *far-west* em um acto. Faziamos films em dois dias, na semana. Acho que, em menos de dois mezes, já habia figurado em mais de cem dellas. São poucos os nomes dos quaes me recordo. Mas, entre elles, a producção *Joker*, *Back to Life* e outra que se chamava *Red Margaret*, lembro-me bem dellas. Neste ultimo, em apparencia ligeiramente no fundo de uma scena, apenas decorando uma pedra grande que havia, enfrentando o mar... Mas o que me importava, naquella epoca, eram os 3 dollares por dia, difficeis de ganhar em outro logar e ali tão facilmente ganhos, apenas num ligeiro encosto, numa pedra e... nada mais!... Os maiores artistas do nosso *lot*, naquella epocha, eram J. Warren Kerrigan e Jeanie Macpherson. No emtanto, esses dias que me recordam mais restaurantes e leitos duros, são, afinal, de alguma doçura para mim... Hollywood, naquelle tempo, era muito mais poetica e muito mais romantica, na sua simplicidade, do que hoje: cheia de sons e de gritos. De dansas e de bailados...

Foi ahi que fomos obrigados a o interromper, para lhe perguntar, curiosos.

— E porque não nos fala alguma cousa sobre a opportunidade que lhe deu Jeanie Macpherson?

— Ah! Voce nem imagina! Ella era perturbadora. Tinha sido educada com habitos estrangeiros. Já trabalhára em *Broadway!* E, alem disso, já fizéra um trabalho com D. W. Griffith o que, naquella epocha, era a maior de todas as realizações! E, alem disso, ella tinha grande habilidade no escrever suas historias. Talvez maior, mesmo, do que sua photogenia para enfrentar as lentes... Ella chegou a escrever e interpretar um film por semana. Não me recordo o primeiro film em que ella me preferiu. Mas lembro-me, como se fosse hoje, que disse, naquelle instante, que, se não fosse ella, Jeanie Macpherson, a me pedir, que eu não faria o papel... Era um papel dramatico e eu tinha convicção intima, certa e garantida de que eu não passava de um grande artista comico... Fazia eu o papel de um marido ultrajado que descobria sua esposa nos braços de outro homem. Desesperado, caminhava eu para a scena e começava a insultar minha esposa, pesadamente. Eu tinha, na minha vida toda, colleccionado uma bôa porção de nomes para dizer nessa circumstancia e, assim, não temi a scena: entrei firme! Quando percebi que ella se ria, violentamente, eu comprehendi que era a prova maior do meu grande fracasso. Mas é que ella se ria da minha vehemencia e não de mim ou do meu trabalho. Achava-me enthusiasmado e, por isso, achava graça immensa. Foi ahi que ella me dirigiu, pela scena toda, ordenando-me que conservasse a bocca fechada. Foi ahi que ella teve uma doença nervosa muito grande e precisou abandonar o seu trabalho excessivamente forte. Dahi para diante, não mais voltou. Deixou a Universal e passou a fazer parte da Paramount, figurando, como figurou, até hoje, ao lado de De Mille, auxiliando-o nos seus scenarios.

Jeanie, sem duvida, se tivesse ficado com a Universal, teria auxiliado muito mais a Lon Chaney. Porque ella já se mostrara paciente, com elle e, alem disso, apreciára seu trabalho. O maior e o mais importante que elle por sua vez fazia, num film. O Studio continuou a lhe dar papeis de pequena importancia, até que da comedia elle saltou para as primeiras caracterizações, dos dramas italianos aos films de correrias de cavallos e sempre films feitos no curto prazo de uma semana, todos.

Um homem de menos persistencia e menos tenacidade, não teria resistido a isso tudo. Lon Chaney, não. Sempre se manteve corajoso e potente no seu trabalho. Acceitou uma opportunidade que se offerecia, para dirigir J. Warren Kerrigan, durante seis mezes. Elle fez jus á confiança que nelle depositaram e dirigiu muito bem os seus films. Mas... O cheio de *grease paint* e a sua caixa de cosmeticos não o deixavam trabalhar em paz, ao lado do megaphone...

Mas foi durante este seu periodo de direcção que elle aprehendeu mais technica do que nunca! Illustrou-se em tudo e, como estudo principal, tornava-se cada vez mais amante de caracterizações, quanto mais complicadas as melhores.

No emtanto, tudo isto começou um periodo de 6 annos, durante os quaes o seu salario subiu até 100 dollares por semana...

Isto foi em 1918, quando os principaes artistas do Cinema eram William Farnum, Douglas Fairbanks, Harold Lockwood, Chico Boia, Francis X. Bushman, Mary Pickford, Ala Nazimova, Marguerite Clark e tantos outros...

E, lendo as noticias dos seus salarios, frequentemente, achou Lon Chaney que, afinal, de nada lhe custava ganhar mais um pouco do que a miseria que estava então passando. Procurou elle William Sistrom, incontinente e discutiu as possibilidades de um contracto por 5 annos, a razão de 125 dollares por semana. Este revelou, logo, os seus profundos conhecimentos do assumpto. Achou que elle Lon Chaney para nada servia e ordenou que fosse, ao contrario, despedido do Studio...

— Não temi jamais a luta. Sabia que, fóra da Universal, ninguem mais me conhecia. Mas... Que diabo! Aquillo que William Sistrom disséra, uma idiotice em si... E comecei a esperar pela minha nova opportunidade. Pela nova. Pela *nova*...

Assim continuou a nos falar Lon Chaney. Até que se resolveu e contar o resto.

Que tudo lhe correra mal. Até que encontrou, da parte de William S. Hart, cerrado apoio e um grande affecto. Dizendo mesmo elle, em uma phrase que tem muita eloquencia

— Admiro-o, porque elle me salvou a vida!

Apesar de tudo, quando Riddle Gawne já estava para ser lançada, acharam de querer cortar o trabalho de Lon, que muitos achavam anti-photogenica. Não o conseguiram, porem. Porque, naquellas epochas, 1918. William S. Hart era um tremendo nome de bilheteria e um peso a mandar nos destinos da Companhia.

Numa scena de "Vampiros da Meia-noite"

De *Riddle Gawne*, passou elle para a sua grande opportunidade em *O Homem Miraculoso*, accendendo, sempre, mais feliz do que nunca, a postos que nunca pensou poder galgar.

Depois de *O Homem Miraculoso*, Lon Chaney melhorou seu nome. Fez-se celebre e já passou a ganhar bem mais dinheiro e a disfructar bem mais conforto.

Foi ahi que a Goldwyn lhe offereceu 500 dollares por semana para estrellar *Satanaz* (The Penalty), para o qual devia apparecer sem pernas. Isto é. Com as mesmas amarradas atraz das costas. Emquanto filmava este argumento que foi dos que mais fama lhe deu, ouviu elle uma conversa entre Abe Lehr, chefe de producção do Studio e o director de elencos. Diziam elles.

— Palavra, jamais pensei que conseguisses o Lon Chaney por 500 dollares!

— Sei, sim. Mas... consegui, embora elle valha mais do que 1.500 por semana!...

Foi com esta conversa que elle percebeu o valor intenso que davam ás suas caracterizações violentas e ás suas transfigurações physionomicas intensas.

Depois de fazer diversos outros films para a Goldwyn, Metro e Paramount, mesmo, voltou elle á Universal. Orgulhoso de si mesmo. Rindo intimamente, com certeza. Para figurar como artista *principal* de *O Corcunda de Norte Dame* (The Hunchback of Notre Dame). Este film o maltratou muito, embora, para o fazer, ganhasse elle dinheiro em quantidade. Principalmente por causa da dentadura postiça que precisava collocar, sempre e sempre tendo-a a cahir, ferindo-o.

Dos seus papeis, Lon Chaney prefere *Ironias da Sorte* (He Who Gets Slapped), que, ha annos, fez para a M. G. M., com John Gilbert e Norma Shearer, dirigidos por Victor Seastrom.

E, apesar de estar sob rigoroso contracto com a M. G. M., teve a nova satisfacção de receber um chamado da Universal, para *estrellar "O Phantasma da Opera"* (The Phantom of the Opera), offerecendo-lhe, alem da remuneração que dariam á fabrica que o tinha sob contracto, uma gratificação gordissima e bastante covidativa...

O real Lon Chaney, no emtanto, quem assistiu *Os Fuzileiros* (Tell it to the Marines), viu. Foi ali que elle se revelou profundamente elle mesmo e, dentro desse papel, apresentou uma das maiores conquistas de todas quantas já fez em toda sua carreira admiravel.

Falando dos directores que já teve, disse elle.

— Já me acostumei com Tod Browning. Aliás, de já tanto trabalhar commigo, aqui e na Universal, já foi appellidado elle o *director de Lon Chaney*... Mas tambem gosto de Victor Seastrom.

E foi tudo quanto ouvimos de Lon Chaney. Um dos artistas que Hollywood nunca poderá esquecer e uma das celebres e admiraveis figuras mundiaes, em successo e sympathia das multidões.

—O— —O—

Está-se cogitando, seriamente, da refilmagem dos seguintes assumptos, antigos grandes successos silenciosos: — *Horizonte Sombrio*, *Intolerancia* e *Lyrio Partido*. *Todos* elles, sob a direcção de Griffith, novamente.

* * *

The Man Who Came Back, da Fox, será dirigido por Frank Borzage e terá Charles Farrell no principal papel. Ha annos, George O' Brien para a mesma companhia, fez este papel, ao lado de Drothy Mackaill.

Lon Chaney!

Uma de suas mais divulgadas photographias

No prologo de Mr. Wu.

Depois de Elmo Lincoln o estrangular, em "Quincy Adam's Sawyer", da Metro..

AQUI
ESTÁ
ELLE COM
ROSITA MORENO

NÓS VIMOS BARRY NORTON EM "SANGUE POR GLORIA" E "LEGIÃO DOS CONDEMNADOS" E ACHAMOS QUE ELLE ERA ADMIRAVEL.. TÃO SENTIMENTAL! TÃO HUMANO! DEPOIS... COMEÇOU A FALAR... E, AINDA POR CIMA, EM "CASCARRABIAS" E OUTROS NOMES ASSIM, QUE SÓ SERVEM PARA ARREPIAR A GENTE...

Raquel Torres...

SIM, DAMA DE COPAS. MAS A'S VEZES, DOUS DE PÁUS, NOS FILMS...

AQUI
ESTÁ
ELLE COM
ROSITA MORENO

NÓS VIMOS BARRY NORTON EM "SANGUE POR GLORIA" E "LEGIÃO DOS CONDEMNADOS" E ACHAMOS QUE ELLE ERA ADMIRAVEL. TÃO SENTIMENTAL! TÃO HUMANO! DEPOIS... COMEÇOU A FALAR... E, AINDA POR CIMA, EM "CASCARRABIAS" E OUTROS NOMES ASSIM, QUE SÓ SERVEM PARA ARREPIAR A GENTE...

Raquel Torres...

SIM, DAMA DE COPAS. MAS A'S VEZES, DOUS DE PÁUS, NOS FILMS...

O PUBLICO QUER

William Powell nem gosta de recordar da filmagem de Romola...

Nos tempos de D. W. Griffith. Quando elle fazia os seus films. Já cuidava, a serio, do problema de apresentar ao publico, avido de cousas humanas, figuras que fossem, realmente, aquillo que representavam ser, nos films. Assim, exigia elle, antes de tudo, que o seu artista fosse athletico. E que, diariamente, se exercitasse. E até hoje, tem sido sempre assim.

Ha dias, por exemplo, dois eram os que esavam sob este regimen. Frederic March e Albert Gran. Fazendo gymnastica. Cuidando de seus physicos. No emtanto... Tão differentes!

— Os films glorificam o physico.

Diz Clive Brook.

— E tanto é verdade agora, com o falado, quanto o era ha annos, com o silencioso. O publico não acceita, por exemplo, um amoroso, da téla, todo empastado e disfarçando sua idade. Elle tem que ser moço, mesmo e estar dentro do seu papel. No theatro, já não. O galã juvenil, pode ter 42 annos, mesmo, que é sempre juvenil... A custa de cosmeticos e da tolerancia unica dos que gostam e frequentam theatros. O artista de theatro, emprega a illusão e é auxiliado pelas luzes da ribalta. O artista de Cinema, ao contrario, apparece como realmente é. Apenas maquillado, para effeitos photographicos. Mas jovens, como jovens. E velhos, como velhos. Já tenho me encontrado com patricios meus, da Inglaterra, que me têm apparecido perfeitamente desleixados e mal trajados. Eu os tenho advertido, sempre, que não se apresentem assim em publico. Porque, sabe-se, o publico americano não supporta artistas desleixados. A menos que estejam em papeis taes.

Quando está em confecção um trabalho qual quer sobre aviação é que se vê, claramente, quanto é necessario que o artista tenha energia physica. Tanto para a confecção de *Azas*, como para a de *Hell's Angels*, agora recentemente accidentes reaes roubaram a vida a muitos auxiliares de filmagens. Porque? Apenas em pról do realismo que o Cinema requer. E, na maioria dos casos, os proprios artistas têm soffrido accidentes. Porque, apparecendo planos dos artistas, quando em vôo, deve o artista apparecer, para realismo da scena. E nunca se pode empregar um *double*. Porque, quando o publico o descobre. Desgosta-se e já aquelle artista perde tudo, para o seu publico. Assim, durante a confecção de *Hell's Angels*, quantas e quantas vezes James Hall e Ben Lyon, os heroes do film ,não soffreram, quasi, o accidente final das suas vidas? Quantas? Uma das scenas mais emocionantes deste film, era aquella em que James e Ben, tinham que apparecer, em primeiros planos, no Gotha de bombardeio. Formidavel aeroplano. Em pleno vôo. E, depois de fazerem a scena, desceram. Logo a seguir. Para serem apanhados os segundos planos, subiu o mesmo com um mechanico. E, já sabem, soffreu um desastre que lhe roubou a vida. Para que se avalie o quanto difficil era esta scena, basta que se saiba que somente aviadores experientes poderiam fazer a scena. Porque, como se sabe, esses Gotha de bombardeio são os peores apparelhos do mundo, para se conduzir. Semanas e semanas. Mezes e mezes. Ensaiaram, ambos, a tal scena. E, assim, no momento, fizeram-na com rara felicidade e com a pericia de pilotos consumados. No emtanto, á ella deve-se accrescentar ainda um detalhe. E' que foram necessarios cincoenta ensaios. Isto é. Cincoenta vôos, pelas proximidades das *cameras*, para que fosse tomado o apanhado. De outra feita, quando faziam outro vôo, para outro apanhado, quasi têm o desastre final. Porque, quando aterrisavam, perderam o controle do apparelho e, á pouca distancia, embora, atiraram-se sobre o local aonde se achavam as *cameras* e, destruindo-as, todas, aterraram, pessimamente, mas, afinal, salvando o apparelho e suas vidas preciosas.

—oOo—

George O'Brien soffreu mais accidentes em Arca de Noé do que em todo o resto de sua vida...

Quando eram filmadas as scenas do diluvio, em *A Arca de Noé,* George O' Brien, soffreu fóra da acção das *cameras,* diversos accidentes. E Dolores Costello, que tambem ali estava quasi que tem, nessa scena, a sua derradeira...

Vamos deixar que elle proprio conte. Ouçam-no.

— Foi um film duro, garanto-lhe! Michael Curtiz, o director, quando o terminou, deu baixa á um hospital, profundamente liquidado, dos nervos. E Dolores Costello, a heroina do film, esteve cinco dias enferma, com grande febre, depois da tal scena do diluvio.

Richard Barthelmess tambem tem as suas queixas...

— E a minha experiencia, nelle? Ora, é facil. Deve-se lembrar, por força, quem viu o film, que eu me achava acorrentado, á uma roda, soffrendo castigos innumeros. Apparentava estar cégo. Curtiz achava que, para apparentar soffrimento, quando me batessem, ali, assim, devia eu apenas me contorcer e que isto produziria um grande effeito, na téla.

— Foi ahi que me aconteceu o que justamente eu não esperáva e ninguem esperava, tambem... A agua, ao ser arrebentada pela dynamite que havia, ali collocada, atirava-se violentamente ao encontro nosso.

REALISMO!

Eu, que me achava amarrado, de pés, e máos, não podia fugir ao seu impulso. O calculo era, porem, que só fosse agua tirada sobre mim. Poderia resistil-a, é logico, com a maxima facilidade. No emtanto, justamente o que não se esperava aconteceu. Veio, juntamente com a agua, madeira grossa de algumas montagens que ali haviam. E, sem que eu pudesse nada fazer, tive dois dedos profundamente feridos. Com a unha de um delles arrancada fóra, pela violencia da pancada. Dedo esse que, dias depois, infeccionado, teve que ser decepado. E, alem disso, feri-me enormemente. Fui cruelmente arranhado, sem que me pudesse libertar dali. E alem disso tive duas costellas partidas... Que tal? Palavra, meu amigo, só resisti, mesmo, porque tenho musculos e força. Caso contrario, estaria redondamente morto, á estas horas.

— Dias e dias depois, fazia uma das scenas, com Anders Randolf. De novo fui fechado em grilhões. Grudaram os meus olhos com gomma. Para apparentar que esvam cégos. Anders devia surrar-me, com um curto sabre. Era um sabre de almoxarifado. Proprio para taes circumstancias. Mas, posto que ninguem contasse com aquillo, a lamina, em vez de entrar pelo cabo a dentro, entrou sob minhas costellas, isto sim. Tinha os olhos grudados e não sabia realmente o que se passava. Apenas senti a dôr profunda e, depois, senti que me carregavam e me pensavam a ferida... Até hoje ainda tenho essa cicatriz...

—oOo—

O momento mais emocionante, para John Gilbert, foi, ha annos passados, quando ainda era um extra, nos lots de Thomas Ince. Havia uma scena, que requeria que os extras ficassem, ao lado de um determinado logar, que devia explodir e, depois, queimar, sem arredar pé, até que para tanto lhes ordenasse a direcção.

Ali se postaram os extras, todos. E, ao cabo de alguns instantes, após a explosão, viu-se que as chammas já se ateavam ás vestes dos bonecos, ao longe e, encaminhavam-se, gradualmente, ao encontro dos extras reaes que, mais abaixo, aguardavam o grito de debandar, que o director devia dar. Mas este, aguardando o seu momento, para dar, ás *cameras*, o maximo de realismo possivel, retardou o grito e, não podendo mais supportar o calor, John Gilbert já se sentia suffocar. Ahi, olhando por acaso para seus pés, constatou que seus sapatos já se achavam em chammas e que, além disso, sua roupa já se começava a queimar, tambem. Ahi, constatando que já era realismo demais, rompeu a ordem do director e fugiu dali... E' logico, todos o seguiram. Mas o director comprehendeu aquillo e não censurou Jack...

—oOo—

O episodio que Ramon Novarro cita, sempre, como o mais emocionante de toda a sua carreira, é aquelle da corrida de bigas. Acha-o realmente emocionante. Mórmente quando quebra a roda do carro de Bushman e o vê, depois, cahir, realmente, machucando-se e bastante, aliás! Diz elle que nunca terá outro momento, na vida, que lhe traga tanta emoção.

—oOo—

Richard Barthelmess, cita, como o momento mais emocionante de toda a sua carreira, a scena da luta que teve, em *David o Caçula*, com Ernest Torrence.

— Foi uma luta real, garanto-lhes. Semanas e semanas depois, conversando, recordavamos aquelle episodio e ainda sentiamos, nos musculos, as pancadas que trocamos. Lembro-me, muito bem, de um ponta pé que elle me applicou e que me enfureceu ao extremo. Ao ponto de o aggredir seriamente, depois. E, sem duvida, disso se approveitou Henry King e os *cameramen*, tambem, tirando

(Termina no fim do numero).

Dolores Costello, bebeu agua em quantidade, durante o diluvio da Warner Bros, em "Arca de Noé"...

Clive Brook faz alguns elogios ao Cinema...

Al Jolson... Mas foi elle que soffreu, mesmo, ou é o publico que soffre?...

dos... E de tal modo impressionou o velhote que elle, vencido pela fascinação dominadora da creatura, propoz, logo que os quatro almoçassem juntos para melhor assentar tudo!... Em-

Mordedoras de

(GOLD DIGGERS OF BROADWAY)

Um film WARNER BROS. FIRST NATIONAL PICTURES, com NANCY WELFORD, CONWAY TEARLE, WINNIE LIGHTNER, NICK LUCAS, HELEN FOSTER, ALBERT GRAN e ANN PENNINGTON

oOo

(Feito especialmente para "CINEARTE" por BARROS VIDAL)

quanto isso Walter e Violeta, gosavam, tranquillos, a folga que o tio delle lhes dava, distrahido como estava com Helena...

*

* *

Uma semana a fio correu... E um só dos seus dias Lee e o advogado, o velho Blake, não perderam, tão amavel a companhia e tão deliciosas as duas pequenas... Farras sobre farras se succederam e em cada uma novas tentações, emoções differentes e ineditas surgiam!... E, agora, era o proprio capitalista Lee quem confessava ao advogado,

Era impossivel, era absurdo aquelle casamento... Como um rapaz de familia, educado com esmero e com rigor podia unir-se pelo laço do matrimonio a uma corista da Broadway? Como elle, Stephen Lee, com toda a sua austeridade, ia consentir que o Walter, seu sobrinho e afilhado casasse com a Violeta, trefega como algumas, perigosa como outras e naturalmente diabolica como todas as... coristas?... Não. E por causa disso mesmo lá galgava elle as escadas do appartamento onde ella, com meia duzia de companheiras morava, disposto a censurar-lhe o procedimento e a admoestal-a!... E como de costume levava, com a sua revolta, o seu advogado, um homem cheio de leis e de banhas... Não contava o capitalista Lee, entretanto, com a astucia e a sagacidade admiraveis e invenciveis de Helena, uma dessas creaturas que aquella vida da Broadway de tanta maldade immunizam do mal... Traçando, logo, á vertigem de uma idéa luminosa, o plano intelligente para derrubar as resistencia do tio de Walter, Helena apresentou-se-lhe como se fosse a propria Violeta... E recebendo-o, reclinada num divan, uma porção da perna roliça a descoberto, uma porção de maldade nos olhos — envolveu-o nos seus mais maliciosos sorrisos...

Lee, escandalizado, exprobrou-lhe a conducta, dizendo-lhe ainda que o seu advogado, ali presente, lhe diria ainda mais alguma coisa... Aconteceu, entretanto, que na occasião em que o velho advogado ia falar, appareceu Mabel, uma outra pequena daquella "republica", com o seu cortejo de predica-

conselheiro de todos os negocios, que aquellas duas creaturas adoraveis os tinham remoçado, que a ellas elles deviam a alegria daquella vida cheia de agitação, de movimento e de barulho!...

E — curiosissimo — Lee agora modificava tambem o seu conceito sobre aquella gente alegre, cuja vida era afinal bem triste... Então, Helena!... Que alma bôa e simples, escondida num corpo irrequieto e endiabrado!... Quanta pureza no fundo daquelle coração!... Só mesmo por ser namorada do sobrinho é que não lhe propunha casamento!... Mas ao contrario do que sentia, elle se mostrava rigoroso, austero, fingindo outros sentimentos que não aquelles que se lhe aninhavam no intimo... E o certo é que com isso os dias corriam e Wal-

Broadway

ter e Violeta já começavam a impacientar-se com a demora, tão lembrados estavam de que Helena lhes promettera resolver o caso em pouco tempo!...

* * *

De tal modo as affeições de Lee e do advogado pelas pequenas corriam parallelas, que um não podia combinar um passeio sem o outro e sem a companheira do... outro... Assim, com a mesma semcerimonia com que o advogado deu em dinheiro, o valor de um automovel Rolls Royce para Mabel, Lee offereceu o seu nome e a sua fortuna a Helena. E o facto de tal modo commoveu a deliciosa creatura que ella procurou desviar os propositos de Lee, contando-lhe uma porção de mentiras sobre o seu passado, no proposito de convencel-o que ella não valia nada...

Surprehendendo o ardil, Lee, cheio de odio, deixou-a mergulhada em lagrimas, partindo e dizendo que não mais voltaria... Mas... aquella convivencia que tão bem fez ao espirito de Lee obrigou-o a voltar, para "felicidade geral"... De todos e de todas...

E não só Walter e Violeta se casaram, como elle proprio com Helena, que nem por ter sido promovida a "estrella" deixou o theatro...

—oOo— —oOo— —oOo— —oOo— —oOo—

Al Jolson e Lily Damita serão as principaes figuras de *Sons O'Guns*, o primeiro film que Al fará para a United. Lily vae fazer o mesmo papel que creou recentemente na Broadway.

* * *

Captain Blood, da First National, terá a direcção, de Frank Lloyd e James Rennie, marido de Dorothy Gish, no principal papel. Lembram-se da versão silenciosa com J. M. Kerrigan, no principal papel, ha annos, para a Vitagraph?...

* * *

A Husband's Privileges, da Warner Bros., com Irene Delroy, no principal papel, terá Lew Cody como galã...

* * *

Fay Bainter será a companheira de Richard Dix em *Cimarron*, da R. K. O.

* * *

The Swaw Man, ha annos feito por Cecil B. De Mille, para a Paramount, será refilmado, pelo mesmo director, para a M. G. M., com scenario de Josephine Lovett e tendo Reginald Denny no principal papel.

* * *

Red River, da M. G. M., será o proximo film de Greta Garbo. Será dirigido por Fred Niblo.

* * *

Ladies Man, da Paramount, será dirigido por Edmund Goulding e terá William Powell no principal papel

* * *

The Silver Horde, da R. K. O., que tem Evelyn Brent no principal papel, terá, como galã Gavin Gordon, recente galã de Greta Garbo em *Romance*.

* * *

E' mais do que provavel que D. W. Griffith dirija, para Columbia, a versão falada de *David, o Caçula*. E Lew Ayres é um serio candidato ao papel. Depende apenas do consentimento de Joseph M. Schenck.

A VERDADE sobre OS DIVORCIOS

Figurações sociaes... Phantazias domesticas... Jogos de tennis... Amizades... Namoros... São causas mais do que verdadeiras de lares de Hollywood que se desfazem... Ao menos é o quanto se sabe dos ultimos seis divorcios da terra do Cinema.

Geralmente eram as carreiras que intervinham na vida do casal. Depois, incompatibilidades. Depois... Bem, vamos á elles. Não aos seis ultimos. E, sim, aos mais celebres casaes divorciados...

Florence de King Vidor. Marian Nixon de Joe Benjamin. Marie Prevost de Kenneth Harlan. Claire Windsor de Bert Lytell, Dorothy Mackaill de Lothar Mendes e muitos outros.

A's vezes, para desespero de Will Hays, o homem que controla vida intima e exterior do artista, eram uma "outra" mulher ou um "outro" homem as causas dos divorcios. No emtanto... Hoje em dia, com a civilização que nos cerca, é anti-hygienico e anti-social dizer que o "divorcio" não é uma "necessidade"...

Collen Moore, divorciando-se de John Mc Cormick, quebrou um dos laços matrimoniaes tidos como dos mais solidos, em Hollywood E, porque?... Ora... Porque, disse ella, era grosseiro para com os convidados della, sempre atrazado para suas "reuniões" intimas, bruto para com os criados e, ás vezes, energico em demasia quando se tratava de "terminar" repentinamente uma partida interessante de tennis...

Ahi está...

Diz ella, ainda, que momentos havia em que não se sentia com coragem sufficiente para convidar um amigo, fosse elle quem fosse, para a sua encantadora casa em Beverly Hills só porque temia, da parte de John, uma reacção menos delicada...

E foi assim que, sem maquillagem alguma. Rosto limpo e vestido, o mais simples, que Colleen se apresentou ao jury. Levava, com ella, alguns dos "amigos" offendidos pelas indelicadezas do marido e ia depor severamente contra o mesmo... Depois de alguma argumentação, ella disse, seria, ao juiz que; impassivel, ouvia tudo.

— Certa occasião, imagine!, eu e amigos meus achavamo-nos jogando tennis, quando John chegou em casa, sem ser esperado e, em linguagem abusiva, terminou nossa partida e obrigou meus amigos a deixarem meu lar. E' ou não é?

E todos affirmaram que era...

— E, dias depois, elle me dizia que se tornaria a falar commigo, se eu ordenasse aos criados que não mais abrissem as portas de nossa casa, para qualquer estranho... E os estranhos, senhor juiz, eram os meus "amigos"!!!

Depois, ella allegou, ainda, que estes aborrecimentos lhe haviam acarretado seria doença e que, por causa della e, logicamente, de John, que assim a contrariava, quasi morre.

Dias depois, o juiz dava a sentença "justa" para este caso.

— Casamento desfeito!

E era mais um lar de Hollywood que tombava...

Além do divorcio de Colleen Moore e John Mc Cormick, só mesmo a separação actual do casal Mary Pickford-Douglas Fairbanks. Que, posto que ninguem saiba porque ou se é apenas um "feriado" conjugal, não deixa de, ainda assim, ser um "escandalo" de successo, nas rodinhas cheias, sempre, de commentarios...

Todos esperavam divorcios Mas o de Colleen Moore, diga-se, ninguem nunca esperou. E, apezar de tudo, justamente elle que veio...

Sómente porque Josef Von Sternberg não tratava bem os amigos e, na presença dos criados, fazia "scenas", Madame Riza von Sternberg, hoje, recebeu, já, 25 mil dollares em dinheiro e, ainda, recebe, mensalmente; mil e duzentos dollares, até o praso de cinco annos, marcado pelo "juiz" da questão... Mas... Não se espantem. E' a quarta vez que isto succede, com o mesmo casal. Já é mania de Von Sternberg brigar com a mulher e deixal-a. Assim... Talvez elle redunde em novo... casamento!

Betty Compson e James Cruse acabam de se separar. Porque. Simplesmente por causa disto que Betty, propria, lhes contará.

— Nosso lar era mais hotel do que lar, mesmo. Gente e mais gente. Convidados, por todos os cantos. A saborearem aperitivos. A se divertirem! Isto, pela manhã, á tarde, á noite e quasi que o tempo todo... A reputação que Jimmie gozava, de hospitaleiro sem confrontos, estragou nossa felicidade que, diga-se, foi bem grande. Chegou, mesmo, a occasião em que Jimmie não sabia mesmo, mais, a quem convidára ou a quem deixára de convidar. Eram convites para a direita e para a esquerda. Chegava, ás vezes, do Studio, cansada e cheia de vontade de descançar e, no emtanto, era forçada a estar cuidando de hospedes e "penetras" que nada mais faziam, afinal, do que se approveitarem da paciencia santa de Jimmie. E além disso tudo Jammie jamais levou a serio os meus amigos. A minha vida social e os meus conhecimentos, não lhe me reciam a menor consideração. Quantas e quantas vezes não lhe pedi que me accompanhasse, á esta ou aquella festa e elle nem siquer me dava attenção? Houve mesmo uma occasião em que poderiamos ter feito uma viagem juntos. Pois elle se recusou a me accompanhar e, ainda, disse-me que se quizesse viajasse só. De outra feita, quando lhe disse que nossa casa, em Flintridge, era muito longe dos Studios, e que, portanto, a caminhada, para mim, era muito longa e exhaustiva, elle nem siquer me deu attenção ou se preoccupou em satisfazer á este meu simples pedido.

Foi isto tudo que levou o juiz a dizer que Betty estava livre e, se quizesse, poderia se unir á outro James Cruze...

Billie Dove e Irvin Willat, como Betty e Jimmie, tambem não conseguiam chegar á um accordo. E por causa de amigos, tambem. Billie, respondendo a reporters, por occasião do seu divorcio, disse.

— Não existe um "homem" e nem uma *mulher*, neste caso. Apenas concordamos em nos separar porque, casados, não podiamos mais concordar com cousa alguma. Não é verdade que foram minhas ambições ou a minha carreira, mesmo, que me separassem de Willat. Não Apenas gostos differentes e amigos que tinhamos e que não supportavamos, um do outro.

Nem nossos amigos e nem nossos gostos, combinavam.

Billie Dove queixa-se, amargamente, de noticias que se propalaram de que ella abandonára o lar de

(*Termina no fim do numero*)

ANITA PAGE

CINEARTE

BARBARA LEONARD

Cinearte

RAMON E DOROTHY JORDAN

Cinearte

Ruth Chatterton, uma das razões de se gostar um pouco do Cinema falado... Mas... Ella já foi a "Ré Mysteriosa", sim...

TOCA A

Estamos nos bastidores do "Phenix". A Companhia de mal a peor, sem recursos, cheia de credores, impacientes, exgottados, vae realizar o seu ultimo, decisivo espectaculo, e isso graças ao porteiro que emprestou ao director todas as suas economias, producto de longos annos de sacrificios. Emquanto o publico vae entrando no theatro, vamos nós, num ligeiro passeio, conhecer, a um e um, quantos ali trabalham e que são, afinal, quantos entram nesta historia. Logo á entrada dos bastidores travamos relações com o ingenuo porteiro que arriscou seu dinheiro na aventura daquella noite; olhando á esquerda fixamos a pequena Helena (Sally O'Neill), cujo maior sonho era ser "estrella" da companhia, mas que ia se contentando em guardar chapeus e em namorar o sympathico Jack (William Bakewell) tambem empregado do vestiario; mais adiante surprehendemos Rita (Betty Compson) a maior figura da Empresa, cheia de caprichos, discutindo com a Ruth (Luiza Fazenda), que na Companhia era apenas a namorada do empresario, cheia de cacuetes; e nesta sala encontramos James (Sam Hardy), em meio de 3 dezenas de coristas reclamando os salarios na sala contigua a em que Haroldo (Arthur Lake) teima com Ike (Joe E. Brown) sobre certos assumptos intimos...

Está na hora do espectaculo. E agora, quando vão levantando o panno, apparece Samuel (Purnell Pratt), o principal credor, da Cia., que quer receber immediatamente o seu dinheiro, estando disposto mesmo a arrecadar todo o que já tinha sido recolhido á bilheteria. Era essa a condição que elle impunha a James, e só assim é que deixaria subir o panno. Aos borbotões, surgem as suggestões para a solução do caso complicadissimo. Indeciso, o empresario manda chamar o capitalista Durant (Wheeler Oakman) que financiava os negocios da Cia. mas que por sua vez se nega a entrar com mais um centavo. Mas emquanto isso o publico reclamava a demora. E é em meio a essa confusão tremenda que sóbe o panno...

O palco se enche da graça e do encanto das pequenas que em revoada surgem de todos os cantos, dando um cunho de belleza, de expressão e de movimento ao quadro que começa a se desenrolar entre a comicidade sempre irresistivel de Joe. E. Brown e a voz magica de Betty Compson.

Mas nem por isso a tragedia tremenda da "falta de dinheiro" deixa de se desenrolar dentro dos bastidores. Desenvolvem-se um sem numero de acontecimentos, tocados do mais fino humor e que de tão frequentes, se torna impossivel uma reproducção, até que Jack correndo ao encontro de James lhe propõe a solução do caso: elle mesmo assaltaria a bilheteria do theatro para assim afugentar o terrivel "cadaver" que os martyrisava no momento. Acabado o especta-

culo, então poderiam fazer face ao pagamento do pessoal e outras despesas... James repelliu a proposta, ao tempo em que Durant que nunca escondera suas inclinações por Helena, procurava envolvel-a nos seus carinhos, o que lhe custou uns violentos "directos" de Jack. Cinco ou seis numeros da revista já se haviam desdobrado, nos quaes aquellas figuras mostraram as differentes modalidades da sua arte, quando uma mão mysteriosa apontando o revolver ao bilheteiro, arrancou-lhe o dinheiro todo da féria!... A noticia do assalto correu celere pelos bastidores e o detective ali em serviço entrou em acção, prendendo a torto e a direito, até que acabou o primeiro acto. Começa o segundo, e é agora Rita quem complica a situação, recusando-se a entrar em scena no momento em que precisava entrar. Haroldo que a esperava em scena aberta, para continuação do numero, perturba-se á demora da companheira; ha nos bastidores todo um frenesi indescriptivel; o empresario corre para todos os lados, sem saber o que fazer; suggerem a descida do panno e ha até quem fale na devolução das entradas; o espectaculo tinha que acabar... e já o maestro tinha ouvido tres ou quatro vezes aquella phrase immortal em todos os paizes, phrase-remedio para os males como

MUSICA

(ON WITH THE SHOW)

Film Warner Bros, com Betty Compson, Sally O'Neill, Luize Fazenda, Joe E. Brown, Arthur Lake, William Bakewell, Sam Hardy, Lee Moran, Harry Gribbon.

este: *Toca a musica! Segue o espectaculo de qualquer maneira,* quando para surpreza de todos, Helena apparece em scena, substituindo Rita, que cheia de odio se dispõe até a agredir a outra em pleno palco!...

Assim o espectaculo vae se arrastando, entre o odio de uns, o desespero de outros e a impaciencia de todos, até que descobrem que o ladrão da bilheteria fora o proprio porteiro que emprestara o dinheiro para o empresario.

Desce o panno. Rita revela o que todos ignoravam: que horas antes se tinha casado com Samuel e que ali estava representando-o, sem que ninguem soubesse. Se não escaparam á regra geral, Helena e Jack casaram-se, assim como Ruth, com seus gritinhos, casou-se com James.

Anna Christie

(Continuação do numero passado)

A noite toda, ouvindo o barulho das ondas e seu pae, terrivelmente agoniado, resmungar, sempre, *que fôra o mar; sempre o mar; porque Matt não viria, se não fosse o mar,* Anna Christie ficou esperando Matt. Achou que era impossivel que elle não voltasse. Achou que era um impeto. Um impulso. Nada mais...

E esperava...

Não podia crer que fosse tamanha a sua desgraça. Era demais para ella...

O bar de Mac Gregor, todo elle, estava agitado e temendo a reacção de Matt. Bebendo, desenfreiadamente, elle estava perigosissimo. E mais perigoso ainda, quando ouvia o rumor distante das ondas e o sopro longinquo da brisa do mar...

A' noite, quando Anna Christie já saltava quasi para o mar e para o suicidio que lhe traria a calma, Chris a segurou. Não houve palavra. Apenas os dois que soluçavam e se comprehendiam, sem falar. Depois, brandamente. Chris a conduziu para a cabine.

(Termina no fim do numero)

Pergunte-me OUTRA

VAL — (S. Luiz-Maranhão) — Aquillo era pilheria e não creio que voce pense que aqui ignorassemos. Mas, de toda a fórma, grato pela informação.

MISS TÉRE — (Santos) — Sabia, sim, perfeitamente! CINEARTE nº 212, linha decima da primeira columna, dava, claramente, para quem quizesse ler: Jack Blythe é John Barrymore. Aquillo foi uma pilheria, apenas, porque o tal concurso já me estava me dando mais trabalho do que se fosse assumpto aqui da casa. E como eu me prezo de ler CINEARTE da primeira letra á ultima, não podia, é logico, ignorar uma cousa que, aliás, já sei desde o tempo em que John Barrymore figurou em *Accusação*, ao lado de Constance Binney e Marcia Mannon, lembra-se?... Quanto ao Frederic Slon á que se refere, continúa a ser um illustre desconhecido. Em *Mulher Singular* elle não figurou e em *Marianne*, quem figura com Marion Davies, é justamente Robert Castle, o mesmo que fazia o papel de chauffeur em *Mulher Singular*. *Labios sem Beijos* para o mez, com certeza.

REDY SERTANEJO — (Jequié-Bahia) — Voce diz que o PROGRAMMA URANIA ahi é distribuido e nem siquer cogita de lançar SANGUE MINEIRO?... Pois é isso mesmo que elle vem fazendo com este esplendido film Brasileiro, erradamente, aliás: 1º — Ainda não se sabe. Em S. Paulo o foi, por conta propria, nos Cinemas da Empreza Serrador. 2º — Por emquanto não está indicada para nada.

DUDU' — (Recife-Pernambuco) — Se remetteu e ás mãos me chegou, respondida foi. A artista a que se refere e cujo retrato quer, não está mais no Cinema. Escreveu para lugar errado. Serão publicados, opportunamente. Dos endereços que pede, só posso enviar o da ultima, porquanto as outras, todas, achamse afastadas do Cinema. Escreva aos cuidados desta redacção.

PHILO' FIGUEIREDO — (Rio) — As photographias ainda não chegaram, não. Póde mandar outras. Mas... voce vae mandar mais versos, vae, Philozinha?...

ANNA LEE — (?) — Eu não conhecia o poema de Yô Joen que voce me mandou. Mas garanto que tem bastante do seu mysticismo romantico e da sua personalidade mysteriosa... De facto: é possivel conhecer o coração que canta dentro da gente?... O seu, "por exemplo", Anna Lee, é possivel a gente conhecer?... Mas uma cousa eu sei. Deve ser um coraçãozinho pequenino e bom como pequeninas, perfumadas e bôas são as suas missivas que com tanto carinho eu recebo. Caras, igualmente, para mim, são as que voce me escreve. Acceito o seu delicadissimo pensamento. Muito longo e cheio de sympathia e gratidão. Mas faço questão que, em troca, receba a minha grande amizade por voce. Acceita?

ARISTIDES — (Rio) — Ella responderá, sim. Mas que "escola dramatica" é essa na qual voce se quer matricular? Qual é? Fuja dellas! São as parazitas da Cinematigraphia honesta. E fazem tanto mal ao bolso quanto á moral. *Labios sem Beijos*, provavelmente para o mez.

NORA CARCERE — (S. Paulo) — Se as outras ás mãos me houvessem chegado, Nora, eu já haveria respondido. E', sim: CINEARTE. Travessa do Ouvidor, 21.

RANZINZA — (S. Paulo) — 1º — Sua reclamação é justa. Mas... Antes do final deste anno, voce terá o queixo cahido... 2º — Não é tanto quanto diz. Naturalmente costuma ler CINEARTE quando vae ao medico, tratar do seu figadozinho, não é?... 3º — Não discuto a sua comparação *politica*. Porque as opiniões, são funcções pessoaes. Mas se elle conseguir a ser TODO sobre o thema que diz detestar, mais feliz ainda me sentirei com isso. A pessoa a que se refere, no seu *post scriptum*, não mais está no Cinema.

Norma Talmadge até parece que ficou mais moça, vivendo o papel de "Madame Du Barry", Woman of Passion...

Joan Crawford... Não é preciso dizer mais nada, é?...

AIME' ON — (Ita) — Gostei da historia. Se a quer para argumento de film, Aimé, mande-a mais detalhada e mais desenvolvida. Era apenas um resumo bem pouco nutrido. O que eu lhe aconselharia? Francamente... Só uma cousa. Paciencia e fé em dias melhores. Acha bom? Acceito o seu offerecimento, sim. Ouvi a sua pergunta bem ao ouvido e respondo, bem ao ouvido tambem: sou, sim. Agora, use de toda franqueza! Para voce não ha leis, Aimé. E' um estylo pessoal e moderno. Não gosta? Mas eu sei que vae ser bastante attenuado e justamente no ponto que seu commentario frizou. Elle não tem tempo. Está dirigindo um film e, alem disso, produzindo outros dois. Já vê que... Conte com a apresentação, sim. Não me aborreço, não. E espero que você continue com a sua curiosidade que tanto me agrada.

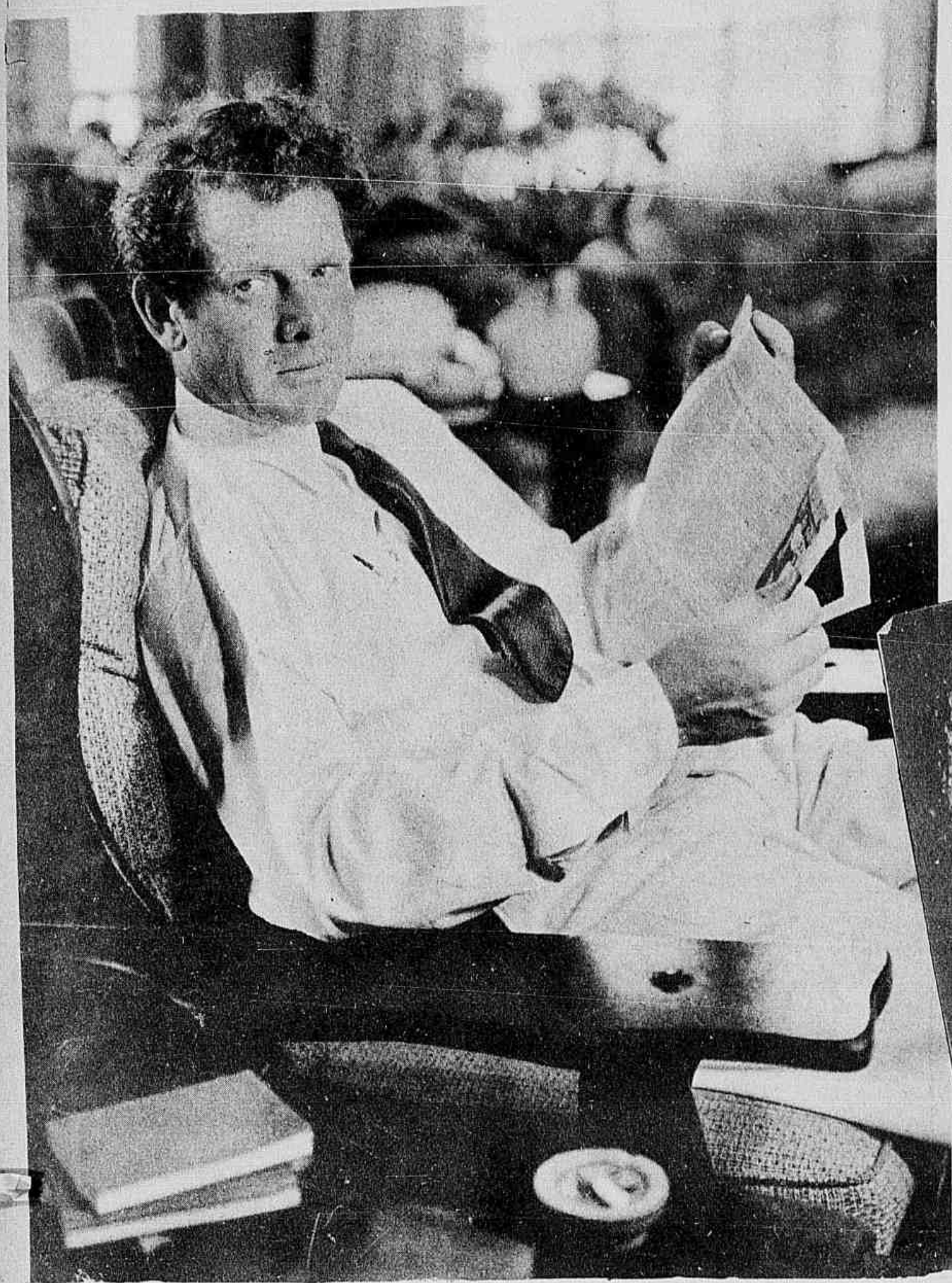
MISS CINEARTE — (Recife-Pernambuco) — Todos bem, obrigado... Não era publicidade, não. Era verdade. Eu tambem ando querendo muito que elle entreviste o artista a que se refere. Vamos esperar juntos? Esther Ralston nunca foi Miss. Apenas fez esse papel no film *Venus Americana*.

N. RADAGAZIO — (Rio) — Passarão, agora, infelizmente para nós, as versões hespanholas ou latinas, de preferencia. E' logico, sim, que isto nos vae privar do prazer de ver os genuinos artistas, nos films de verdade. Francamente. A aturar um *talkie* em hespanhol, prefiro mil vezes ouvir 10 films de Al Jolson... Esse caso de *Sarah e o Filho*, então, é engraçadissimo. E, mesmo que o elenco fosse de Brasileiros, era logico que a versão ingleza, com Ruth Chatterton era infinitamente melhor. Simplesmente pelo facto de ser a versão original, feita com todo carinho. Os *talkies* já eram um pesadelo. Agora, com as versões hespanholas, italianas, francezas, etc. tornaram-se verdadeira calamidade... E vá-se preparando para maiores, meu amigo. O Leopoldo Fróes entrou para o Cinema, lá em Paris... Qual! Para melhor annotar a sua offerta, faz-se necessario seu endereço e photographias, para nosso archivo.

LUCY DARLEY — (Rio) — Não morreu, não. Boato, apenas! Cousa talvez arranjada á ultima hora para intensificar a propaganda de *Rei Vagabundo*, que entrava em exhibição... Billie Dove, então, peorou ainda. Está quasi se casando com Howard Hughes, presidente-proprietario da Caddo Inc.. Só se o suicidio é este... E' pena que vá para tão longe, justamente agora que o Cinema Brasileiro vae se mostrar em toda a sua pujança. Mas volta, não é? Escreva de lá mesmo que o mesmo prazer me dará, Lucy. Lia Torá está com a Warner Bros., sim. Não quiz mais continuar. Lembro-me muitinho de você e não um bocadinho, não. Serve?

TAMASKANAH — (Rio) — Escreva-lhe aos cuidados desta redacção, Travessa do Ouvidor,21.

NORMA SHEARER... PEQUENA QUE TODO MUNDO QUER BEM SEM SABER PORQUE...

HA-VE-RÁ

Ex-vagabundo. Ex-marinheiro. Ex-artista de variedades.

E, ha menos de um anno, uma figura realmente importante, no Cinema.

A sua reputação, nos films, é de homem máo. E elle, desempenhando papeis assim, sente-se satisfeito.

Tudo que pareça, aos outros, difficil ou impossivel. Necessita consulta mais pensada a Charles Bickford. Porque, geralmente, resolve elle todos os pontos mais difficeis de serem resolvidos...

Já tendo figurado em diversas peças theatraes, Bickford, apesar de tudo, aprecia muito mais o Cinema. Sobre os emprezarios e os ensaiadores theatraes, diz elle cousas realmente interessantes...

Nas suas acções, Bickford geralmente não tem principios. Tem *direitos*. E, por elles e dentro delles, luta como um leão...

Apesar de extremamente sensato, elle é um insensato. Porque, na maioria dos casos, age mais pelo impulso do seu instincto do que pelo impulso de sua intelligencia.

Elle tem musculos. Estatura avantajada. E, pelos seus cabellos asperos e longos, mais parece um Samsão do que outra cousa qualquer...

E' pouco reverente, no seu modo de agir e nem sempre conhece os dogmas capitaes da delicadeza e da educação. Mas tem, para se admirar, a grande qualidade da sinceridade extrema que chega a ser quasi o seu lemma.

Os musculos todos que tem. Em grande profusão, aliás, estão embutidos num physico igualmente perfeito. Nascido em Boston, ainda fala com o accento caracteristico aos habitantes desta cidade.

Charles Bickford, antes de ser artista de Cinema, já foi vagabundo. Desses que viajam em wagons de carga, clandestinamente. Já foi carvoeiro. E, quando entrou para o theatro, cousa engraçada, justamente pelo seu contraste physico, deram-lhe um papel de afeminado, numa peça comica... Considera elle este seu papel, o mais sem graça de toda sua carreira. Tem diversas exquisitice e é originalissimo. Mas prefere, acima de tudo sorvete de baunilha...

Quando o encontramos, para entrevistal-o, acaba elle de ter uma violenta discussão com os seus chefes, da M. G. M. As primeiras palavras que elle me disse, foram estas:

— Imagine! Dizem que eu sou difficil de manejar... Difficil! Eu!

O que elles achavam difficil, em Bickford, era dobrar a vontade de ferro deste homem. Figuras acostumadas ao *yes*, de todos os lados, estranharam, por força, o primeiro *no*. Aspero e violento. Que lhes foi arrumado em pleno rosto... Foi, pode-se mesmo dizer, uma sensação nova para os productores...

Depois de um intervallo, elle nos disse:

— Os films, podiam ser maravilhosos. Mas... E' o diabo! Os homens que os fazem, nem sempre têm a menor noção de senso... Um artista, quando tem algum senso. Sabe, perfeitamente, quaes são os papeis que lhe convêm. No emtanto, nunca é elle consultado sobre este ou aquelle. E se este lhe agrada ou aquelle não lhe aborrece... Vão mandando, como se todos fossem uma corja de carneiros sem acção...

— Imagine a situação. Ha dias em que todos se reunem e, ao fim de certo tempo, exclama determinado assistente. Artistas ficam, para o ensaio. Mas ensaiar o que? Ahi é que o artista vae ler o seu papel. E, na maioria dos casos, como neste que se acaba de dar commigo, rasguei aquillo tudo que me deram e me recusei, formalmente, a tomar parte em semelhante borracheira... E o que quer? Acha, por acaso, que eu me devia sugeitar á quanto querem esses nossos *amigos?*...

Sempre impetuoso, Bickford só faz aquillo que lhe apetece e tolice será querer demovel-o dos seus principios...

Desde que se acha em Hollywood, Bickford já rasgou e atirou aos pés dos productores, não poucos papeis. Consultado sobre os seus papeis, respondeu-nos elle:

— Francamente, eu não sei de um, até hoje, que eu não fizesse sem ter alguma cousa que fazer. Agora, porem, segundo parece, Irving Thalberg vae me dar a opportunidade de collaborar com o autor do argumento, para enfeitar o meu papel, com os caracteristicos que eu queria e sempre quiz dar a determinadas situações.

Basta isto, sem duvida, para analysar quem é Charles Bickford. Durante a filmagem de *Bonecas de Lama* (Dynamite), elle e De Mille, nem sempre andaram de accordo. A unica difficuldade que elle encontrou, pelo film todo, foi que De Mille é um homem que nem quebra e nem verga. E, assim, em situação inferior, elle Bickford teve que ceder. Ainda que, em muitas circumstancias, discutisse seriamente com De Mille...

A impressão que se tem de Bickford, é que elle, mesmo em criança, foi incorrigivel. Selvagem. Indomavel. Ainda muito joven, querendo mudar para a California, elle entrou para a marinha. E, sem que pensasse ou quizesse, encontrou-se ao lado das fornalhas de um dos navios e viu-se em viagem, ao redor do mundo...

Aliás, nesta particular, nada

que se diga para culpar a Armada. Afinal, quelle annuncio está certo. *Aliste-se na Armada e conheça o mundo*. Agora... O que les não dizem, fazerem bem. E' se *alista-se* e ae para a fornalha ou alista-se e vae lavar o ombadilho todo... Que vê o mundo, vê! E oi assim que, mais uma vez, Bickford teve ue dobrar a cerviz, diante de uma ordem que odos tinham que obedecer religiosamente...

Falando de suas viagens, Bickford disse:

— A China, por exemplo! Nem imagina impressão que de lá trouxe. Achei tão sujo, quelle paiz, tão immundo, mesmo, que não onsegui arranjar appetite para comer, durante todo tempo em que lá estivemos ancorados...

Assim é elle, mesmo. Exquisito. Cheio

quem se APAIXONE por BICKFORD?

e anormalidades e genio que o tornam temperamental e, ao mesmo tempo, o mais cordato entre os cordatos. E' original, antes de tudo, na sua menor acção. E, alem dessa originalidade, caracterizando-o, ha o genio impulsivo e violento que tem.

Depois de deixar a marinha, quando chegou a New York, de volta da viagem, entrou para o theatro. Começou, dentro daquelle papel que já citamos e, depois delle, entrou por uma serie de outros papeis, em dramas e comedias e em melodramas, mesmo. E, depois, quando chegou a epocha dos *talkies*, fascinou-se por Hollywood e para lá se dirigiu, certo de conseguir o seu papel de destaque, entre a colonia Cinematographica.

Ao lado do Studio da M. G. M., Charles Bickford fez erguer um restaurante e, defronte ao mesmo, um posto de gazolina. E, lá, além dos films, desempenha o seu papel de excellente commerciante... Isto é. Procura augmentar os seus lucros, dentro do Studio e, fóra delle, não perde o seu tempo e nem seu dinheiro, applicando-o, lá, em cousas lucrativas.

Sem ser contra o casamento, Bickford é mais propenso a crer que a felicidade se encontra no celibato. E, apesar de ainda não se ter deixado envolver por um caso de amor, não deixa de ser uma constante esperança para os corações das pequenas romanticas de Hollywood...

Haverá alguem que se queira apaixonar por Bickford?

Elle é tudo quanto dissemos e, ainda, um dos homens mais geniosos e irrasciveis que já vimos, em toda nossa vida...

A SUA CASA EM "PLAY DEL REY"

—oOo—oOo—oOo—oOo

"La chienne", o ultimo romance de G. de La Fouchardière, vae ser adaptado ao Cinema.

—oOo—

Marco de Gastyne, continúa com actividade na direcção da sua nova producção para a Pathé-Natan "Une belle garce", tirado da obra de Ch-Henry Hirsch. Gina Manés, Gabrio e Palais, apparecem nos principaes papeis.

—oOo—

Léon Mathot já iniciou a filmagem da sua moderna producção falada, cantada e sonora "Le refuge", tirada de uma novella de Pierre Bonardi. — Alice Field, Gina Barbieri, e André Burgère, são as principaes figuras. Toda a companhia partiu para a Corsega, onde se passa a acção da historia. Em companhia do director, tambem seguiram: Jacquelux, assistente, René Gaveau, chefe-operador e Paul Briquet.

—oOo—

G. Leytes, director do film polaco Maroussia, está actualmente filmando "Der Bergfuhrer von Zakopone". Os exteriores serão tomados nas regiões montanhosas de Tatra. George Marr é o artista principal.

—oOo—

Alberto Cavalcanti, director brasileiro, que tinha abandonado por alguns mezes o megaphone, vae voltar novamente ao studio. O seu proximo trabalho será "Lá vie de Simon Bolivar", o heroe da independencia sul-americana. Enrique Rivero figurará em primeiro lugar no "cast".

Os maiores "fans" dos grandes artistas. São os seus proprios collegas. Vamos, agora, entrar pelos segredos destes mesmos respeitaveis cavalheiros. E das tambem não menos respeitaveis cavalheiras...

São humanos, como nós, tambem vão ao Cinema. E, assim, têm, é logico; o direito de tambem ter seus idolos e seus artistas preferidos.

Existem figuras importantes, no Cinema. Que se emocionam tanto com um film de Greta Garbo. Quanto uma menina sonhadora e romantica de uma villazinha do interior.

Já vi Mary Pickford deixar de jantar, um dia desses, só para assistir na hora, o ultimo film de Lillian Gish. Janet Gaynor já apanhou tempestade, numa travessia em lancha, só para assistir o ultimo film de Ann Harding.

Douglas Fairbanks, em "locação" em Summertime. Atravessou legoas e legoas de deserto. Só para chegar a hora e a tempo para a primeira de um film de Carlito.

Já vi, tambem, artistas apaixonadas pelo olhar romantico de Ronald Colman. E artistas apaixonados pela belleza perturbadora de Joan Crawford...

Talvez, mesmo, sejam elles, os artistas. Aquelles que dão, ao publico, as illusões das historias que vivem. Os maiores "fans" dos seus proprios collegas.

Aqui estão as opiniões de alguns delles.

MAURICE CHEVALIER. — Douglas Fairbanks, desde a primeira vez que o vi, num film, é meu artista predilecto. O primeiro film delle que vi, foi "A Marca do Zorro", ha dez annos, em Paris. Gosto de Douglas, pela sua vitalidade impressionante e pela sua dextreza physica. Além disso, é um esplendido artista. Isto é essencial não esquecer. O gosto de Fairbanks, além disso, é impeccavel. E as suas producções, bem por isso, são feitas com extraordinario carinho e escrupulo. Um dos maiores acontecimentos de minha vida, foi o meu primeiro encontro com Douglas Fairbanks. Quando fomos apresentados. E' ainda mais cavalheiro fóra da téla, do que nella.

Maurice disse que o maior acontecimento de sua vida foi ter sido apresentado a Douglas Fairbanks.

MARY PICKFORD. — Mickey Mouse. Sim! Aquelle ratinho de desenhos synchronisados! Elle mesmo! E' o meu artista favorito... E', na minha opinião, o unico artista que realmente comprehendeu o Cinema falado...

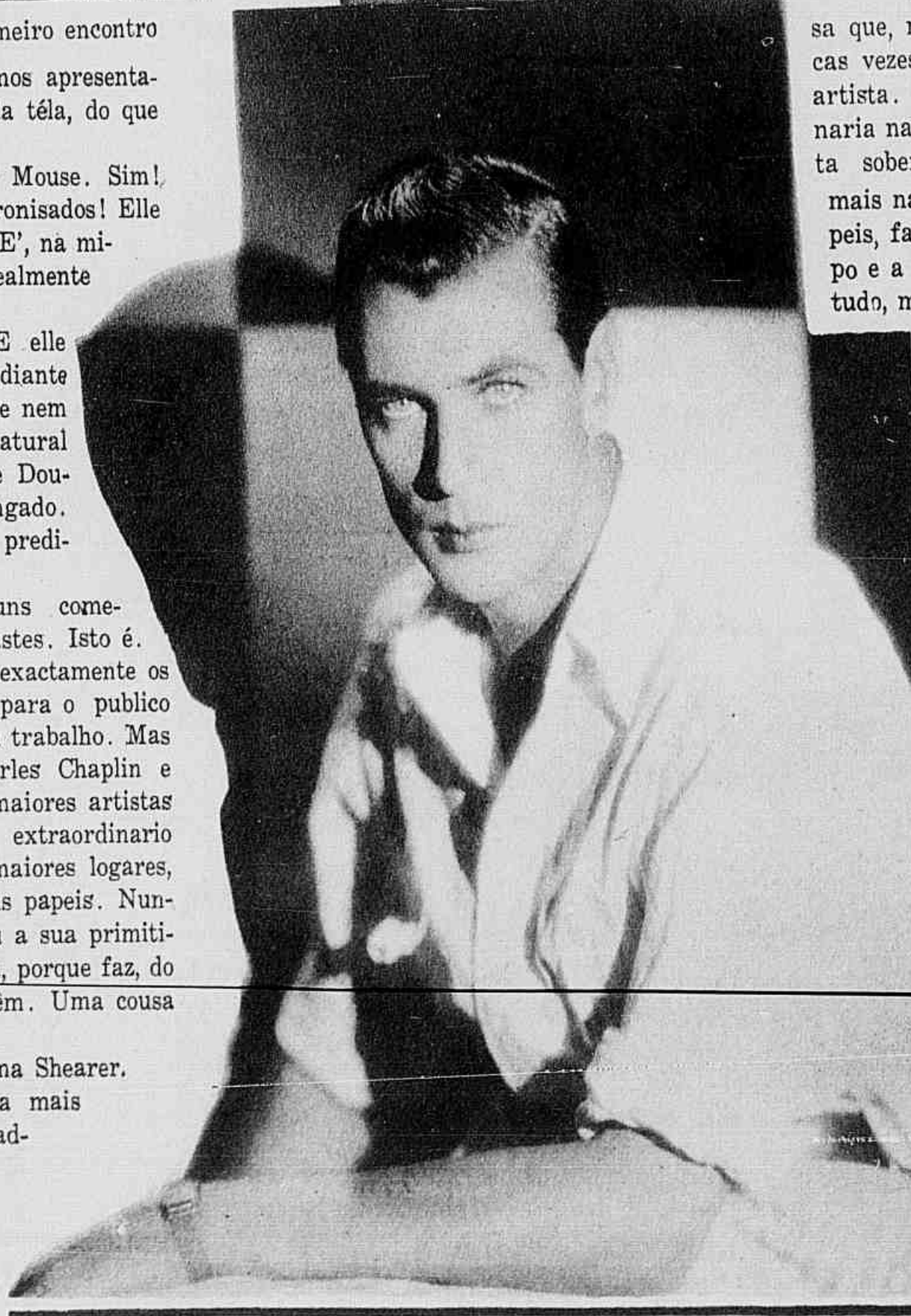
A sua voz está sempre certa. E elle nunca fala demais... E, além disso, diante do microphone. Nem soffre emoções e nem faz a pose theatral exaggerada e natural aos "grandes" artistas... Creio que Douglas não ficará ciumento e nem zangado. Mas Mickey Mouse é o meu artista predilecto.

HARRY LANGDON. — Alguns comediantes, preferem, na arte, os contrastes. Isto é. Artistas que, para o publico, vivam exactamente os papeis contrarios que elles vivem, para o publico tambem. Eu, não. Sou serio, no meu trabalho. Mas aprecio as bôas gargalhadas. Charles Chaplin e Louise Fazenda, para mim, são os maiores artistas do Cinema. Chaplin, para mim, é extraordinario porque apesar de ter attingido os maiores logares, na arte. Continuou, sempre, nos seus papeis. Nunca delles se afastou e nem despresou a sua primitiva caracterização. E Louise Fazenda, porque faz, do mais insignificante papel que lhe dêm. Uma cousa digna de se ver.

CLARA BOW. — Prefiro Norma Shearer. Ella me parece, mesmo, a creatura mais adoravel do mundo. Tem uma voz admiravel e é, além disso, a creatura mais linda que já vi. Veste-se como princeza e tem um porte de rainha. Tem sophisma, elegancia e formosura. Além de ser uma esplendida artista.

RICHARD DIX. — Tenho dois favoritos. Um, para o drama e alta comedia. E o outro para a farça. E' possivel ter dois, não é?

— George Arliss é um dos maiores artistas que já vi. Pela sua versatilidade. E pela technica irreprehensivel dos seus trabalhos. Um perfeito artista. E, para a comedia, Benny Rubin. Tem um não sei que de irresistivel, para mim, que o torna a figura mais engraçada do Cinema. Acho que o admiro, no emtanto, justamente porque o acho o peor artista do mundo...

JANET GAYNOR. — Mesmo antes de entrar para o Cinema, Mary Pickford já era minha artista favorita. Continúa sendo e continuará, pela vida toda. Uma das razões principaes. E' porque ella comprehende profundamente a psychologia das crianças. Uma das cousas mais complexas e difficeis de se conhecer, no mundo. Ella faz, no Cinema. Exactamente aquillo que commove e convence uma criança. E só isto já não é a suprema consagração de uma artista? Isto não quer dizer, no emtanto, que ella não seja igualmente perfeita em papeis de mulher. Ella o é, é logico. Mas, de um geito ou de outro. Será sempre a minha artista favorita.

Joan Crawford, ainda na lua de mel, acha que seu marido é o melhor artista da téla. Mas... Daqui a annos, hein?...

DOUGLAS FAIRBANKS. — Quer saber qual o meu artista predilecto? Ou quer saber qual o "maior" artista? O "maior", francamente, não sei qual é. Mas o que prefiro, sei. E' Douglas Fairbanks Jr. Meu filho. Digo-lhe, aqui, porque é que elle é o que prefiro. Elle é subtil, nos seus papeis. Cousa que, na verdade, bem poucas vezes se encontra em um artista. Tem uma extraordinaria naturalidade e representa soberbamente. Antes de mais nada, é uma figura sympathica. Existem, nos seus papeis, falhas artisticas, bem sei. Não direi quaes são. O tempo e a vida lhe ensinarão isso. Mas elle continúa, apezar de tudo, meu artista favorito.

Os Artistas que os

JOAN CRAWFORD. — Douglas Jr. meu marido, é o meu artista predilecto. Póde parecer partidarismo. Mas é o que sinto. Elle, no meu modo de pensar, é genial. Sei disso, porque, agora, mais do que nunca, eu o comprehendo. Mas o genio, é o instincto, não é? E' pelo instincto que elle trabalha. Não é genial, então? Elle trabalha com emoção. E' sobrio. Nunca se deixa desanimar. Ainda que seu papel seja o mais fraco. E' por isso que o admiro muito.

WILLIAM HAINES. — Admiro Joan Crawford, em primeiro logar. Porque ella personifica, na vida, tudo que é feminino e é bello. E' a mocidade encarnada! Mas não é tudo. Tem o temperamento e a intelligencia de uma verdadeira artista. E, além disso, é humana e extraordinariamente attrahente.

— Depois della, Gloria Swanson. Uma artista finissima e daquellas cujos films não perco, em hypothese alguma.

GARY COOPER. — Charles Chaplin, entr todos, é meu artista favorito. Faz-me rir e eu am o riso. Os papeis serios Quasi todos. Que tenh feito. São a principal r zão de eu tanto amar riso. E além de Chapli qual é o comico que cons gue realmente isso, co intelligencia? E' um gra de artista. Na min

Gary Cooper quer enganar a gente e diz que é de Charles Chaplin que elle mais gosta. Mas quem não adivinha que Lupe Velez é a unica artista que o interessa?...

prefere Greta Garbo.
Tem bom gosto, não acha?...
Billie Dove

Artistas preferem...

opinião, o meu predilecto e o maior que já vi.

VICTOR MC LAGLEN. — Os artistas que, nos films, vi os papeis mais rudes e mais violentos que os dramas reservam. Preferem, geralmente, alguem que lhes traga suavidade, romance e encantamento. Alguem que seja mais feminina do que nada. E que, assim, os faça esquecer os papeis que vivem interpretando.

— Por isso mesmo é que prefiro Janet Gaynor. Ella é a personificação maior da suavidade e do romance que já vi, em dias de minha vida. E, além disso, é uma magnifica e estupenda artista.

BILLIE DOVE. — Greta Garbo, para mim, é a maior artista de todos os seculos. E' a minha artista favorita. Jamais perdi um film de Greta Garbo e, garanto, tudo farei para não perder um que seja. E' a artista mais intelligente que já vi além de possuir, ainda, encantos physicos que a tornam a mais completa entre todas as mulheres.

ANN HARDING. — Greta, para mim, é a maior artista do Cinema. No theatro, mesmo, não existe uma siquer que se lhe compare. Admiro-a, pela perfeição de sua arte. Pela sua extraordinaria personalidade. Porque ella é a verdadeira creadora da illusão. O maior segredo da victoria do Cinema. E' extraordinariamente grande! Os films della, causam-me, ainda que não queira, intensissima emoção. Seja ella Anna Christie ou seja ella Anna Kerenina ou Felicitas... Admiro-a, com toda devoção.

NANCY CARROLL. — Admiro Greta Garbo, em primeiro logar. Porque ella é a maior creadora dos sonhos e das illusões da vida. Parece uma mulher feita de sonhos e de phantasias. Possue a "variedade infinita" de que fala Shakespeare. Quando se referiu a Cleopatra. Greta Garbo é uma artista soberba. Tem uma fascinação mysteriosa, incomprehensivel. E, além disso, a maior personalidade do Cinema e do mundo artistico, em geral. Será uma figura que nunca se apagará do mundo. Porque é, no Cinema, o que Sarah Bernhardt foi no theatro e outras em outros assumptos do mundo. Já a vi em caracterizações as mais diversas. Em todas foi differente. Nova. Sendo, no emtanto, a mesma e sempre extraordinaria Greta Garbo.

RUTH CHATTERTON. — Ainda que tenha deixado os Estados Unidos. Emil Jannings continúa, para mim, sendo o maior artista do Cinema e meu favorito. Admiro-o, pela sua arte soberba. Eu muito aprendi, de realismo de interpretação, com elle, quando com elle trabalhei e quando assisti a films seus. Elle prepara suas caracterizações. Suas attitudes. Como os engenheiros apromptam os seus solidos planos de construcções formidaveis. E' seguro e firme, no seu trabalho. Como um mathematico nos seus calculos. E' a figura predilecta do Cinema, para mim.

— Acho-o, ainda, o artista e collega mais intelligente que já tive.

Clara Bow admira Norma Shearer e a considera a creatura mais adoravel do mundo.

Nancy Carroll tambem votou em Greta Garbo...

A verdade sobre o divorcio

(FIM)

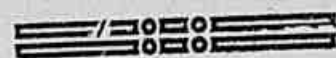
Willat, justamente numa vespera de Natal. E que elle, voltando para casa, cheio de dadivas, para elle, encontrára a casa vazia e abandonada e apenas uma carta sobre o travesseiro... Diz ella que isto foi a mais grosseira mentira que já se pregou até hoje.

— Elle sabia, perfeitamente, que eu não estava em casa. Ha mezes que já estavamos virtualmente separados. E' detestavel essa mania que têm os reporters de inventar cousas que nunca existiram e que nunca se realizaram, mesmo! Foi o quanto ella nos disse, enraivecida, mesmo.

James Kirkwood, pedindo divorcio, de Lila Lee, allegou que ella era tão dada a festas e a "farras" que não achava siquer tempo para cuidar do filhinho de cinco annos que o casal tem. E, por isto, além de pedir o divorcio, elle pedia a custodia do pequeno.

Disse James, ainda, que, quando esteve em Inglaterra, fazendo uma serie de films, foram immensamente felizes e ella só vivia para elle e para o lar. Mas que depois, quando amigos entraram pela vida della, começou ella a deixar de cumprir seus deveres de mãe e mulher. Particularmente abandonando os cuidados que o pequenino merecia. E Lila Lee, por sua vez, replicou.

— Uma artista não tem o tempo que uma mulher commum tem, para se dedicar ao lar e aos filhos. Eu sempre estive occupada nos Studios, é certo. Mas, nem por isso, meu filhinho deixou de ser bem tratado. Eu sempre o deixei em mãos as mais habeis e habilitadas. A cousa que mais prejudicou nosso casamento, creia, foi a differença enorme de idade que existe de mim para elle. E, por isso, já quasi velho, elle não se achou com forças para me acompanhar, na vida. Ahi está porque é que elle hoje reclama que eu abandone o lar e meu filho que tanto quero bem.

O facto é que o juiz deu o divorcio como resolvido e Lila Lee... ficou com o menino.

A Universal, que já conta, para sua nova estação de films 1930-1931, com o auxilio de directores como sejam: John S. Robertson, John M. Stahl, Lewis Milestone e J. Murray Anderson, acaba de contractar, para sua fabrica, com exclusividade; mais os seguintes directores: Rupert Julian, que vae dirigir a versão falada de "Merry Go Round" (No Redomoinho da Vida), Monta Bell, que vae dirigir "Esst is West" e Mal St. Clair, que vae fazer "The Boudoir Diplomat". Mais tres bons directores, portanto, que se alistam na Universal. Não nos esquecendo, é logico, a tambem recente entrada de Henry King para a mesma fabrica.

"The Great Meadow", da M G M., terá Harry Carey no papel de Daniel Boone, caracter central do mesmo.

Clarence Badger assignou por mais 5 annos com a First.

De "Forward March", a M G M fará uma versão hespanhola, com Buster Keaton, mesmo, no principal papel. E' assim, o segundo "talkie" em hespanhol que Buster Keaton faz.

Tod Browning vae dirigir, para a Universal, depois de "Outside the Law", que está fazendo, a versão Cinematographica de "Dracula". Celebre peça theatral.

O film *Cimarron*, da R K O, consumirá 1 milhão e 300 mil dollares na sua confecção. Richard Dix é o principal artista, como se sabe.

"Selling the Top", é o titulo de um film que Eddie Cantor acaba de escrever para a Universal filmar. Este Cantor é um tocador de sete instrumentos...

Cinema de AMADORES

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

O HABITO FAZ O MONJE

(Estudo do "Typo" por um dos chefes da Amateur Cinema League)

A scena havia sido tomada. Os extras achavam-se casualmente junto á porta do banco da villa, esperando que o "guichet" da pagadoria se abrisse, afim de que elles pudessem cobrar o valor do cheque que lhes fôra entregue pelo trabalho do dia. A heroina, chorosa, acabara de "adquirir", na phármacia de defronte, um pouco mais das suas lagrimas de glycerina, e achava-se agora apoiada ao braço do seu valente protector. Então, o illustre director entrou em scena.

— O que é que esses desoccupados estão fazendo aqui no "set" perguntou elle ao assistente de director, o qual havia tomado conta dos serviços preliminares.

—Faça algum movimento, Titio. Estou lhe filmando!

— Desoccupados? Mas elles representam uns agricultores!

O director olhou para o assistente com um ar de terrivel desprezo.

— Agricultores? Com essas camisas brancas?

E assim havia sido, sem que ninguem désse por isso. Todos haviam envergado trajes de vinte annos atraz, traziam a face sem ser barbeada, uns sapatos ferrados, mas tinham vindo tomar parte na scena extras estupidos, como sempre) com as proprias camisas brancas. Tinham pensado que; tirando o collarinho representariam agricultores, e no entanto haviam creado, em vez disso, na immaginação viva do director, uns desoccupados, apenas. Deste modo, haviam sido mandados de volta para o vestiario, e um destacamento de empregados do Studio, logo atraz, havia trazido camizas escuras com collarinhos pegados, mas sem gravatas, camisas pretas, e camisas de lã, vermelhas, para substituirem as camisas brancas. Isto, e mais uma porção de chapéos de palha, havia transformado o exercito de desoccupados de uma cidade industrial, num exercito de gente do campo, de uma cidade rural.

Si houvesse, por traz da linha de camaras, um desses sabios que se orgulham tanto de si proprios e da propria sabedoria, naturalmente que não deixaria de observar que não havia nenhum e n g a n o em um agricultor que usa uma camisa de côr branca. Certamente que os agricultores e a gente do campo usam camisas brancas, mas o principal valor do traje é justamente a formidavel suggestão que o traje produz sobre o observador. O que é que a audiencia, semi-desinteressada, sem nenhum conhecimento do assumpto, considera como indicadora da caracterização? O caso aqui não se trata de erros ou enganos, possiveis ou impossiveis, mas puramente de preconceitos. Os espectadores darão a um certo actor vestido de uma certa maneira o valor que as suas idéas preconcebidas lhes darão, e não outro. E como a maioria das pessoas são notavelmente defficientes nos seus poderes de observação, o mais commum é esperar-se que um certo actor represente, o mais allusivamente possivel, isso denominado em Cinema, e em todas as linguas do Universo o typo.

As gollas tem muita significação nos typos

A significação dessa palavra "o typo" collocaria qualquer membro da Academia em palpos de aranha. O typo de certo que não representa uma estandardização de toda e qualquer pessoa que se dedica a uma certa profissão ou a uma certa funcção na sociedade. Como se originam os typos, como se modificam, isso é um problema que só póde ser resolvido com o estudo dos habitos populares. Provavelmente, é uma observação pessoal, junta a uma analyse das tradicções arraigadas no intimo do povo, que formam a base dos typos populares, standardizados hoje pelo Cinema. Um typo standardizado pelo Cinema é aquillo com que o povo "espera" que o actor se pareça, quando representa este ou aquelle papel.

Lelita Rosa, tambem gosta de fazer suas fitinhas..

No vestiario, como no departamento de distribuição, é essencial não desconhecer-se os chamados typos standardizados pelo Cinema. E' preciso, positivamente, apresentar toda gente do campo com chapéus de palha desabados e meio desfiados nas abas, ou então com uns chapéus de feltro do mesmo feitio, com camisas de flanella, e com botas de meio cano, e pontas quadradas. E' preciso apresentar todo medico ou cirurgião com um pince-nez do fita de sêda, e todo politico com um charuto. E' preciso vestir cada actor de accordo com o poder de suggestão que lhes emprestam os trajes. O bom observador deveria compilar um verdadeiro diccionario de observações a esse respeito, que constituisse um verdadeiro conjuncto de todos os typos estandardizados hoje pelo Cinema. Em vez de se definir um politico como "um homem interessado pelos negocios de ordem publica e governamental", dever-se-ia definil-o como "um homem pesado, com mais de quarenta annos, hombros largos, usando joias vulgares, uma seriedade conspicua, e mastigando a ponta de um charuto grosso e bem grande" Todo actor de talento, que conhece a verdadeira significação dos typos estandizados pelo Cinema, não pára ahi. Muitas vezes supplanta a propria definição que se dá de um typo. No entanto, quem ainda não chegou a ser um actor de talento (é aqui que essas linhas se referem ao amador) deve preferir o typo dado pelo Cinema de hoje á copia do typo dado pela vida real, quasi sempre pouco suggestivo para o espectador cinematograhhico.

Lembro-me de que certa vez, apanhando um film na Inglaterra, tive que chamar um jardineiro para dentro de casa, afim de servir como extra numa scena que se fazia, representando as ultimas vontades de um moribundo. Estavamos no inverno, e o jardineiro, muito naturalmente, um chapéo de côco, preto, muito commum na Inglaterra. Si eu tivesse deixado que o jardineiro, estandardizado pelo Cinema, apparecesse tal como se apresentou na vida real, uma audencia ingleza ficaria satisfeita, mas a scena perderia toda a significação para os espectadores dos outros paizes. Se lhe viram o chapéu e o transformasse no typo internacional de jardineiro, estandizado pelo Cinema, passaria a ser ridiculo para o publico Inglez. Por isso, fiz a scena duas vezes, uma para Inglaterra, e outra para os outros paizes. Seria um erro, como se dá com tudo que se faz para a Arte da Téla, esperar-se que o publico sul-americano, por exemplo, reconhecesse como um jardineiro, um homem com um chapéu de côco. O typo real é sempre um erro. O typo cinematico está sempre certo.

E' impossivel determinar os limites de um assumpto tão complexo. Só a experiencia póde dizer ao amador até onde elle deve chegar. Si o actor deve usar sêdas ou algodão, si um chapéu indica trabalho ou sport, si um vestido curto indica ingenuidade ou pureza, e assim por deante. Estudemos os chapéus, por exemplo. Um chapéu de um homem deve ser tão bom quanto o resto do seu guarda-roupa. Si o chapéu é mais velho do que o traje, elle indica, naturalmente, o começo da decadencia. Já que o chapéu é o emblema da dignidade do homem, muita comedia depende do chapéu usado. O côco de Carlito significa um espirito intrepido, destemido, e a bengalinha o gosto pelas agruras da vida.

Os collarinhos são cheios de significação, desde o collarinho de ponta virada do homem de negocios, até o collarinho alto do porteiro de hotel. A golla chamada Peter Pan do vestido de uma mulher indica o genio caseiro, simples, ordeiro. A golla alta, armada pelo pescoço acima, indica a matrona, a chefe de um orphanato.

As gravatas são outro ponto de muito valor. Quem reconheceria um artista sem a gravata solta, de laço? Misturem-se todos esses pontos e obter-se-á o typo cinematico.

Os oculos significam o estudo, a repulsão pelo outro sexo, a respeitabilidade, a pequenez de idéas e o medo pelo perigo pessoal.

As barbas do homem representam a principal attracção para o outro sexo. E o que é que o homem já não fez com as suas barbas, tal e qual como a mulher com os seus cabellos? Os bigodões, grandes, indicam um genio mallefico que gosta de bater nas crianças. Um bigodinho, com as pontas aparadas, indica o conquistador e o flirtador. Uma face completamente raspada indica a diplomacia e a modestia, isto é, a perda da vaidade.

Os vestidos de algodão lavaveis, si bem feitos e arranjados com gosto, indicam a simplicidade femi-

(Termina no fim do numero)

A TELA EM REVISTA

ODEON

LOUCURAS DE UM BEIJO — (One Mad Kiss) — Film da Fox — Producção de 1929.

Mais um film todo fallado em hespanhól...

José Mojica não é antipathico e nem canta mal.

Mas... Bem, vamos adiante. E' mais uma opereta do que um film e pecca justamente em todos os peccados dos outros films do mesmo genero. Mona Maris, artista argentina, vae muito bem e é lindissima, mesmo.

Antonio Moreno, que entra em todos os **talkies** hespanhóes da temporada, apparece. Continuamos preferindo a sua apparição em films em série...

Ha algumas canções realmente bonitas. Principalmente as que Mojica canta quando Mona Maris está dormindo e a outra, na prisão. A scena da fuga é absurda. Marcel Silver dirigiu assim, assim.

Cotação: — 6 pontos.

IMPERIO

SIMBA — (Simba) — Paramount. — Caçadas nos sertões africanos. E' instructivo, tem algum interesse e póde ser visto.. Mas... só para sessões especiaes ao mundo **entendido** do assumpto ou **interessado** nos assumptos.

Para palpite, não serve.

Sendo film natural, não tem cotação.

Em **réprise**, exhibiu-se "Sally", com Marilyn Miller.

O HOMEM MAU — (El Hombre Malo) — First National — Producção de 1930.

Dos films em hespanhól, até agóra aqui exhibidos, este é o melhor. E' uma peça theatral. Porque a base toda do film é o dialogo. E narra uma historia que, silenciosa, já vimos, ha annos, com o seu creador, Hoolbrook Blinn, já fallecido, Enid Bennett, Jack Molhall e Charles Sellon. A versão ingleza, apresenta Walter Huston no papel que Antonio Moreno tem neste film e este, aliás, não vae mal no film, não.

Rosita e Conchita-Ballestero, Roberto Gusman, Andres de Segurola, Carlos Villaruas e outros, figuram.

Não é cousa que deslumbre nem que cause admiração. Mas póde interessar aos que se achem influidos pelos films fallados em hespanhól...

Cotação: — 5 pontos.

GLORIA

AS TRES IRMÃS — (The Three Sisters) — Fox — Producção de 1929.

Uma historia regular e uma série de bons artistas, bem encaixados em seus papeis. Passam-se, grande numero de scenas, na Italia e, outras tantas, na Inglaterra.

Louise Dresser é a figura principal do film e vae bem, como sempre.

O final é exaggerado. Ha uma dóse forte de **Honrarás tua Mãe** em tudo aquillo...

Joyce Compton, Addie Mc Phail e June Collyer, são as **tres irmãs.**

Kenneth Mac Kenne trabalha mas morre, felizmente... Podem assistir. Nem sahirão deslumbrados e nem aborrecidos.

Cotação: — 6 pontos.

VERDADE VERDADEIRA — (George Washington Cohen) — Tiffany — Producção de 1929.

Lembram-se de **Rapaz de sorte?** Um dos peores films que até hoje já se viram?

Pois bem.

Este ainda é peor...

Uma das comedias mais sem graça e mais sem nada do mundo. George Jessel, que tem voz soffrivel, é, no emtanto, um artista inacceitavel.

O film é silencioso e nota-se a falta que as canções fazem a Jessel.

Florence Allen, lindissima, Corliss Palmer, Robert Edeson, Paul Panzer e Lawford Davidson, completam o elenco.

Parece mentira, mas foi George Archainbaud que dirigiu este film.

Cotação: — 4 pontos.

PATHÉ

O TAXI DA MEIA NOITE — (The Midnight Taxi) — Film da Warner Bros — Producção de 1928.

Um film regular, no genero. Proprio, principalmente, para os amantes dos films de aventuras e emoções.

Agradará mais a platéas populares e, principalmente, aos frequentadores das vesperaes.

Antonio Moreno, Helene Costello, Myrna Loy, Robert Agnew e o fallecido William Russell, tomam parte. Direcção commum de John G. Adolfi.

Cotação: — 5 pontos.

A LEI DOS PAMPAS — (Winds of the Pampas) — Film da Superlative Pictures — Producção de 1929.

Ainda bem que os **yankees** implicam de preferencia com a Argentina, quando bolem com a America do Sul! Lá em Buenos Aires, se exhibirem este film, as cadeiras do Cinema serão poucas... para serem atiradas na téla. Ha, em todo o film, uma profunda ignorancia de usos, costumes e maneiras.

Athmosphera, então, é cousa que elles desconhecem, absolutamente, quando enveredam para os Paizes da Nossa America. O film, além disso, é fraco.

Ann Drew tem um dos principaes papeis.

Claire Mac Dowell, Edward Davis e José Padula, comparecem.

Cotação: — 4 pontos.

PATHÉ PALACIO

NOITE DE PRINCIPES — (Nuits de Princes) — Film da Sequana Films.

Um film soffrivel. Marcel l'Herbier dirigiu, no seu estylo e empregando os mesmos erros que os francezes commettem desde que fazem Cinema.

Gina Manés, Jacques Batelaine, Jean Toulout, Nathalie Lisensko e De Chak, completam o elenco.

Tirando Jacques Catelain, sempre exaggerado e pouco convincente, os outros não vão de todo mal.

Alguns bons ambiente e technica moderna. Photographia, caracteristicamente franceza. Isto é: bôa.

Cotação: — 5 pontos.

HOMENS PERIGOSOS — (Such Men Are Dangerous) — Fox — Producção de 1930.

O homem feio que faz uma operação e fica bonito, mais moço e mais disposto. E' um thema conhecido, não é?

A historia é de Elinor Glyn mas não é nada que assombre. Warner Baxter é que faz o film admiravel, em certos trechos, pela sua interpretação muito natural. Catherine Dale Owen, regular, no seu papel. Hedda Hopper e Albert Conti, apparecem. Kenneth Kawks, que o dirigiu, teve, com este film, o seu ultimo trabalho. Foi durante a confecção do mesmo que houve um tremendo desastre de aviação em que todos foram liquidados.

Cotação: — 5 pontos.

IRIS

SIGNAL DE PERIGO — (The Block Signal) — Producção Sam Sax.

Ralph Lewis numa historia ferroviaria. Tem sido tudo, este homem!

Jean Arthur, Hugh Allan, Sidney Franklyn e outros, tomam parte. A direcção foi de Frank O'Connor.

Cotação: — 4 pontos.

OUTROS CINEMAS

NOIVO CASADO — (Befehl Zur Ehe!).

Uma comedia allemã, com Dina Gralla. Representação caracteristica allemã.

Cotação: — 4 pontos.

Gentil Roiz, quando terminava os trabalhos de corte do negativo do seu ultimo film, recem-terminado: — "Parallelos da Vida"

O Director de

Mantivemos, ha dias, com Gentil Roiz, director do film Brasileiro *Parallelos da Vida*, proximamente em exhibição pelos nossos Cinemas, uma agradavel palestra. Fez elle uma visita á redacção e, aproveitando a mesma, resolvemos consultal-o sobre a possibilidade de algumas idéas suas sobre o assumpto.

Antes de dizermos o quanto elles nos contou e nos disse. Envolvendo as palavras com o seu constante bom humor e gentileza. Vamos fazer um pequeno historico do que elle foi e é, para o Cinema Brasileiro.

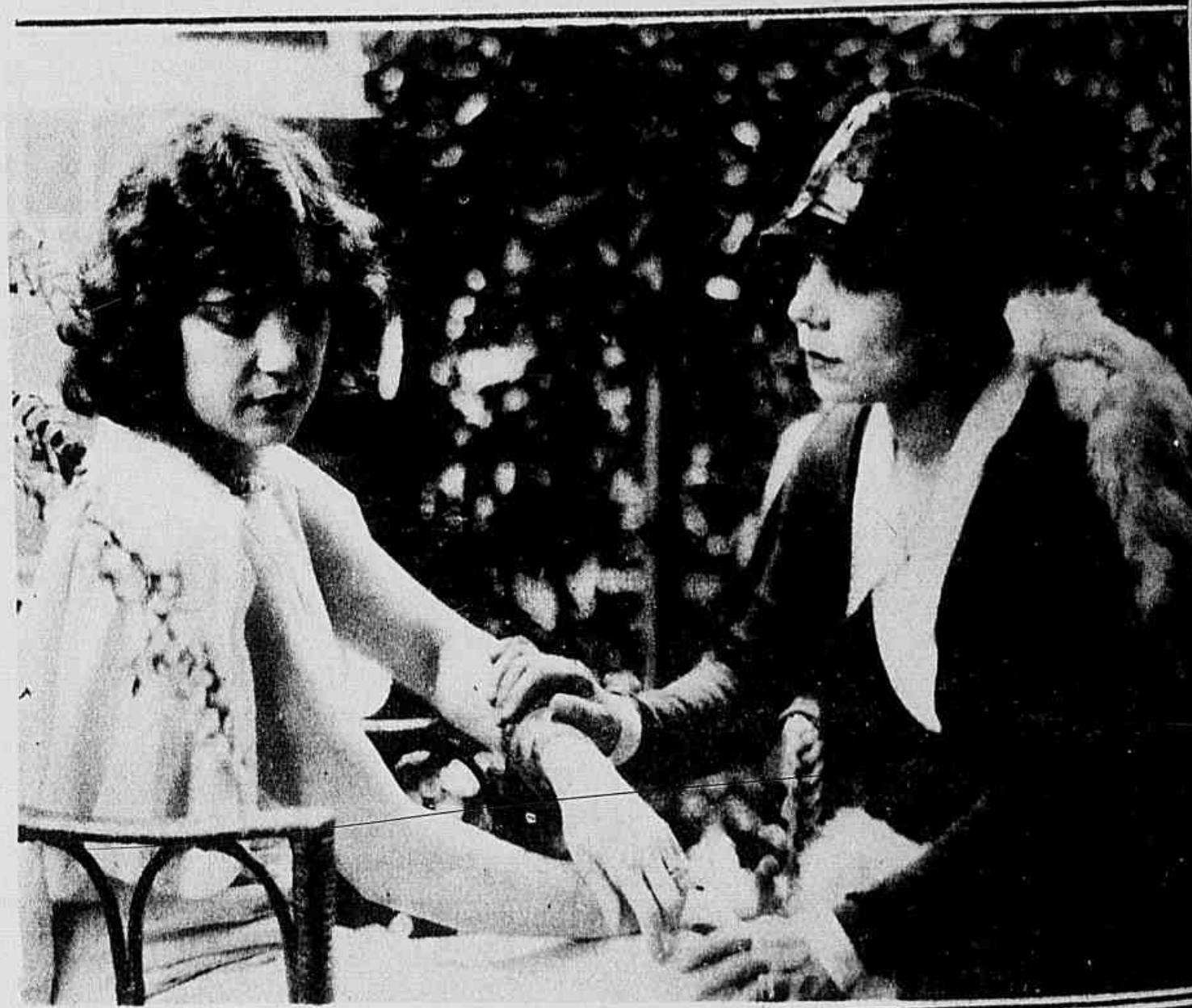
Nasceu Gentil Roiz em Canguaratá, Estado do Rio Grande do Norte. Mas, como seu pae logo depois se removeu para Recife, foi registrado em Recife. O que o tornou Pernambucano registrado. Isto, aos 16 de Maio de 1899.

Depois disso, ainda pequeno, já começou a sentir a imperiosa necessidade de se dedicar ao Cinema. Os films que assistia, então, faziam-lhe uma grande impressão, ao espirito e elle, ardentemente, desejava, por qualquer forma cooperar para o engrandecimento do Cinema Brasileiro. Que elle ainda não sabia existir mas que, intimamente, já o attrahia.

Assim, da sua mocidade, citam-se alguns casos que bem revelam do seu senso enorme de gosto e vontade de fazer Cinema. De um projector que comprou com economias suas, fez, quando menino, ainda, uma machina. Esta não deu o resultado que elle quiz. Mas, quando mais tarde, ainda bem moço mas já disposto á luta, filmou, com Edson Chagas o argumento *Retribuição*, teve, alem da satisfacção de fazer o seu primeiro film posado, o prazer de ver que empregavam a sua machina. Construida com o melhor dos seus esforços. Empregada para a filmagem dos letreiros do mesmo film.

Retribuição, o seu primeiro film. Foi, tambem, o inicio da éra dos films posados e de enredo, em Recife. E' uma das glorias que Gentil Roiz conta para si. Estreou, o mesmo, com bastante successo, no Cinema Royal, de Recife. Tinha, no elenco, Almery Steves, no principal papel feminino e José Barretto, no desempenho da parte masculina principal. Elle dirigiu o film e Edson Chagas operou.

Contou-nos, ainda, Gentil, sempre avançando com o seu modo simples, amavel e captivante de falar, que, este seu primeiro esforço, pelo Cinema Brasileiro, demorou dois annos em confecção.

Agora, para que melhor julguem dos actos, palavras e acções deste elemento do Cinema Brasileiro. Que sempre estimou o Cinema Brasileiro. Porque sempre estava ao seu lado e, por elle, a maior parte

"Still" da scena final que Gentil Roiz tirou do seu film, com Gina Cavallieri e Clara Amaro

de sua juventude já deu. Ouçam-no. Directamente.

— Depois de *Retribuição*, eu fiz *Jurando Vingar*. Fui o principal interprete masculino, do film e Rilda Fernandes, hoje minha esposa, teve o papel de destaque, na parte feminina. Ary Severo dirigiu o film e Edson Chagas operou o mesmo.

— Depois, mais tempos passados e com o film já exhibido, fizemos *Aytaré da Praia*. Trabalharam, sob minha direcção, Ary Severo, Almery Steves e Rilda Fernandes. Edson Chagas sempre foi o meu operador, todo o movimento de Cinema Brasileiro que em Pernambuco mantivemos. E, foi com *Aytaré da Praia* que eu perder, no emtanto, um só pedacinho do meu enorme interesse e da minha grande paixão: — Cinema Brasileiro.

— Foi ahi que, depois de alguns annos de economias, iniciei *Religião do Amor*, hoje, *Parallelos da Vida*.

Houve uma pequenina pausa. Naturalmente,

desci para o Rio. Aqui, com uma copia do mesmo, procurei, por todas as maneiras, collocar o film. Mas a copia que eu trazia, riscadissima, por ter sido exhibida differentes vezes, por lá. Não conseguiu a menor acceitação, muito embora, de parte de muitos, houvesse um real interesse em exhibir o film.

— Para não voltar. Porque eu achava que, dentro do meu ideal, poderia, aqui no Rio, conseguir muito mais cousa. Resolvi tirar partido de minha profissão de gravador e, em instantes, colloquei-me aqui.

— Mais tempos se passaram. E, convidado pela *Aurora Film*, do Recife, para lá tornei a ir. Convidaram-me para dirigil-a. Mas, quando lá cheguei, constatei que nada de positivo havia e que, apenas, era mais uma tentativa que se construia sobre bases pouco solidas e, assim, tornei a embarcar para o Rio. E, aqui comecei de novo, minha vida, sem

Gentil Roiz, que dirigiu diversos films em Recife e, aqui, pretende continuar lutando pelo Cinema Brasileiro, o seu maior ideal.

"Parallelos da VIDA"

pelo seu cerebro, corriam, celeres, as idéas innumeras que elle procurava coordenar para nol-as transmittir, depois. Achamos opportuno uma pergunta.

— E já o tem prompto?

— Já. Ha dias, como, aliás, *CINEARTE* sabe, completei a ultima sequencia do film. Já o tenho todo em negativo e, em breve, iniciarei a copia do mesmo.

— E... Confia no exito do mesmo?

— Seria presumpção minha affirmar, com toda a certeza, que elle vae ser successo. Mas ouso dizer, dentro dos limites da maior modestia, que foi feito para agradar. Tem um enredo que, parece-me, é do gosto do nosso publico. E explora, alem disso, a historia verosomil de duas irmãs, de caracteres antagonicos, que chegam a se desligar, mesmo, por causa desse mesmo motivo.

E, assim, se nada de anormal succeder ao meu plano, lá para Outubro, mais ou menos, tel-o-ei prompto para exhibição.

Notava-se, nas palavras de Gentil o seu profundo amor ao film que fez. Naturalmente, feito com todo o seu sacrificio. Dentro dos limites pequenos de suas posses. Auxiliado por um grupo de amadores genuinos. Representa elle, sem duvida, um acontecimento de valor, para o Cinema Brasileiro. E, ainda mais, sendo Gentil, como é, tão fervoroso admirador e dedicado servidor do mesmo.

— E não quererá dizer aos *fans* o que pensa do Cinema Brasileiro?

— Como não? Acho que o Cinema Brasileiro, sinceramente, é o proprio futuro do Brasil. Porque, tendo-o estabelecido, já se constróe, aqui mesmo, uma diversão que evitará, por força, a sahida de tanto dinheiro nosso para o estrangeiro. Não tenho, como qualquer pessoa de senso razoavel, aliás, a pretenção de pretender que o Cinema Brasileiro seja o supplantador radical do Cinema americano. Isso não! Queria, apenas, vel-o forte. Vivendo com a maior independencia. Tendo sua distribuiçãozinha independente. O seu Cinemazinho particular. E, em summa, vivendo mais protegido, pelas nossas leis e mais acatado, pelo nosso publico.

— Mas não acha, então, que o publico estima o Cinema Brasileiro?

— Acho, sem duvida. E por isso mesmo é que confio nelle! Porque sei que elle é o appoio do nosso Cinema. Mas, apesar disso, não podemos ter a pretenção de querermos fazer com que elle, o nosso publico, afaste por completo o film estrangeiro, de si, pelo simples facto de já termos Cinema Brasileiro. Acho que podemos viver, perfeitamente, ao lado dos nossos concurrentes. Mas, apesar disso, podemos produzir, tambem, para nos equipararmos á elles. Para o nosso publico tão estimado, ao menos.

— Não acha que o Cinema Brasileiro?
falado veio prejudicar o Cinema

— Não creio que prejudique. Sinceramente, acho que o Cinema falado é um disco, com illustrações. A fala ingleza, para nós, é totalmente impraticavel. O Cinema em hespanhol, é reduzidissimo. Já cogitam, tambem, de films falados em portuguez e, mais tarde, farão tambem em Brasileiro. Mas o facto é que o Cinema falado não pode fazer mal algum ao Cinema Brasileiro. Pela mesma razão que uma industria de calçados não pode prejudicar uma industria de fazendas... São... como direi... Completamente differentes! Isto!

—Você, Gentil, quando começou a gostar de Cinema? Lembra-se dos seus primeiros artistas predilectos?

— Se me lembro... Era garoto, ainda. Em Recife não existiam muitos Cinemas. Mas, em um delles, eu jamais perdia os films de Gustavo Serena, Francesca Bertini, Pina Menichelli e Emilio Chione, o inditoso Chione... Depois... Entraram os films americanos, com a grande guerra. Em pouco tempo, apossavam-se de tudo. E, com elles, vieram, para o meu genio de menino, daquelles tempos, as figuras predominantes. Eram ellas, Francis Ford, Grace Cunard e, principalmente, George Walsh e Eddie Polo, o *Rolleaux*, como aqui nós o chamavamos. Eram os verdadeiros heroes da téla, para mim. Lembro-me, perfeitamente, do enthusiasmo com que acompanhei o film em series, *A Moeda Quebrada*. Lembra-se della?

— Lembro-me, sim! E qual foi o primeiro film Brasileiro que viu?

— Foi, tambem, aquelle que, até hoje, maior impressão me causou. Chamava-se *Patria e Bandeira*. E, sinceramente, eu, dali para diante, não pensei mais em outra cousa, sinão fazer Cinema. Tinha, quando o assisti, 18 annos de idade e foi o film que maior impressão me deixou. Não me recordo o nome da fabrica do mesmo e nem sei quaes foram seus interpretes. Sei, apenas, que admirei-o intensamente.

— E da phase nova?

— *Sangue Mineiro* foi o que apreciei mais. Tambem gostei muito de *Barro Humano*. Apenas não apreciei muito a demasia de beijos que encontrei nelle...

(Termina no fim do numero).

Duas scenas de "Jurando Vingar", que Ary Severo dirigiu e que elle interpretou, no principal papel, ao lado de Rilda Fernandes.

A VIDA INTIMA DE

John Loder e Sorensen, um sueco que está em Hollywood, contaram estes detalhes da vida intima de Greta Garbo...

Ha sete mezes que Hollywood vem observando Greta Garbo, ladeada, em quasi todas occasião; pelos cabellos ed ouro de um moço alto, elegante e distinctamente sueco, tambem.

Quem é elle?

E' o que todos perguntam. Dizem os rumores, que é um principe da Suecia, loucamente apaixonado por Greta Garbo, ladeada, em quasi toda occasião; pelos cabellos de mam que é o namorado de infancia, de Greta Garbo, que a acompanhou até Hollywood, vendo que ella, afinal, não mais probabilidades offerecia de voltar para o lar...

No emtanto, segundo parecia, ao certo, mesmo, ninguem poderia dizer quem era o rapaz alto, de cabellos de ouro. Elle é quem a conduz ao Studio, no seu carro. Fazem longos passeios, juntos. Pelo Boulevard, fazendo compras, juntos, é commum vel-os, tambem. Já foram vistos, mesmo, em alguns solitarios e romanticos logares. Mas, tão mysterioso quanto a mysteriosa companheira, continuava o rapaz alto e distincto a preoccupar Hollywood toda.

E' facil de se imaginar a nossa surpresa, ha dias, quando o artista inglez, John Loder, um nosso velho amigo, disse:

— Eu gostaria de trazer aqui em sua casa, para jantar comnosco, um meu amigo sueco. São poucas as pessoas que elle conhece e, naturalmente, gostaria de tratar uma bôa amizade como a sua. Desde que aqui chegou, imagina, isto ha sete mezes, a unica pessôa com a qual se tem dado, mesmo, é Greta Garbo, sua amiga intima.

Outra verdade, é a que affirma que os unicos que conhecem as amizades verdadeiras de Greta Garbo, são... esses proprios amigos! E, antes desta occasião, estes amigos nunca falaram...

Depois do seu quarto dia de chegada, aqui a Hollywood, John Loder encontrou-se com Greta Garbo. O seu ar e seu todo de militar, foi adquirido pelo continuo exercitar nas fileiras do "Royal Military College", de Sandhurst. E, como capitão da cavallaria britanica, fez diversas proezas durante a grande guerra. Seu pae é um dos generaes do exercito inglez. Foi Jesse L. Lasky que o encontrou em Londres e o persuadiu a vir até Hollywood, tentar o Cinema.

Jacques Feyder, um dos seus raros amigos, dirigindo-a numa sequencia de "O Beijo", que vimos recentemente.

Lew Ayres, numa scena de "All Quiet in the Western Front". Ella desilludiu-se com o film. Mas achou que Lew representou muito bem o seu papel.

Diziam que Greta Garbo tinha, entre suas amizades, Lilyan Tashman. Depois, supoz-se que Fifi Dorsay fosse sua confidente. Outros diziam, com grande certeza, que Nils Asther era a unica pessôa que passava o limiar da porta de sua casa. Mas isto tudo não passava de boato, afinal e Greta Garbo, assim, conseguia, afinal, manter o publico afastado do interior de seu lar, dentro do qual ninguem mesmo poderia saber o que realmente se passava.

John Loder já havia jantado comnosco, aqui em casa, diversas vezes. Como todos os demais artistas de Hollywood, conversavamos geralmente sobre as pessôas que os faziam, principalmente... No emtanto, por isto ou por aquillo, o nome de Greta Garbo jamais entrára em discussão. E foi, portanto, uma real surpreza descobrirmos que John Loder e sua esposa (acabada de partir para Londres, em visita aos parentes) eram dos incluidos na lista das amizades intimas de Greta Garbo!

Depois da terceira noite, trouxe elle, afinal, comsigo, o seu amigo Sorensen, á nossa casa. E foram elles, nessa noite, nossos convidados de honra. Estavam ali, além delles, a artista Lola Lane e nós, apenas.

Soubemos, logo, que o circulo de amizades de Greta Garbo resume-se em seis pessôas, apenas. Sómente dois, deste grupo, são da mesma nacionalidade. Sorenson, que só dá este unico nome, nas suas apresentações (Greta Garbo o chama Soren, apenas) e ella, Greta Garbo, os dois suecos do grupinho. John Loder, inglez. A esposa delle, austriaca. O director Jacques Feyder, belga e sua esposa, pariziense genuina.

Embora as pessoas deste grupo falem diversas linguas, a usada, commumente, quando nas reuniões intimas no lar della, é a allemã. Ella é uma das mais fervorosas admiradoras da lingua allemã. Do povo allemão. De tudo que traga o rotulo: — "made in Germany". Diz ella que os momentos mais felizes de sua vida, passou-os ella em Berlim, trabalhando nos films que lá fez.

São apenas estas as pessôas que realmente conhecem Greta Garbo. Na companhia delles, esquece-se ella, radicalmente, de que é artista de Cinema. Elles são recebidos em sua casa e recebem-na nos seus proprios lares. Conhecem todas as suas esperanças e ambições. Sabem detalhes de sua vida, no presente e no passado. E comprehendem, perfeitamente, a sua extranha personalidade.

Eram dois delles que se sentavam comnosco á meza e, portanto, teriamos que ouvir mais alguma cousa desta valiosa amizade que ambos desfructavam.

— De coração, Greta Garbo é rustica.

Disse John Loder e continuou.

— Possue, no emtanto, a chamma divina que a torna a grande artista que é. Suas duas naturezas estão em constante luta. O resultado della é a exquisitice do seu temperamento e do seu genio. Não a menor duvida em se affirmar que, ás vezes, ella é terrivelmente infeliz. Ella tem uma lei para si. Não conhece regras ou rotinas. Durante o anno e meio que é a duração da nossa amizade, não me lembro de uma só vez em que ella tivesse marcado um apontamento e apparecesse ou, mesmo, marcado um jantar e á elle houvesse comparecido, pontualmente. A's vezes, apparecia; sim; mas... um dia antes! De outras feitas, telephonava: — "John? Eu amanhã vou ahi! E desligava. Preparavamos tudo conforme seu gosto. Minha mulher arranjava innumeras cousas das quaes ella gostava. Mas... Quantas e quantas vezes ficamos, eu e ella, esperando; a noite toda; sem que ella apparecesse?... Já vi Feyder recusar encontros importantes só para attender á um apontamento de Greta Garbo. A's vezes ella apparecia, por acaso. Mas, em outras, eram os apontamentos perdidos e o compromisso com Greta Garbo tambem perdido, por que ella não apparecia. De outras feitas, ella chegava. Mas se escutasse vozes estranhas, dentro da sala, voltava immediatamente e ás vezes nem siquer chegava a tocar a campainha da porta de entrada. Ahi, Sorensen entrou na conversa.

Greta Garbo

— Lembra-se daquella noite em que eu e Greta Garbo fizemos todo o caminho que vae da casa della á sua? Eram umas tres milhas, seguramente. Lembro-me que no caminho ella não quiz mais lá ir, só porque se lembrou de comer uma salada de batatas e tomar uma bebida qualquer, num restaurante que conhecia e aonde não a conheciam, ainda...

Depois, John accrescentou: — Ella joga tennis como um homem. Quando Emil Jannings e sua esposa ainda aqui residiam, duas vezes por semana ella os procurava para jogarem partidas de tennis. Entre seus habitos, tambem, está o de jantar com Ernst Lubitsch e senhora, de quando em vez. Foi em sua casa que eu e Sorensen fomos apresentados. Apenas ha dias que elle havia chegado e ainda nada conhecia de Hollywood.

Ahi, houve uma curiosidade nossa.

—Mas porque é que ella não gosta de apparecer ao publíco, como as outras estrellas? Porque não apparece nos mais populares cafés? E, tambem, porque não vae ás primeiras dos seus films ou ás grandes peças dos bons theatros?

Foi Sorensen que ensaiou uma resposta.

— Ella iria, sim.

Greta Garbo, a maior personalidade do Cinema, como appárece em "Romance", a peça bonita de Shelson que Clarence Brown acaba de converter em film.

Gary Cooper nada tem com a vida intima de Greta Garbo. Mas aqui está, apenas porque ella o considera o maior artista do Cinema. (Em tamanho e em arte, é logico...)

Mas... se ninguem a conhecesse! E' logico e justo, mesmo, que ninguem possa apreciar uma ceia ou um jantar ou qualquer coisa semelhante, em summa, com milhares de olhos em cima de si.

Antes de se fechar o "Russian Eagle", lá iamos, tres vezes por semana. O grande local era escassamente illuminado e, lá Greta Garbo jamais foi reconhecida. E ella, que tanto gosta da comida russa, quanto da musica, alegrava-se um pouco com aquillo. Vamos, occasionalmente, ao "Musso Frank". Mas quando a tarde está bem adiantada. Greta Garbo gosta muito do peixe e dos bifes que elles lá preparam. E ella só admitte ser servida por um garçon allemão que ha lá e que já conhece a maneira pela qual ella gosta dos petiscos que ordena. Ha pouco tempo, aliás, decidiu ella ir ao Biltmore. Feyder ordenou que apromptassem lá uma meza para nós. Na forma do costume, ella nos encontrou, para o passeio, vestida no seu costume de jersey e com um "sweater" já rustido, quasi. O chapéo de feltro, quasi cahia sobre os olhos. Era mais um disfarce do que outra cousa qualquer... Antes, fomos á um Cinema, assistir um film. Quando chegamos á porta do Biltmore, Greta Garbo viu a turba que entrava e voltou. Depois, disse-nos, num impeto; como que medrosa: "Vamo-nos daqui! O "Russian Eagle" é melhor!" Nem eu e nem Feyder pensamos mais em demovel-a do seu intento. Se houvessemos feito, aliás, terimos naturalmente ficado sós. Porque ella nos deixava ali mesmo, na certa!

— Greta Garbo aprecia immenso o theatro, sim. Mas não costuma ir, porque a multidão não a deixa em paz. E é uma verdade o facto de que ella quasi enlouquece quando a turba a rodeia e a quer ver, a todo custo.

— Quebrando essas mesmas regras, ha tempos, compareceu ella ao espectaculo da grande dansarina hespanhola argentina, no "Philarmonic". Reservado que foi o camarote, compareceu ella. Mas entramos para o mesmo, mansamente, sem sermos percebidos. Mas, num instante, parecia que a turba toda já tinha seus binoculos assestados para ella! Notavam-se, mesmo, interrompendo a linha do espectaculo, os murmurios e os cochichos em torno della. E quando a mão de Greta Garbo

(*Termina no fim do numero*)

Entre portas fechadas

(Conclusão do numero anterior)

Éra Helena. Frank já a tinha enleiada completamente pelos seus artificios. Helen o amava, profundamente e nem siquer suspeitava da sorte de homem que elle éra. E, assim que percebeu isto, Ann, immediatamente, pensou em salval-a das mãos daquelle conquistador de máos costumes.

Lawrence Reagan não se enganava com Frank Devereaux. Elle conhecia o caso da familia Dixon. Uma familia honrada e honesta. Que tivéra, assim que conheceu Frank, a felicidade arruinada... Madame Dixon deixára-se arrastar pela prosa de Frank e, quando quiz reagir, nada mais podia fazer...

E Lawrence Reagan, ao contrario do que realmente succedia, mais pensava em proteger a esposa, contra elle, do que sua irmã, com a qual nada suspeitava.

Mas o que deixava perplexo, em tudo aquillo, éra que Frank nem siquer dava attenção a Ann. E fazia uma côrte discreta e distincta a Helena.

Como justificar aquillo?

Ao fim da primeira noite, depois que Frank se foi, Ann interpellou Helen.

— Gosta delle?

— Gosto? Não. Amo-o!

— Mas Helen...

— Ha alguma objecção?

— Talvez...

— Diga! Seja franca...

E Ann não podia ser franca. Para lhe dizer que Frank éra um canalha, precisava dizer-lhe que havia sido comsigo propria. E só a idéa de poder isto acontecer, já a molestava mais do que tudo, neste mundo...

\+ + +

Um dia, quando pilhou um segundo opportuno, e viu que Helen se afastava e Lawrence não percebia que fallava com Frank, dirigiu-lhe a palavra, discretamente.

— Deixe-a!

— Quem?

— Óra! Sabe muito bem. Helen!

— E porque?

— Porque...

— Ciumes?...

— Não seja cynico. Ciumes? Não! Apenas receio de que infelicite minha pobre cunhada...

— E o que me diz disto?

Mostrou-lhe, tirando-a discretamente do bolso, a photographia do yacht.

— Gostaria que mostrasse isto a seu marido?

Ann teve um gesto para a apanhar. Frank, calmo, guardou-a. Depois, sorriu para ella e insistiu na pergunta.

— Quer que a mostre ao Lawrence?

— Por Deus, Frank, não o faça! Supplico-lhe!

— Pois então, minha senhora, arrede de meu caminho e jamais se interponha entre meus estratagemas e Helen, comprehendeu?

— Isto nunca!

— Pois experimente fazel-o. Dizendo-lhe ou por qualquer outro meio. Experimente! Mas depois não se arrependa...

Chegava Helen. O resto da noite, toda, passou-se em palestra animada. Até que Frank se retirou...

\+ + +

Ao mesmo tempo que Reagan recebia uma telephonada de Dixon, contando-lhe toda sua miseria. Que Reagan apenas conhecia em parte. Ann ouvia, de Helen, a confissão de que Frank a convidára para uma ceia, a sós e que ella acceitára, para o dia seguinte. E pediu, á cunhada, todo o segredo.

A situação de Ann, tornou-se medonha. Quiz fallar. Mas lembrou-se da ameaça. Lembrou-se da photographia que vira nas mãos de Frank. Calou-se. Logo depois, Reagan chamou-a.

— Agóra soube tudo quanto Frank fez á familia Dixon! Elle jamais pisará aqui. Canalha! E eu pedi ao Dixon que não o procurasse, antes que eu o conseguisse encontrar. Fal-o-hei, amanhã. Já sei a hora melhor de o encontrar...

\+ + +

No dia seguinte, bem antes da hora da ceia de Helen e Frank, Ann já se achava no interior do appartamento de Frank.

— Não a receba. Peço-lhe!

— E porque?

— Porque ella é direitinha! Ama-o. Pensa, de si, o que eu pensava, quando o conheci...

— E acha-se no direito de exigir isto de mim?...

— Exigir, não. Supplicar, se quizer...

— Mas... Ficará aqui, em lugar della?

— O que?...

E Ann comprehendeu o caracter daquelle homem. Elle queria, ali, uma mulher que o acariciasse, que o beijasse. Não lhe importava quem fosse.

— Canalha! Mil vezes não! E nem tampouco Helen virá até aqui! Eu lhe direi tudo!

— Perfeitamente. A porta está aberta. E' só sahir por onde entrou e ir contar tudo á ella... Só...

— Só?... O que?...

— Só que procurarei Lawrence e lhe mostrarei o nosso romantico beijo, daquella noite inesquecivel...

Ann, mais uma vez, tombou diante dos argumentos de Frank. E elle, arremattou toda aquella desgraça.

— Por emquanto, minha linda, interessa-me Helen. Jamais colhi carinhos de uma flôr tão espiritual! Nem mesmo você... Mas... Não tema, sabe? Eu não a desprezarei, não! E, um dia, tenho disso plena certeza, minha menina, você virá direitinho para aqui, ceiar commigo e resgatar bem resgatada esta photographia...

Éra demais. Ann apenas teve nojo e odio em sua expressão, olhando aquelle homem. E já se preparava para sahir, quando ouviu a voz de Reagan. De um salto, agarrou Frank.

— Você não lhe diz que eu estou aqui? Jura?

— E você... Não se mette mais com minha vida? Jura?

Ann accenou affirmativamente com a cabeça, esmagada. Vencida. Depois num salto, garhou o quarto de Frank e, por dentro, fechou-se.

\+ + +

Reagan entrou, mal cumprimentou Frank.

— O que ha, Larry?

— Ha, canalha, que Dixon contou-me a sua maneira de enxovalhar um lar! E eu...

Discutiram. Lawrence, em pleno rosto, atirou-lhe toda a sua miseria e baixeza moral. Frank, violento, replicou. Que nada tinha elle Reagan com aquillo. E que arredasse de seu caminho. Reagan contou-lhe o quanto éra amigo de Dixon e, á uma phrase mais violenta de Frank, avançou para elle.

Afastando-se, Frank apanhou um revolver. Ia atirar, sobre Reagan, quando este o atracou. Luctaram. Na lucta, accidentalmente, disparou a arma e Frank tombou, agonizante.

Rapido, Reagan comprehendeu a situação. Limpou tudo quanto deixasse vestigio de suas impressões digitaes. Apanhou o cartaz **não bata.** Collocou-o pelo lado de fóra do quarto. Fechou a porta, pelo lado de fóra. Guardou a chave e foi-se embóra.

\+ + +

Temendo a prisão de seu marido. Fechada com o corpo agonizante de Devereaux. Ann não sabia o que mais fazer. Depois... Resolveu.

Apanhou a arma. Detonou-a, por duas vezes. Apanhou o telephone, chamou a portaria e gritou por soccorro.

Veio a policia. Arrombou-se a porta. E ella, aos guahdas, declarou que fôra a assassina de Devereaux, porque elle a tentára ultrajar...

Horas depois, Reagan comparecia, avisado, contára ao delegado que fôra elle que atirára sobre Frank. Não quiz dar os motivos.

E, por mais que o delegado a ambos interrogasse, sempre a resposta éra a mesma. Ella chamava a culpa sobre si e elle, por sua vez, sobre elle.

Nisto, a portaria diz que ha uma senhora, lá em baixo, que procura Frank Devereaux.

O delegado, num relance, comprehende a situação de Ann. Percebe que ella andou protegendo uma terceira pessôa. Manda a pessôa esperar e interpella Ann.

— Nadã direi. Não direi quem é!

Vendo sua obstinação, o delegado manda que todos se retirem e, sozinho, recebe Helen.

— Mr. Frank está?

— Está lá dentro, minha senhora. O que deseja?

— Desejava que lhe dissesse, por favôr, que Helen Reagan aqui esteve e lhe manda dizer que não póde comparecer á ceia que elle lhe offerecia esta noite, sim?

E ia se retirar, quando Reagan irrompe pela sala. Livido e cheio de indignação.

— Marcaste ceia com Devereaux?

Helen confirmou, antes que Helen explicasse, ouviu-se a voz de Frank, do interior do seu quarto que, fracamente, chamava Reagan.

E lá, com o testemunho de todos os presentes, Frank Devereaux, antes de morrer, confessa as suas acções. Narra o episodio do yacht, com a innocencia absoluta de Ann e, tambem, o que pretendia fazer com Helen e que Ann queria impedir. Depois, unindo as mãos de Reagan e Ann, pede-lhe, num ultimo arranco, que perdõe tudo á ella que sempre tão digna e tão decente fôra, na vida...

Morto Frank, retiram-se todos.

E em casa, minutos depois, Reagan, com beijos e carinhos, compensava todas as bôas acções e todo o coração amoroso de Ann Carter.

A vida intima de Greta Garbo

(FIM)

começa a tremer, já sabemos, todos, que ella está amoladissima! E, além disso, nervozissima.

— Durante o intervallo, passamos para a ante camara que fica antes do camarote. Formaram-se alas para a deixar passar. Ouvimos diversas considerações. Afinal, divertiamo-nos. Mas houve alguem que me apontou e disse, a ponto de ser ouvido: — "é um principe authentico, sim!".

— Dez minutos antes do panno descer, para o final, retiramo-nos mansamente, sem sermos vistos. E soubemos, mais tarde que a multidão foi compacta, á sahida, todos esperando por Greta Garbo que já estava em casa, socegadamente...

— Ella prefere o Cinema, para frequentar, porque entra com as luzes apagadas e sáe com as mesmas tambem assim."

— Gary Cooper é o seu artista favorito. Qualquer film que elle faça, ella assite.

— A noite passada, exactamente, estivemos assistindo **All Quiet in the Western Front.** Greta Garbo desapontou-se com o film. Porque notou que haviam seguido a versão ingleza do romance e que assim não devia ser, porque está muito adulterada e não encerra as verdadeiras bellezas do original allemão, quazi outro livro. Achou, apesar de tudo, que Lew Ayres teve um bello papel e o desempenhou á altura.

— Para Greta Garbo, um dos melhores films que ella tem visto, ultimamente, foi **Alvorada do Amor.** Ella admira muito a Lubitsch e diz que tem immensa vontade de ser dirigida por elle, num film.

— Logo que veio da suecia, quando deste seu ultimo e recente passeio, passou a morar no **Bervely Hills Hotel.** Mas, de lá se mudou, logo, porque não conseguia supportar aquella vida. Houve um facto, mesmo, que foi o principal a fazel-a procurar nova residencia. Uma moça a procurou, no Hotel. O encarregado, na forma do costume, disse-lhe que ella não se achava em casa. A moça persistiu e resolveu esperar. Esperou o dia todo. A' tarde, Greta Garbo sahiu, num relance. Entrou para o automovel e partiu. Antes do automovel dobrar a primeira esquina, a tal moça atirou-se sob as rodas do mesmo, declarando que havia de fazer Greta Garbo parar e fallar com ella, ainda que lhe custasse a vida...

— Foi depois disso que ella resolveu arranjar uma casa para si. Tomou um casal de suécos para arrumar sua casa. E o proprio nome, para a lista telephonica, deu-o errado. Arranjou o sobrenome Norin para figurar... E, assim, durante algum tempo, nada mais de anormal aconteceu.

John Loder, ahi, tomou a palavra.

— A's vezes, appareciamos em sua casa, sem avisarmos, na fórma exacta pela qual ella agia, tambem. E ella sempre nos dizia que disto gostava immenso. Mas notavamos que, ás vezes, a porta não se abria logo. E, em outras vezes, mesmo, não se ouvia nada e a porta não se abria, mesmo. Passavam-se sete, oito dias e nenhuma noticia della tinhamos. Isto, quando ella não estava trabalhando, então, éra communissimo. Ella tem a mania da solidão. De repente apparece na casa de Jacques Feyder. Sem explicação alguma e a mesma sorridente Greta Garbo de todos os tempos... A casa de Greta Garbo, em Bervely Hills, é de construcção estylo italiano. Ella a alugou, por causa da lareira, da piscina e de pontos solitarios e quiétos, devidamente resguardados, para banhos de sol, cousas essas que ella gosta immenso. As mobilias de sua casa, são de estylo hespanhol e italiano, misturados. Havia, aos pés da lareira, um immenso tapete de pelle de animal, aonde ella sempre se costumava deitar, para ouvir o crepitar das brazas, que ella muito aprecia. O ambiente todo, apenas éra illuminado pela mordura de uma photographia. Grande e bonita: de seu irmão.

— O seu dormitorio, ficava no andar terreo. Lindamente mobilado. O leito, largo e baixo, razinho, mesmo, fica bem no centro e numa elevação, em fórma de plataforma, que o transforma, á primeira vista, num throno imponente e majestoso. Diversas ornamentações chinezas, adornam tudo.

— Em contraste com seus vestidos, o lar de Greta Garbo é luxuozissimo. Apenas a vi uma vez em trajes de **soirée.** Isto no lar de Mary Pickford e Douglas Fairbanks, quando da festa que lhe offereceram ao Principe George da Inglaterra. Nessa noite, lembrome, o seu par éra John Gilbert. Uma das razões della se ter mudado para a ex-casa de Marie Prevost, foi o silencio do local. Mas descobriu, afinal, que os automoveis, passando bem pertó, faziam tambem algum barulho. E, por isto, já está pensando em local melhor.

— Ella me disse, mesmo, que está procurando um terreno proximo a Brentwood, para lá construir sua casa. Porque, assim, estará perto do mar e receberá, delle, briza directa.

— Lembra-se do jantar de Natal que tivemos, com Greta Garbo. Sua esposa, você e eu?

Perguntou Sorensen a Loder, interrompendo-o.

— Se me lembro! Não o podia esquecer, mesmo. Tampouco a noitada de compras que na vespera tinhamos levado a effeito...

E riu-se, recordando os factos.

— Em primeiro lugar, fomos á uma pequena loja do Hollywood Boulevard. Greta Garbo divertia-se immenso, comprando **alegrias**, segundo ella propria affirmava, naquella caminhada de loja para loja.

— Já havia ella comprado um par de ligas de mulher para offerecer ao seu emprezario financeiro, Harry Edington, a titulo de brincadeira e, tambem, umas gravatas engraçadissimas para offertar a Jacques Feyder. Nisto, uma mulher tomou seu braço e lhe disse, ao ouvido: "Acho-a admiravel, Miss Garbo!". E partiu.

— O sorriso desappareceu da sua physionomia, como que por encanto. Pareceu que ella se congelava. Voltando-se para mim, ella disse, em allemão: "O que quer esta bôa senhora de mim?" E, depois, mudando de tom, disse-me, com rapidez e rispidez: "Vamo-nos daqui!". Foi o fim da nossa tarde de compras...

— Mais adiante, numa vitrine de doces, ella achou admiravel um boneco de chocolate que ali estava. Entrou e apontou-o, já separando o dinheiro para pagal-o, quando o homem lhe disse que éra apenas para enfeitar a vitrine e não estava para vender. Ella se encolerizou e retirou-se antes que dissesse ao pobre homem tudo que delle estava pensando.

— Eram duas horas. Dali, fomos ao **Musso Frank.** Estava na hora do **lunch.** Ella pediu um bife, batatas e cerveja. E', aliás, o seu **lunch** favorito e do qual ella muito gosta.

— Depois do **lunch,** fomos á uma loja Chineza. Lá escolheu ella diversas couzas e algumas peças de sêda finissima. Mas o que mais me impressionou foi a sua attitude extactica e absorta, diante de uma imagem de Buddha que ali havia...

— Greta Garbo aprecia immenso a cozinha suéca. Couza natural, é logico! O jantar de Natal, começou com **smorgasbord.** Que, na Suecia, substitue o **hors d'oeuvres.** Haviam, ainda, vinte e dois pratos diversos. Sei que haviam, porque os contei, calmamente. Peixes de todas as qualidades. Diversas qualidades de queijos importados especialmente da Suécia. Omeletes finissimos e delicadissimos e, se me fosse lembrar de tudo, acho que não poderia aqui innumerar... O prato predilecto de Greta Garbo, no emtanto, é ganso assado. Mas tambem haviam vegetaes em grande quantidade e uma salada accompanhada de pão suéco. O **dessert** foi com bolo suéco de maçãs. Depois do jantar, lembro-me muito bem, Greta Garbo nos fez provar do **achavitch,** um licor suéco de antes da guerra que um seu admirador lhe mandára da Suécia. Éra um liquido que, sem mentira, parecia de fogo. E, afinal, logo depois deste lauto jantar, exclamou ella, num impeto: "Vamos nadar na piscina, meus amigos, vamos?". Em instantes, todos achavam-se dentro da piscina, inclusive eu. Até hoje não comprehendo como é que não morremos todos, ali mesmo, com uma violenta congestão!

— Foi o **achavitch** que nos salvou...

Troçou Sorensen, ouvindo-o contar o caso, com um sorriso.

Ao se fallar na Suécia, naturalmente levou-se a conversa para o terreno da sua ultima viagem até lá. Sorensen é que fallou.

— As cousas, para ella, não eram as mesmas. Ha quatro annos que ella lá não ia e, por força, as cousas haviam de estar immensamente modificadas. Muitas das suas amigas se haviam casado e, outras, haviam viajado para o interior do Paiz. Sua irmã Alva, que ella tanto queria, não mais a esperou, para lhe beijar... Alva éra uma menina bonita e éra a caçula da familia. Parecia-se muito com Greta Garbo. Tinha um physico de flôr, na sua delicadeza geral. Seus labios tinham a côr do morango e não traziam, é logico, uma só camada de carmin. Éra muito alegre e divertida. Ella já havia feito, na Suécia, mesmo, diversos films e éra, por isso, muito popular. Quando viajava de automovel, certo dia, machucou-se no peito. Mezes depois, victima de um cancer, fallecia.

— O irmão de Greta Garbo, o mais velho da familia, tem mais ou menos trinta e dois annos. Parece-se com ella, tambem, em muitos traços. Tambem tem sido muito succedido tanto no theatro quanto no Cinema. Por causa da fama mundial de sua irmã, a companhia resolveu augmentar o seu nome para Sven Gustafsson Garbo.

— Greta Garbo é devotadissima á sua mãe e ao seu irmão. Dá-lhes luxo, mesmo. Mas não creio, apesar de tudo, que ella jamais venha a ser feliz em Stockolmo, outra vez. Ella me diz sempre: "Aquillo não é mais como eu conheci, Soren! O meu proprio povo, agóra, olha-me, pelas ruas e admira-se como se eu fosse um ser sobre-natural... Acho, mesmo, que não terei paz em parte alguma do mundo, mais... Todos fallam de mim. Principalmente por causa dos ridiculos fallatorios sobre meus **casos** de amor de Hollywood. Acho, mesmo, que o mexerico é cousa mundial...".

— Umas das grandes ambições de Greta Garbo, é representar para os publicos de Paris, Vienna, Londres e Berlin, principalmente. Ella quer representar peças as mais dramaticas possiveis. E, sinceramente, se ella o fizer, um dia, não tenho duvidas em affirmar que supplantará a propria Sarah Bernhardt!

— Acho, com confiança intima, tambem, que, quando seu contracto terminar — isto daqui ha dois annos — Hollywood a perderá. Greta Garbo, entre suas qualidades, tem a de fazer, sempre, aquillo que quer. E, a ambição que acabo de contar, é, justamente, das cousas que ella mais quer, no mundo.

— Além disso, ella tem uma voz profundamente melodiosa. E, tambem, ella ama demais a musica. Sua electrola geralmente não tem parada. Gosta muito de tocar e, entre os discos que prefere, acha-se uma collecção que lhe trouxe de Stockolmo, quando de lá vim, recentemente.

—Durante esta epocha do anno, ella prefere estar em **Lake Arrowhead,** porque lá não ha multidões. As montanhas e as aguas, sempre lhe agradaram. O anno passado, por sua propria deliberação, fez-se uma excursão pelo Yosemite. Foram poucas as pessoas que a reconheceram. Sempre se registrando com o nome de Norin, usava, ainda, oculos pretos e chapéo quazi todo cahido sobre os olhos.

John Loder lembrou-se de uma curiosidade della e nos contou.

— Uma cousa engraçada, é ella jamais realizar passeios a cavallo, com minha esposa, eu ou qualquer das suas amisades. Não o faz, apesar de apreciar immenso. No emtanto, já a vi, mais de uma vez, no Bel Air, cavalgando sozinha, sem companheiro algum ao lado... Porque?... Garanto que ninguem sabe explicar. Além disso, ella se veste admiravelmente bem, para montar e tem uma rara elegancia conduzindo o animal pelos differentes passeios. Você já sahiu alguma vez com ella, Sorensen?

— Nem que o quizesse, meu amigo! Vou lhe contar o motivo, mas não se ria... Tenho um pavor tremendo a cavallos! Nem imagina! E' uma cousa que tenho commigo desde criança e não consegui de mim tirar, ainda. Lógo... Houve mesmo, durante uma das filmagens della, um caso que me poz envergonhado e que muito divertiu a ella. Conversavamos, quando, proximo a nós, poz-se um **cow boy** qualquer a conversar, tambem. Eu comecei a sentir o cheiro do couro das suas vestes e um caracteristico odor de cavallariças. Pois bem. Puz-me tão nervoso, que, ali, não foram poucos os que pensaram que eu estava ficando maluco... Lembro-me que ella se riu immensamente. Tanto, mesmo, que quazi cáe da poltrona aonde se achava sentada...

— Quando, durante o ultimo verão, eu tive uma pequenina casa em Malibu Beach, Greta Garbo gostava de apparecer lá.

Disse John Loder.

— Durante esta epocha, éra preciso, mesmo, que ella e minha mulher se encontrassem diariamente, porque, como talvez saiba, trabalhavam, juntas, para a versão allemã de **Anna Christie,** que a M. G. M. ia produzir. Haviam-lhe dado o original. Ella o havia recusado. Porque, fallando e conhecendo o allemão, profundamente, achára gravissimos defeitos nos dialogos que haviam sido escriptos. E, assim, ambas, diariamente, refundiam os mesmos dialogos. Depois dos trabalhos, durante a tarde, ella dava um passeio pela praia e, depois, nadava, durante uma meia hora. Ella jamais deixava de estar presente á hora do sol se pôr no horizonte... "Que espectaculo!", exclamava ella e ficava durante horas e horas, vendo as ondas se partirem, ali, no seu rythmo eterno... Não tinhamos criada, ali, porque de nada adiantaria e mais encanto dava, mesmo, ao lar, aquelles instantes em que a gente passava cuidando de si proprio, mesmo... Não éra raro ver-se Greta Garbo entrar pela cozinha a dentro e, com perfeição, frigir ovos, preparar omeletes e demais comedorias que, depois, saboreavamos muito satisfeitos. Ella costumava se recolher, mais ou menos, ás nove horas da noite. E quazi que fazia isto religiosamente.

— Minha mulher acha, mesmo, que Greta Garbo é uma das mais perfeitas creaturas que já conheceu, em sua vida. Ella, na verdade, não tem menor pose ou a menor pretenção. Tanto dá valôr á um pobre, quanto á um principe. Ainda que famosos, os estrangeiros que como tal se apresentem á ella, não conseguirão mais do que attenções communs. Lembro-me, á este respeito, de uma occasião em que me telephonou o meu amigo Clive Brook. Disse-me elle: "Escuta, John. Ramsay Mac Donald Jr., que ,como sabes, é o primeiro ministro do nosso Paiz, acha-se aqui e sei que gostaria immenso conhecer Greta Garbo. Poderia você facilitar essa apresentação?". Eu, que conheço de sobra o seu genio, desculpei-me claramente com Clive. Afinal, elle concordou commigo. E teve uma idéa. "Bem, podes deixar. Já me lembro, agóra, que elle me fallou de um banquete, com a M. G. M., ao qual ella comparecerá, para homenagear o nosso amigo e conterraneo. Podes deixar disto, sim!". E nada mais eu soube do caso. Dias depois, porém, conversando com ella, ouvi a sua confissão, indignada.

— Imagine você! Quizeram, hoje, da M. G. M., que eu comparecesse á um banquete em homenagem á um cavalheiro inglez de importancia! Sabe o que lhes respondi? Que não fizessem cortezias com bens alheios..." E foi assim que terminou o banquete do qual me fallára Clive Brook... Ella, diga-se de passagem, tem verdadeira ogerisa pelos estranhos, mesmo. Perto delles, não se sente bem. Fica constrangida, ainda que não queira. Quando existem pessôas, no seu set, que ella não conhece e que teimam em observar o seu trabalho, ella não mais trabalha, a menos que todos se retirem. Sinceramente fallando, ella gostaria que o publico a tratasse como uma creatura commum e que lhe desse, depois dos seus films, uma liberdade total, nem siquer ligando á ella, mesmo. Ella recebe milhares de cartas de **fans.** E', mesmo, das que mais recebe. Mas não responde á nenhuma dellas. Apenas lê as que têm sellos da Suécia. Ultimamente, de lá, só tem recebido censuras. "Porque fez você esse papel, Greta Garbo?" Pergunta-lhe uma. "Você fará o mundo todo pensar que as pequenas da Suécia são todas assim, minha admirada estrella!" E censuras e mais censuras... Isto a magôa, com certeza. Porque, antes de mais nada, não é ella, propriamente, que escolhe os argumentos. Apenas é consultada sobre as possibilidades de interpretar isto ou aquillo. E, sendo âssim, é evidente que culpa alguma lhe cabe por qualquer cousa que succeda, neste sentido. Mas, apesar disso tudo, ella costuma se rir bastante de muitas das cartas que recebe.

John Loder e Sorensen, concordam num ponto de vista. Acham, ambos, que Mauritz Stiller foi o unico e verdadeiro amor de Greta Garbo. Ella, até hoje, ainda sente profunda paixão pelo homem que a conduzio para a arte. E' facil ver-se, por exemplo, que Sorensen é, mesmo, daquelles que se sentem enlevados por ella. Mas elle se sabe pôr no seu lugar e comprehende, perfeitamente, que, no coração della, não ha lugar para elle. Sendo seu patricio, é logico que ella o receba com grande amisade e sinceridade. E, assim, tem elle o direito de estragar isto tudo com uma proposta ou uma phrase menos delicadas? Mas Sorensen não é principe e nem seu namorado de infancia. Elle é o filho de um millionario Suéco, dono das mais importantes fabricas de caixas da Suécia. Sua familia reside em Stockolmo. Diz elle que o primeiro encontro que teve com Greta Garbo, foi quando ella cursava a Escola Dramatica Real de sua cidade. Elle conhece toda a familia de Greta Garbo, perfeitamente.

— Jamais tive gosto para fazer caixas ou vender caixas.

Disse-nos elle.

— Sempre me inclinei para as funcções diplomaticas. Mas ainda é cedo e com 24 annos, apenas, a idade de Greta Garbo, aliás, eu não me sinto com sufficiente efficiencia para tentar qualquer cousa neste sentido. Ha tempos, quando da sua ultima visita, contou-me ella peripecias e cousas intrigantes de Hollywood. E, com isto, despertou, em mim, um profundo interesse em conhecer esta Cidade. Eis porque aqui me acho, a passeio. Além disso, viajo por conta de um amigo intimo de meu pae, o chefe de uma das mais importantes companhias de navegação do nosso Paiz, que me deu um bilhete livre para a California, via America do Sul. Quando cheguei a San Diego, o capitão do vapôr me disse que telegraphasse a Greta Garbo, convidando-a a vir jantar comnosco a bordo, para celebrar um acontecimento suéco, entre suécos... Ella veio e, não sei como, diversos reporters souberam do telegramma e vieram, loucos, averiguar o que havia commigo. A todos neguei que qualquer cousa soubesse a respeito della ou siquer que a conhecesse. E elles, desapontados, photographaram-me e, nas suas edições respectivas, fizeram imprimir a photographia do "Valentino da Suécia". Cousa que, afinal, servju bastante para Greta Garbo e eu nos rirmos bastante da **piada**... Meu passaporte expira em Setembro e, para este mez, eu tenciono o meu regresso. Apreciei muito o trabalho de assistente de director que Jacques Feyder me deu, quando elle trabalhou com Greta Garbo. Eu sinto que gostaria muito de trabalhar atraz da **camera,** em qualquer assumpto technico. Mas... Como já disse, atraz, eu, realmente, não sei, mesmo, o que quero fazer...

Foram as ultimas cousas que ouvimos aquella noite. Já não dá para satisfazer a curiosidade de muita gente?...

Cinema de Amadores

(FIM)

na. Mas se estão sujos e em desordem, indicam a pobreza e a inferioridade.

A seda representa o luxo, o **chic,** de um homem efeminado, ao mesmo tempo que representa o vampirismo e o sexualismo na mulher. As pelles indicam a vaidade e a aristocracia, dependendo, porém, dos sapatos e, ás vezes, do chapéo. Uma mulher com uma pelle cara e sapatos de saltos excessivamente altos representa o typo cinematico da "Mulher Perigosa."

As joias são as maiores indicadoras do typo. Usadas pela manhã, indicam vulgaridade, assignalam o novo-rico. Usadas em excesso e em qualquer hora, indicam ostentação. Mas algumas joias bôas, usadas modicamente, assignalam a cultura e a fineza de espirito.

Fóra de todas as convenções, muitas suggestões estranhas são trazidas pelo physico da pessôa que faz o typo. O traje sportivo, que fica tão bem no homem magro e alto, fará do homem cheio de corpo um motivo de comedia. O collarinho de pontas viradas, que fica tão bem em qualquer homem, em geral, seria um desastre para o homem cheio de corpo. As pestanas que se arrancam de uma face provocadora, não podem ser arrancadas de uma outra mais severa. Por isso, faz-se o **test** cinematographico para indagar-se delle, por exemplo:

— Este actor caracterizado e vestido como se acha agora, suggere mesmo um advogado, e não outro qualquer typo?

Vestir os actores de accordo com os typos que elles representam, ajudará muito o serem identificados pela assistencia. Os espectadores reconhecerão immediatamente a entrada de um personagem em scena, e seguil-o-ão mais facilmente pelo desenvolver da scena em deante.

Sem a ajuda do "typo" póde-se confundir o extra e até mesmo o actor principal. A falta de correcção na apresentação do typo é o principal defeito dos dramas feitos pelos amadores.

(Termina no fim da revista)

A linguagem das imagens voltará?

(Conclusão do numero anterior)

E este mesmo effeito, mechanicamente, é quazi impossivel.

— Nossos Cinemas, quazi todos, embóra os mais perfeitos em acustica, nada mais offerecem, ao publico, do que figuras ridiculas e asnaticas a ornejar atraz das télas e atravéz as boccas photographadas dos artistas (!)...

— O Cinema Silencioso, éra como a mulher bonita. Mysteriosa. Intrigante. Quiéta, como as aguas placidas de um lago cheio de romance e sonho... Pois bem. Essa cavalheira abriu a bocca. Fallou... Excusado será dizer que perdeu todo o seu encanto...

— O publico já se saciou da novidade. E, agóra, embóra supportando, já começa a se aborrecer.

— Os films silenciosos. Os melhores delles. Eram um encanto admiravel! Apresentavam novas physionomias. Novas personalidades. Novos angulos de machina. Novos artificios de **scenario**. E, além e principalmente. Novos e originalissimos effeitos de direção. Dia a dia progredia. Dia a dia avançava e tornave-se o unico.

— A pantomima, sempre, foi vezes e vezes superior á voz.

— Quando um bom artista mostrava o que queria e o que sentia, por intermedio da pantomima, a idéa éra impressa com muito maior propriedade e desembaraço. E a audiencia, fosse de onde fosse, achava aquillo admiravel. Porque era silencioso. Porque só trazia encantos.

— Para se calcular o desastre que é um film fallado, basta que imagine, por um só instante, o que seria um film de Charles Chaplin, com palavras e sons, em lugar de sua pantomima admiravel e tão intelligente...

— Concebam, se conseguirem, Janet Gaynor, naquella agua furtada, perto do seu **Setimo Céu**, tentando exprimir com palavras toda a exhultante belleza de ternuras que seu coração sentia...

— Já tivemos, no Cinema silencioso, scenas e scenas de bellezas incalculaveis. Cheias de força latente. Cheias de subtil tragedia. Brilhantemente alegres e cheias de um enthusiasmo que a todos se transmittia.

— As audiencias, com os films silenciosos, avizinhavam-se, cada vez mais, das historias que, silenciosamente, lhes eram contadas pelas **cameras** e pelos artistas só photogenicos e agradaveis que o Cinema tinha

— A voz, quando veio, privou a audiencia dessa deliciosa intimidade que já gozava com o Cinema silencioso.

— A voz, no film fallado, é como que uma campainhazinha a tinir, sem cessar e a perturbar, assim, os espiritos concentrados dos espectadores. Não lhes permittindo, absolutamente, sentir toda a belleza de qualquer scena que se esteja desenrollando.

— O silencio é ouro. Disse a voz do povo. Que é a voz de Deus... E não será sensação alguma, por certo, se alguma empreza apparecer, de repente, que só produza, para o publico eminentemente prejudicado com o Cinema fallado, films silenciosos e apenas synchronisados com bôa e sadia musica. Não querem?

Isto, disse Michel Gibbons. Pela sensatez das suas opiniões, sempre emittidas nos seus commentarios, nessa mesma revista, nota-se claramente, o seu grande conhecimento do **mettier.** Mas, elle não está só.

David Belasco, empresario theatral e escriptor de innumeras peças de grande successo. Declarou, em nota que o **Film Daily** publicou, recentemente, que,

— Se fosse mais moço e tivesse mais fortuna. Formaria uma companhia capaz de produzir films silenciosos. Os verdadeiros e os legitimos representantes da arte no Cinema.

E david Belasco, note-se, é um homem que sempre foi de theatro e sempre escreveu **peças**. Porque esta sua opinião? Porque sua consciencia dóe ao ver tantos attentados contra duas artes, simultaneamente: o Cinema e o theatro. E, assim, reage elle. E Justamente.

Não fructificarão exemplos assim?

Thomas Edison, o grande Edison. Intellectual de valôr indiscutivel e figura tão eminente em todo o mundo, diz, do Cinema fallado, o seguinte:

— O publico se cançará dos **talkies.** As vozes no Cinema, jamais substituirão a excellente representação dos antigos films silenciosos, tão soberbos!

Não merece respeito, uma opinião assim sensata?

George Jean Nathan, critico theatral de renome, diz isto do Cinema fallado:

— Theatro, é arte. Cinema fallado é victróla atraz da téla...

Norma Talmadge, artista de Cinema, das mais conceituadas e antigas, diz:

— Não ha **dialogos** ou films fallados, por mais perfeitos, que traduzam as emoções de um simples idyllio silencioso...

Martin Flavin, autor theatral, diz, do Cinema fallado:

— Os films fallados jamais supplantarão o Cinema silencioso e nem, muito menos ,as peças theatraes. Só mesmo se o publico não raciocinar.

John Anderson, chronista theatral, diz:

— O film fallado é descolorido, em seus dialogos, tanto quanto um quadro copiado de um grande mestre. O theatro é infinitamente superior.

Gilbert Seldes, diz:

— Máo Cinema e pessimo theatro, é o que é o Cinema fallado. Seria melhor não continuar...

Clyde L. King, diz, tambem:

— Cinema, illusão doirada que todos queriamos bem. Cinema fallado, sogra que encontramos até atraz de uma téla...

E chega. Não é preciso mais nada. Basta o quanto já foi dito. Para que continuar?

As cousas hão de mudar. Disto podem ter todos a certeza. E talvez não demore muito, mesmo...

Anna Christie

(F I M)

— Meu Pae, porque não, deixou?

— Porque sei que ainda serás feliz, minha filha...

E, á entrada, antes de se recolher, fazendo com que ella promettesse não mais tentar se matar. Deu-lhe um revolver.

— Anna. E' para Matt, se elle tentar contra você!

E foi-se deitar, finalmente calmo.

Quazi pela manhã, passos pesados soaram ao lado do camarim de Anna e, num impulso Matt entrava.

Estava quazi embriagado de todo. Chorava e tinha um aspecto deprimente e miseravel.

— Anna... E's uma infame! E's a peor dellas todas. Mas... Eu te amo! Não sei viver sem ti! Minha Anna!!!

Abraçou-a. Beijou-a, longamente, com todo o alcool do seu cerebro.

Depois, soluçando violentamente, perguntou-lhe:

— Mas... Anna! Fui eu o primeiro que você amou?...

Ella nada respondeu. Apenas o fez deitar e, com muito carinho, com muita amisade, disse, emquanto o via adormecer:

— Meu Matt... Você limpou minha vida! Fez-me outra!

\+ \+ \+

No dia seguinte, ambos iam embarcar, com destinos differentes. Ambos a queriam levar comsigo. Chris, para o norte. Matt, para o sul.

Ella, arranjou a melhor solução.

— Fico. Montarei aqui um lar para ambos. Serei sua esposa ou sua amante, Matt. Como quizer. E para você, meu pae, serei a melhor das filhas. O mar... E' tudo para ambos! Eu... Não quero ser melhor do que minha pobre mãe...

E ali, cada vez que ambos voltassem. Encontrariam, além de braços amorosos e beijos quentes. Um lar que é o lar sempre abandonado e sempre esperançoso de toda familia de marujo...

(Discripção especial para "Cinearte").

O Eterno Triangulo...

(Continuação do numero anterior)

nal, refestelado numa comoda poltrona... Mas Gloria havia terminado **The Tresspasser** (Tudo pelo Amor). Sentia-se infeliz naquelle instante de enervamento, porque queria um carinho, queria um amor, queria uma felicidade que, parecia-lhe, éra-lhe gradativamente roubada.

Annunciou aos jornaes.

— Vou buscar o meu **Hank.** Quero-o aqui ao meu lado! Chega de solidão e de viuvez artificial...

Quando chegou a Paris, estava mais exhausta do que nunca, mais nervosa do que nunca. Precisava urgentemente de descanco e socego. Mas Henri tinha innumeras idéas para divertil-a. Propoz uma excursão a Deauville. Justamente na estação das corridas, estavam então. Jantavam á meia noite e almoçavam ás 4 da tarde... De Deauville, correram para Paris, de novo. E Gloria, depois disso, gastou dias e dias, comprando roupas. Chegou-lhe o pedido dos Estados Unidos. A United ia lançar **The Tresspasser** (Tudo pelo Amor), em Londres e Gloria deveria, de lá, irradiar uma de suas canções. Immediatamente fez ella a viagem e, lá chegou, mais cançada e mais nervosa, ainda. Os seus chefes, disseram, mesmo, que jamais haviam visto uma creatura chegar a tal extremo de nervoso. Principalmente depois da sua irradiação.

Todos sabem, sem duvida, o que o film foi para Gloria Swanson, em materia de successo e o quanto ainda está dando, até hoje, nas suas correrias pelo mundo afóra. Sabem todos, ainda, que Gloria Swanson, em Hollywood, éra a primeira estrella genuinamente de Cinema, que vencia com mais brilhantismo do que uma estrella de theatro. Não só em materia de voz, como, tambem, em materia de representação.

Mas de que valia tudo isso? De que? Gloria voltava para Hollywood, pouco depois e, afinal, não conseguia trazer aquillo que fôra a causa toda da sua viagem... Henri...

O que accontecia a Gloria Swanson, accontece mesmo á uma dactylographa ou á uma cozinheira. A mulher, sempre, comprehende o nervozismo do marido. Analysa as suas tristezas. Sabe quando está demasiado o seu estado neurasthenico. Mas um marido jamais presta a mesma attenção á mulher.

Um marido. Principalmente quando é um marido vagabundo, como Henri, não pode analysar, mesmo, uma esposa infeliz. Elle não quer uma esposa infeliz. Nem que ella seja linda e rica. Nada o interessa, e, sim, apenas o aborrece uma esposa cançada. Elle quer uma mulher que o divirta e o distraia...

E foi com estes principios de moral e de educação, que Henri de Bailly de la Falaise, Marquez de la Coudray, ou o que mais seja, cazou-se com Gloria Swanson, em 1925. Acompanhou os passos de sua gloria. Éra uma especie de **empresario** della. Éra, antes, o seu **agente.** Tentou ser artista. Falhou. Depois, vendedor de manuscriptos. Falhou. Depois escriptor. Peor fracasso, ainda...

E começou elle a ver, finalmente, o quanto Gloria trabalhava, e como este mesmo trabalho a preoccupava e tomava a mente toda. Esquecendo-se ella, quando em trabalhos, mesmo das menores cousas, a não ser de seus filhos. E assim, quando começaram a escassear as diversões. E, ao seu lado, Gloria continuou os seus successos e os seus trabalhos. Elle, que só queria se divertir e só queria gosar a vida, esqueceu-se de tudo quanto ella já fizéra por elle, e, em rapidos instantes, começou a sentir um profundo **spleen.** Como consequencia, começou a amiudar as suas viagens a Paris e a diminuir os seus regressos...

A tragedia maior, em tudo isto, é que Gloria não pode abandonar seu trabalho e, assim, procurar reconquistar o affecto deste homem que, apesar de tudo, ainda ama.

Com Constance Bennett, dá-se o contrario. Constance está representando. E' a verdade. Mas Constance começou com muito mais do que Gloria e, assim, a lucta sempre será menos intensa.

Constance já nasceu uma personalidade. Porque éra filha de Richard Bennett, para começar. E, depois, jamais precisou cahir numa série de grandes trabalhos e films inferiores, como accontceu a Gloria Swanson. Já criança, Constance éra linda. Educou-se, illustrou-se, só pensava em estudos e em educação. Porque em nada mais tinha que pensar. A vida éra-lhe um fardo levissimo. Éra cheia de vontades e nunca teve, na existencia, aquillo que é um dos maiores valores de Gloria Swanson. A lucta pela propria existencia, a lucta já criança, para a conquista do pão que a alimentaria...

Constance começou a vida, fugindo com um collega de collegio. Seus paes annullaram esta loucura. Começou a dansar, a dansar, a dansar, até que dansou com Phil Plant... Um homem de experiencia que, na sua bagagem sentimental, já trazia uma quazi meia duzia de matrimonios... Apesar disso tudo, ella se fez Mrs. Plant... Passaram-se annos. Ninguem mais fallou nella. Afinal, um bello dia, regressou ella da Europa. Com um filho e um divorcio...

Constance, disse, naquella epocha:

— Entre o trabalho e os passeios, prefiro os passeios. Qualquer sorte de carreira não paga a felicidade, no amor. Tanto para o homem, quanto para a mulher.

E quando Gloria Swanson falla, sempre menciona seu lar, seus filhos, sua carreira.

E' a voz da artista.

Qual o fim disto?

Talvez Gloria reconheça que é **tempo de deixar** sua carreira por Henri.

Pode ser que Constance comece a trabalhar e só pense no seu trabalho...

Mas continuarão, emquanto o mysterio não se resolver e não se explicarem os encontros de Constance e Henri, por toda a Europa, embóra **occasionaes,** a formar o mais resplendente de quantos eternos triangulos que até hoje já se viram em Hollywood...

Conrad Nagel e Rose Hobart serão os principaes artistas de **The Lady Surrenders,** titulo escolhido para a novella de John Erskine, **Sincerity",** que John M. Stahl está dirigindo para a Universal.

+O+

A filha de Tom Mix, Ruth Mix, acaba de se casar com Douglas Gilmore.

+O+

John Boles e Jeannette Loff serão os protagonistas da versão fallada de **Redomoinho da Vida,** que Rupert Julian está dirigindo para a Universal. Eric Von Stroheim, autor do argumento, vendeu por muito bom dinheiro os direitos para a sua versão fallada.

INTERESSAM AO SEU MARIDO AS DEMAIS MULHERES?

Toda a esposa se sente ferida quando vê que seu marido olha para uma joven de cutis mais bella que a sua. Essa esposa sabe que já não é tão fascinadora como o fôra quando o amor começara a florescer. Não obstante, nada teria ella por que temer se houvesse tomado a precaução de fazer com que á superficie da sua pelle viesse resplandecer a encantadora cutis que ella possue debaixo da envelhecida. E' preciso fazer desapparecer a cuticula exterior gasta, o que se consegue por meio da applicação da Cera Mercolized. Esta substancia é encontrada em qualquer pharmacia e applica-se á noite, antes de deitar-se. Procedendo assim, rapidamente se recupera a cutis juvenil e com ella todo o seu feminino poder de seducção.

Tela em Revista

(Conclusão do numero passado)

E, assim, são igualmente seus films. Bem por isso é que a figurinha de Betty Amann, modernissima e admiravel, perde-se naquelles ambientes allemães e maior impressão e realce dá ao film.

Mas, por isso mesmo, é um film admiravel. Sente-se a responsabilidade daquelle policia. Comprehende-se a sua profunda quéda moral, quebrando-a. E acha-se perfeitamente possivel aquella situação de filho ser preso, automaticamente, quasi, pelo proprio pae. E' a responsabilidade militar do allemão. Está plenamente justificada...

Os ambientes, são admiravelmente bem escolhidos. O inicio do film, todo elle, é do mais puro Cinema. Desde a apresentação de Albert Steinrück e Elza Heller. Até á scena da joelheria, quando Gustavo Froëlich prende Betty Amann.

O detalhe daquelles batedores de carteira, é esplendido.

Dahi para diante, o film vae crescendo em dramaticidade. E, para perfumar o tom quasi tragico dessa mesma dramatricidade, ha o romance de paixão ardente entre Gustav e Betty. A scena em que ella o impede de cumprir o seu dever, é, em sensualismo e formosura, uma das cousas mais formidaveis que já foi dada á um **fan** assistir. Principalmente depois que a machina se abaixa para focalizar o chapéo do policia, cahido, symbolisando, ali, o dever ultrajado...

Nessa scena é que se vê a sorte de bôa artista que Betty Amann é. Sente-se o que é aquella luta que ella sustenta contra aquelle homem, quebrando-lhe a energia, a poder de amor. E comprehende-se, perfeitamente, qual o seu desespero, vendo que quasi o perdia e se perdia e, ahi, saltando sobre elle, como se fosse uma férazinha esfaimada e, num só beijo, derruba todo o caracter daquelle moço...

Depois disso, continúa o film a seguir o seu rumo. Apresenta Hans A. Von Schletov. Fal-o commetter um roubo bem urdido. E, num instante, colloca-o defronte á sua amante que, nos braços, tem um outro homem. O policia que ella seduzira.

Ha a luta. Feróz. De exterminio! E, nella, com todo o outro roubado. Com toda a fortuna que trouxéra. Tomba, morto, o homem que tinha a photographia ao lado do leito de Betty Amann...

Vem a prisão do rapaz. O desespero daquella mãe. A redempção natural, ex-

pontanea, logica, Daquella **flor do asphalto** que lavára seu caracter no sangue que aquelles dois homens haviam perdido por sua causa...

E termina o film, na ultima promessa que elle lhe faz.

— **Elza**, eu saberei esperar por ti

Ahi está. O film é isto. Ainda está, interiormente, cheio de outras tantas scenas magnificas. Aquella em que Betty atira joias e pelles e pergunta a Gustav se aquillo é necessidade... E' um outro portento.

Mas, a parte tudo isto. Deve-se salientar, em primeiro plano, a direcção de Joe May. A maneira pela qual elle controlou os artistas. A maneira pela qual photographou os seus artistas. E as composições que arranjou para enfeitar o seu film. O final daquella luta e aquelle apanhado de Betty, anniquilada, encostada áquelle batente de porta, apenas descendo um braço, lentamente, como que num desanimo intenso de nada poder ter feito para evitar aquillo tudo. Vale o film! E, como Betty, Gustav Froelich, Albert Steinruck, Elza Heller e Hans A. Von Schletov, todas, representam com perfeição.

Não percam este film. E' um desses films que os allemães fazem, de quando em vez e que merecem, do mundo todo, os chapéos tirados, na maior das reverencias. Note-se, nelle, a differença entre um bom film silencioso e esses **talkies** que temos visto e ouvido, por ahi...

Houve a montagem de uma rua inteira e a super-visão, com certeza, de Erich Pommer.

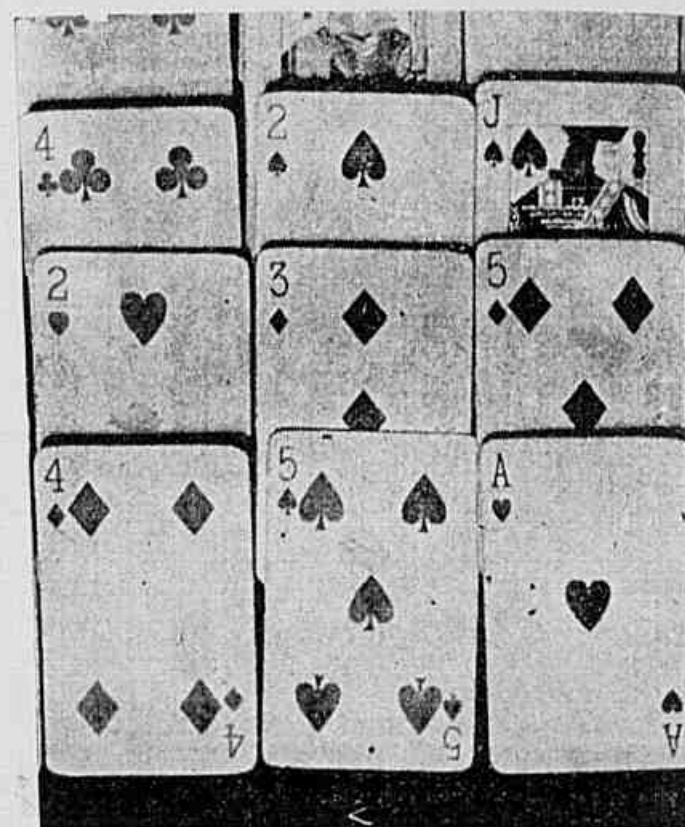
COTAÇÃO: — 10 pontos.

Como complemento, um Ufa Jornal e um film da secção Cultural, apresentando uma gymnastica Chineza. Fiquem firmes!...

Cinema de Amadores

(FIM)

Uma dactylographa da melhor qualidade, emprestada por uma das mais importantes casas commerciaes, quando apresentada ao publico, na tela, pode ás vezes nem dar a idéa de que é mesmo uma dactylographa. Dê-se á pequena o aspecto dado pelo typo cinematico de uma dactylographa, e deixe-se que o publico julgue. O resto é uma questão de parecer.

O FUTURO ATRAVES DAS CARTAS

Sempre foi a preoccupação maxima da humanidade conhecer o porvir. As chiromantes lêem nas linhas das mãos a *buenadicha* e as cartomantes procuram no mysterio das cartas saber o que nos reserva o destino.

Para todos..., a elegante revista que todos conhecem e apreciam iniciou uma interessante secção de cartomancia inteiramente gratuita para os seus leitores que "deitarão as cartas" por suas proprias mãos remettendo o resultado obtido para a redacção em um pequeno mappa que a revista publica e recebendo em seguida a resposta á sua consulta com o seu futuro desvendado.

Vejam o *Para todos...* e experimentem a sorte

O Director de "Parallelos da vida"

(FIM)

— Mas... E' contrario aos beijos?

Não. Isto é... Gosto muito delles. Isto é! Bem... Não é isso, propriamente... Mas é que... Sim, beijos! Citei os excessos e não disse que não gostava delles...

— Mas... aqui entre nós! Você notou os excessos ou ficou...

— Ficou o que?

— Com inveja do galã?...

— Óra... Deixe-se disso!

— Bem, então voltemos ao Cinema Brasileiro. Qual a artista do Cinema Basileiro que mais admira?

— Admiro, em primeiro, logar, Almery Steves, do Cinema Brasileiro de Pernambuco. Fiquei muito satisfeito sabendo que, ha pouco, elle fez outro film. Acho-a muito desenvolvida e explendida artista. E, das daqui, Gina Cavallieri. Não que a ache tal, porque trabalhei com ella, não. Mas é que já a vi em outros films e sei que é uma esplendida artista.

— E dos rapazes?

— Raul Schnoor. E' facil de se dirigia e é muito bom artista.

— E, Gentil, qual é o seu ideal?

— Depois de fazer Cinema Brasileiro, meu amigo, confesso-lhe, é o problema do alcool motor. Isto é. O problema que Pernambuco e Alagôas já solveram e que, em breve, haveremos de solver tambem. Problema esse que maiores e enormes lucros virá a dar para o Brasil. Tão enthusiasmado estou com elle que, depois do lançamento de **Parallellos da Vida**, iniciarei, a seguir, um outro, com um thema que, todo elle, girará em torno do problema do alcool motor. Isto é. Assumpto que explore, devidamente, as possibilidades desta innovação e lhe mostre as vantagens. Tudo dentro de um assumpto empolgante e de um tratamento genuinomente de Cinema. Aliás, admirar e louvar os esforços Brasileiros, é um vicio que tenho desde menino. Sempre que encontro um artigo estrangeiro que tenha similar Brasileiro, declino delle e... francamente adhiro ao da minha terra.

— E qual é o didector americano que mais admira

— Aprecio Cecil B. De Mille e Eric Von Stroheim. Admirei, ha tempo, muitissimo, a Thomaz Ince.

— E qual foi o film que mais o empolgou?

— Foi **Cada qual como Deus o fez** com Thomas Meighan. Lembro-me que tanto admirei que consegui, mesmo, do gerente do Cinema, que desse uma reexhibição, só para que eu o pudesse tornar a ver!

— E... pretende, naturalmente, continuar sempre dentro do Cinema Brasileiro, não é?

— Com toda a certeza! Não poucas foram as emoções que elle já me proporcionou e, assim, eu desejava, francamente, que elle as tornasse proporcionando ao meu espirito.

— Por falar em emoção. Qual foi a mais forte que já sentiu, em sua vida?

— Sem duvida a da noite de estréa de **Retribuição**, no Cinema Royal, de Recife. Ha 5 dias que eu não dormia, nos ultimos preparativos para o lançamento do film. E, finalmente, quando elle se exhibiu, a minha emoção attingiu ao auge, não conseguindo eu dormir, mesmo, por causa dessa mesma tensão nervosa, até ás 5 da madrugada (lembro-me muito bem!) dessa noite de estréa...

— E qual foi a scena que dirigiu com maior carinho

— Foi a da morte do velho, interpretado por Antonio de Souza, no film **Parallellos da Vida.** Gina Cavallieri e Estrella Mar, representaram-na tão bem, tambem, que, sem querer, eu me enthusiasmei violentamente pela mesma e fiz della o meu trecho predilecto desde que dirijo films, no Brasil. E' veddade que eu dosei de um pouco de **hokum** a mesma. Mas, afinal, o **hokum** não é a propria vida?

— E qual é o seu thema predilecto para filmar? Não tem alguma novella, algum romance, que desejasse filmar?

— Tenho. Sempre tive. **Innocencia**, o romance de Taunay! Admiro profundamente aquelle thema e sinto aquella harmonia que elle tão bem descreve no seu romance lindissimo.

— E qual é seu lemma, Gentil?

— O meu lemma sempre foi. E'. E será: **Tudo pelo Cinema Brasileiro.** Que tal?

Foram suas ultimas palavras. O dever já o chamava, novamente e quasi que nós o deixavamos sem almoço, apenas pelo prazer de com elle conversar e ouvir tudo quanto de interessante e agradavel nos disse elle, atravez esta entrevista que estamos agóra transmittindo aos **fans.**

O Publico quer Realismo

(Continuação)

os seus angulos em pról da sêde de realismo que o publico dos Cinemas tem.

* * *

Lon Chaney, citando o seu momento de mais emoção, diz que foi durante a confecção de **O Principe Satan**, nos tempos da Goldwyn. Diz elle que foi a cousa que mais o martyrisou, até hoje, foi aquelle papel. Fazendo o papel de um aleijado. Que tinha as duas pernas decepadas, e, assim, devia andar pelo film todo. E' logico, o que tive a fazer, foi apenas isto. Prender minhas pernas ás costas. Para, assim, fingir, da melhor maneira possivel, ser um aleijado assim. Pois bem. Aquillo me custava, ás vezes, horas e horas de calma, para preparar. Depois, já preparado punha-me diante da objectiva e representava. Ás vezes, nem chegava a representar 10 minutos e já sentia dores tão crueis. Soffrimentos tão barbaros, que francamente, tinha que terminar um pouco o meu trabalho para aliviar, o quanto possivel, as minhas pernas daquelle tormento. E, assim, trabalhei semanas a fio. Para uma arte e para um realismo que o publico dos Cinemas quer...

* * *

Da carreira de Al Jolson, o momento mais cruel, diz elle, foi aquelle em que teve que ficar, para uma das scenas de **Mammy**, horas e horas sob as rodas de um trem, viajando ali, como vagabundo, apenas para um detalhe. E, assim, ensaiou innumeras vezes e, finalmente, depois, todo cheio de cinza, de poeira, de immundice, conseguiu terminar a sua mais séria experiencia, em films...

* * *

William Powell, conta, entre outras cousas, duas passagens interessantes.

— Filmavamos **Romola**, nas costas da Italia. Como sabem, Henry King, o director, tem desusado amor ao realismo. Pois bem. Havia uma scena em que eu me atirava, ao Rio Arno, e nadava, longos e longos minutos, até atravessal-o. Pois bem. Isto nada de mais tinha. Além disso, eu sempre apreciei a natação. Mas... Eu pulava nagua, com roupas pesadissimas que, depois de encharcadas, faziam-me pesar o dobro. E, assim, quando me atirei á agua, eu nada senti. Comecei a nadar. A nadar. Depois de algumas braçadas, mais, eu já nada mais podia fazer e sentia que ia desfallecer. Ahi, cheguei a outra margem. Foi então que o director King me disse que não estava bem e que deveriamos refilmar a mesma cousa, mais adiante...

— Tempos depois, devia eu fazer uma scena, com Charles Lane. Elle, no film, representava meu pae. Tinha que me agarrar, em determinado momento do mesmo e, sob a agua, afogar-me, prendendo-me pela garganta. Pois bem. Aquillo se nos afigurava facil. Porque, afinal, seria um apanhado rapido. Mergulhei e Charles Lane me agarrou pela garganta. Ao cabo de algum tempo, eu já não supportava mais e, num arranco, sahia dagua. Henry King, raivoso, gritou-me que aquillo não servia porque elle queria um **shot** sem interrupção e que, para isto, eu devia ficar bem mais tempo fóra da vista do publico. Assim, num relance, comprehendi tudo. Que não supportaria aquillo. Porque já tinha bebido muita agua e até os pulmões já sentia, doloridos. Assim, combinei com Charles Lane, um estragema. Eu me deixava agarrar. Depois, elle ficaria com as mãos figindo que me agarrava e, assim, eu daria um mergulho e, mais adiante, atraz de umas pedras, á margem do rio, esperaria que elle desse a ordem de corta, para, depois, voltar ás mãos de Charles Lane e sahir dagua. Isto para King não se zangar. Porque, além de tudo, elle é geniozissimo. Começamos a scena. Tudo correu ás maravilhas.

(Termina no proximo numero)

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas moças buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON